

Vicente de Paula da Silva Martins

**GUIA  
TEÓRICO  
PARA O  
ESTUDO DA  
FRASEOLOGIA  
PORTUGUESA**

# **Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa**



**Pedro & João**  
editores



**Vicente de Paula da Silva Martins**

**Guia teórico para o estudo da  
fraseologia portuguesa**



**Pedro & João**  
editores

**Copyright © Vicente de Paula da Silva Martins**

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

---

**Vicente de Paula da Silva Martins**

**Guia teórico para o estudo da fraseologia portuguesa.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 108p.

**ISBN: 978-65-86101-99-7**

1. Estudos da linguagem. 2. Estudo da fraseologia portuguesa. 3. Os Culturemas. 4. Autores. I. Título.

CDD – 410

---

**Capa:** Colorbrand Design

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

**Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil);



**Pedro & João Editores**  
www.pedroejoaoeditores.com.br  
13568-878 - São Carlos – SP  
2020

## **DEDICATÓRIA**

Aos linguistas Prof. Dr Antonio Pamies Bertrán (Universidad de Granada/ Espanha), Profª. Drª Carmen Mellado Blanco (Universidade de Santiago de Compostela/Espanha), Profª. Drª Mª Isabel González-Rey (Universidad de Santiago de Compostela – Espanha), Profª. Drª Cleci Regina Bevilacqua (UFRGS), Drª. Lucia Monteiro de Barros Fulgêncio (UFMG), Profª. Drª. Maria Luisa Ortiz Alvarez (UnB) e Profª. Drª Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (UFC).



## SUMÁRIO

<b>A Fraseologia Portuguesa</b> , por Carmen Mellado Blanco (Universidade de Santiago de Compostela)	9
<b>O Fenômeno Fraseológico</b> , por M <sup>a</sup> Isabel González-Rey (Universidad de Santiago de Compostela – España)	11
<b>Fraseologia, léxico e linguística</b>	15
<b>Fraseologia. Afinal, o que é?</b>	23
<b>Bases teóricas para o estudo das unidades fraseológicas</b>	27
<b>Conceitos fraseológicos</b>	29
O conceito de Fraseologia	33
O conceito de unidade fraseológica	34
O conceito de expressão idiomática	36
O conceito de locução	39
<b>As propriedades fraseológicas</b>	45
A Polilexicalidade	45
A Frequência	48
A Fixação	52
A idiomaticidade	61
A convencionalidade	69
<b>As estratégias de compreensão idiomática</b>	77
<b>Os culturemas</b>	89
Os culturemas como unidades linguísticas	89
<b>Considerações Finais</b>	99
<b>Referências</b>	101
<b>Sobre o Autor</b>	119





## A FRASEOLOGIA PORTUGUESA

Tenho o prazer e a honra de realizar o prefácio da obra *Guia Teórico para o Estudo da Fraseologia Portuguesa* para Vicente Martins, desde 1994, professor de Linguística, Fonética e Fonologia, Aquisição de Línguas e Língua Portuguesa na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA) em Sobral.

O presente trabalho, que revela alto grau de maturidade, é amplamente nutrido pelo conhecimento adquirido no período de doutorado (2010-2013) de seu autor, que culminou em uma brilhante tese de doutorado em pesquisa psicolinguística sobre os processos de compreensão de expressões idiomáticas por estudantes africanos lusófonos, tese dirigida por minha amiga e renomada fraseologista Rosemeire Selma Monteiro-Plantin, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Este livro é uma amostra da vitalidade que a Fraseologia está adquirindo além da Europa, especificamente em português do Brasil. Os dois congressos internacionais de Fraseologia e Paremiologia realizados respectivamente em Brasília (2011) e Fortaleza (2013) atestam o enorme impulso que esta disciplina linguística está recebendo neste país, o que também explica a formação de uma Sociedade Brasileira de Fraseologia e Paremiologia em 2013. Com esses dados em mãos, podemos afirmar, sem medo de errar, que a Fraseologia do Português Brasileiro é um propulsor dentro do território ibero-americano e superou em muito a etapa de pesquisa em português europeu.

Tudo isso significa que a Fraseologia Portuguesa não é mais "o patinho feio" da Linguística, para usar uma metáfora de Rosemeire Selma Monteiro-Plantin

A obra de Vicente de Paula da Silva Martins se destaca por vários aspectos dignos de menção detalhada. Em primeiro lugar, soube conciliar a tradição fraseológica europeia, especialmente a proveniente da Espanha, com correntes linguísticas estabelecidas como o estruturalismo e, em menor grau, com a linguística cognitiva, bem como com as teorias dos mais renomados pesquisadores da Fraseologia Brasileira. Desse modo, os critérios de definição estabelecidos para as fraseologias de "polilexicalidade", "fixação", "idimaticidade" e "convencionalização" são

mostrados a partir de uma perspectiva conciliatória de várias correntes linguísticas e autores de diferentes procedências geográficas e tradições linguísticas. Tudo isso faz desta obra uma magnífica síntese do estado atual da questão dos estudos fraseológicos no Brasil, servindo como guia teórico para todos os leitores interessados em aprender sobre as peculiaridades das unidades fraseológicas do português brasileiro.

De forma muito especial, cabe destacar a contribuição do trabalho de Vicente de Paula da Silva Martins para o estudo da cultura fraseológica do português brasileiro. Nesse sentido, vale ressaltar que, no português do Brasil, entre 3.000 e 4.000 palavras de origem africana sobrevivem dentro da variedade oral, segundo dados do próprio autor. Esse fato coloca o português brasileiro em uma posição privilegiada para o estudo de culturemas, não apenas do ponto de vista intralinguístico, mas também contrastante em relação à variedade europeia de português. Por esse motivo, considero que o trabalho de Vicente de Paula da Silva Martins completa parte de uma lacuna de estudo muito importante que deve ser aprofundada dentro e fora do Brasil, uma vez que a análise do culturema pode ajudar a entender o valor da imagem e o significado da imagem, a opacidade no processo de compreensão das unidades fraseológicas por falantes não nativos.

Para concluir, e em consonância com o exposto, considero que esta obra representa um importante passo adiante na pesquisa fraseológica do português brasileiro, e não apenas por saber como sintetizar e implementar teorias desenvolvidas em outros idiomas, como o espanhol em português ou francês, mas também por abrir novos campos de estudo. Com isso, estou me referindo ao interessante campo dos culturemas baseados em palavras de origem africana no português do Brasil, estudos que, com a ajuda da Linguística Cognitiva, podem eventualmente produzir resultados interessantes. O valor deste trabalho se torna ainda mais evidente se considerarmos que sua metodologia de estudo também pode ser aplicada a outras variedades diatópicas da América Latina com um forte componente estrangeiro ou indígena em seus respectivos vocabulários, como ocorre em muitas das variedades de espanhol faladas na América Latina.

**Carmen Mellado Blanco**  
Universidade de Santiago de Compostela (Espanha)

## O FENÔMENO FRASEOLÓGICO

Atualmente, o fenômeno fraseológico está alcançando grande relevância na maioria das ciências da linguagem. Em muitas delas, esse interesse provoca, em maior ou menor grau, uma "fraseologização" generalizada da linguagem, como diria Jean-René Ladmiraal (2015: 232-233<sup>1</sup>) - não sem um certo receio -, conduzindo fortemente a uma revolução epistemológica fundamental nas mesmas. Mas a atenção que cada vez mais que linguistas e outros especialistas prestam à fraseologia das línguas pode ser devida não apenas a uma tendência passageira, mas também ao justo reconhecimento que esse campo está finalmente recebendo.

A Fraseologia é uma disciplina científica que foi gradualmente construída graças ao bom discernimento dos primeiros linguistas de recorte estruturalista. Pouco a pouco, surgem dados que mostram como o fenômeno fraseológico ganhou vida em todos os lugares quase ao mesmo tempo em cada uma das línguas foi descrita para fins didáticos. Por isso, é curioso ver como o fundador "oficial" da Fraseologia, reconhecido como tal na Europa, o linguista suíço e professor de francês na língua francesa, Charles Bally, por sua obra de 1909, *Traité de Stylistique Française*, mas, no Brasil, um "tratado" sobre expressões idiomáticas pode ser encontrado na obra do também linguista e professor Eduardo Carlos Pereira, em sua *Gramática Expositiva: curso superior*, obra publicada dois anos antes do professor Bally, em 1907. Isso representa um fato certamente notável, não tanto para questionar quem foi o primeiro a fundar a Fraseologia, mas para verificar como, de lugares distantes, diferentes especialistas notaram a presença de uma combinatória fixa na linguagem que certamente afeta sua descrição.

Dados como este são o que este volume nos proporciona, um volume em que seu autor apresenta como seu primeiro trabalho científico no campo da teoria fraseológico. Embora este livro seja

---

<sup>1</sup> Cf. Jean-René Ladmiraal: "La traductologie: entre phraséologie et didactique, em Pedro Mogorrrón Huerta y Fernando Navarro Domínguez (eds.) (2015): Fraseología, Didáctica y Traducción (Studien Zur Romanischen Sprachwissenschaft Und Interkulturellen Kommunikation), volumen 101, Peter Lang, p. 227-240.

colocado sob a premissa de ser uma introdução simples à Fraseologia, protegida pela promessa de trabalhos futuros do mesmo autor para concluí-lo, a verdade é que, desde o início, levanta questões originais que deixam a porta aberta para futuros estudos muito promissores. Quais são essas perguntas? Bem, simplesmente, aqueles relacionados à aquisição, compreensão e produção de expressões idiomáticas, abordadas a partir de uma subdisciplina da fraseologia aplicada: a frasedidática.

Entendida em sentido amplo como didática e aquisição das unidades fraseológicas de um L1 (língua materna) e L2 (segunda / língua estrangeira), a Fraseodidática ocupa um lugar de destaque neste volume. O autor situa seu estudo dentro de uma perspectiva mais restrita, a da aquisição de expressões idiomáticas em L2 (neste caso, a compreensão de expressões idiomáticas, tipicamente do Português do Brasil, por estudantes universitários de países africanos lusófonos), porque, segundo ele, “Saber o que se passa pela mente de um não nativo de uma língua, durante o processo de compreensão das expressões idiomáticas, é preencher, com a pesquisa experimental, as lacunas do campo psicolinguístico. Para este volume, o autor publica apenas parte dos estudos teóricos sem a descrição das suas pesquisas experimentais em psicolinguística aplicada à fraseologia.

A novidade apresentada por este estudo consiste, portanto, em abordar a compreensão das unidades fraseológicas no âmbito da Fraseodidática, mas a partir do prisma da Psicolinguística, com o fim de preencher a lacuna de pesquisas que existem atualmente neste campo na Europa e no Brasil.

Após uma revisão feita pelo autor de diversas contribuições teóricas de fraseólogos e linguistas de ambos os lados, a necessidade de trabalho dessa monta naturalmente se impôs como nova contribuição fraseológica. Além disso, essa contribuição é ainda mais relevante, pois inverte a teoria da idiomaticidade, colocando-a não na estrutura dos constituintes das unidades fraseológicas, mas na percepção dos falantes. É o que o autor afirma quando diz que “a idiomaticidade não está prevista unicamente na composicionalidade ou estruturação das expressões idiomáticas, mas, por sua complexidade semântica, requer o acesso a memória cultural dos seus falantes para se chegar ao sentido metafórico ou idiomático”.

Assim, para se chegar a essa assertiva acima, certamente é necessário levar em consideração as relações entre essas expressões complexas, especialmente expressões idiomáticas, e os mecanismos de entendimento dos usuários, nativos e não-nativos, e proceder à comparação entre eles, e comparar seu próprio procedimento de decodificação e armazenamento idiomático.

Todo o interesse dessa abordagem nos permite focar na competência fraseológica do falante, em sua própria capacidade de determinar se uma expressão é opaca ou não, conforme avançamos em um trabalho anterior<sup>2</sup>.

O objetivo deste trabalho é claro: preencher uma lacuna nos estudos psicolinguísticos sobre a aquisição de expressões idiomáticas no Português do Brasil, ajudando assim a fomentar pesquisas sobre Fraseologia já destacadas no Brasil por inúmeros especialistas (M<sup>a</sup> Luisa Ortiz Álvarez; M<sup>a</sup> Eugênia Olímpio de Oliveira Silva; Rosemeire Monteiro-Plantin; Claudia Xatara, Claudia Zavaglia, Cleci Regina Bevilacqua, entre outras). Portanto, não há dúvida de que as questões mencionadas neste volume não passarão despercebidas e darão origem a promover, se possível, essa atividade maravilhosa em torno de uma disciplina que está expandindo seu campo de estudo das diferentes ciências da linguagem, sem medo a uma "fraseologização" desastrosa, mas, ao contrário, benéfica à linguagem e aos estudos linguísticos.

**M<sup>a</sup> Isabel González-Rey**

Universidad de Santiago de Compostela (Espanha)

---

<sup>2</sup> Cf. "L'opacité dans les expressions idiomatiques: un écart à la norme ou un échec de l'esprit?", em S. Mejri y P. Mogorrón (eds.) 2010, Opacité, idiomatité, traduction, Universitat d'Alacant, p. 179-196.



## FRASEOLOGIA, LÉXICO E LINGUÍSTICA

Este livro é dedicado à Fraseologia, disciplina linguística situada no campo dos estudos do léxico, sendo considerada uma subdisciplina da lexicologia. Ocupa-se das combinações estáveis de unidades léxicas, constituídas por mais de duas palavras gráficas.

As unidades fraseológicas ou expressões fixas caracterizam-se pela polilexicalidade, fixação e idiomaticidade. Com uma variação gradativa, apresentam também as seguintes características: elevada frequência, institucionalização decorrente da sua reprodução ou reutilização, cristalização morfológica e semântica, graus de idiomaticidade e variações fraseológicas potenciais.

Os estudos de fraseologia, nos últimos anos, avançaram muito em termos conceituais e taxionômicos como podemos atestar em muitas pesquisas, livros e artigos científicos que abordam as expressões idiomáticas em diferentes perspectivas e, em geral, reveladoras do comportamento verbal, cognitivo e cultural dos falantes, em particular, os nativos.

O ensino de línguas estrangeiras e a lexicografia, em particular, foram os dois campos de trabalho mais beneficiados com todo o legado de estudos linguísticos com foco nas expressões idiomáticas, o que podemos comprovar, principalmente, com a rica produtividade de dicionários gerais e especializados, dirigidos à sala de aula e ao público geral, enriquecendo significativamente o aumento de verbetes com novas subentradas em que são registradas locuções, nominais e verbais, cristalizadas e marcantes na comunidade linguística.

O ensino de LE também foi beneficiado com as novas propostas pedagógicas inseridas na fraseodidática, novo ramo da Fraseologia voltado ao ensino explícito de expressões idiomáticas. A fraseodidática é uma disciplina, no âmbito da Fraseologia, que se ocupa do ensino e aprendizagem sistemática e com base científica das expressões idiomáticas no ensino de idiomas. Seu objetivo consiste em levar os aprendizes a reconhecerem, memorizarem e empregarem as expressões idiomáticas como unidades polilexicais no seu sentido idiomático, e que seu aprendizado possa ser aplicado, adequadamente, em situação comunicativa (ETTINGER, 2008, p.96).



Além de pesquisas voltadas ao ensino de língua, os fraseólogos têm ampliado seu campo de atuação em pesquisas teóricas e aplicadas. Vemos, atualmente, a Fraseologia, enquanto ramo da Linguística ou subdisciplina da Lexicologia já não se limitar a um campo de investigação que interessa exclusivamente aos dicionaristas e filólogos. Explicamos melhor a seguir.

Há um crescente interesse de muitas correntes linguísticas pelos estudos fraseológicos, ou diversas abordagens da Linguística Teórica (e Aplicada) como o estruturalismo, a estilística e as mais em voga como a semiótica discursiva, linguística cognitiva e análise do discurso, entre outras, voltam-se ao fenômeno do fraseologismo.

Podemos comprovar com a expressiva terminologia de referências às unidades fraseológicas, sejam elas unidades estruturalmente mais simples ou curtas (por exemplo, compostos ou locuções nominais convencionais e cristalizadas) ou mais complexas (por exemplo, as locuções verbais, as parêmsias e os provérbios) enriquecendo significativamente as chamadas unidades significativas da língua maiores do que as palavras.

Enfim, desde as primeiras observações do linguista estruturalista Saussure, no início do século XX, ao analista do discurso Dominique Maingueneau, nos dias atuais, há uma clara atenção dada pelos linguistas à questão dos fraseologismos, especialmente quando atualizados no discurso.

Ganhamos muito com os estudos linguísticos até aqui realizados em benefício da Fraseologia à medida que passamos a ver as unidades fraseológicas num *continuum*, isoladas nos dicionários à disposição dos consulentes ou imersas no discurso dos falantes, com propriedades estruturais, funcionais e semânticas bem sistematizadas em livros e artigos acadêmicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado, defendidos por russos, alemães, espanhóis, americanos, franceses e brasileiros, especialistas de várias áreas da Linguística contemporânea, que tomaram as unidades fraseológicas, particularmente parêmsias, os provérbios, as locuções e as expressões idiomáticas como seus objetos de pesquisa.

Houve, realmente, por parte dos pesquisadores em Fraseologia, uma preocupação em descrever todo um panorama idiossincrásico desses países a partir dos fraseologismos gerais, produzidos e compreendidos por seus falantes nativos e, em muitos casos, os

fraseologismos especializados ganharam também um espaço relevante no campo da Lexicografia Especializada. Refiro-me, aqui, mais especificamente, à terminologia, de impacto tão significativo na sociedade do conhecimento e das novas tecnologias.

Somente, nos anos 70 do século passado, os psicolinguistas passaram a se preocupar com o comportamento verbal dos falantes no chamado processamento cognitivo das expressões idiomáticas. Os falantes, participantes das pesquisas, eram, no entanto, prioritariamente, nativos da língua e isso reduzia o alcance da pesquisa em termos de confirmação de hipóteses gerais sobre os processos de compreensão idiomática.

Aliás, essas hipóteses gerais postulavam sobre processamento das expressões idiomáticas, mas praticamente se baseavam nos estudos clássicos de filosofia da linguagem e da semântica acerca da problemática do sentido literal e do sentido idiomático das expressões complexas.

Nas décadas 80 e 90 do século passado e, mais recentemente, os primeiros dez anos do século 21, as hipóteses psicolinguísticas a respeito do processamento fraseológico ganharam ainda mais força para a aplicação de experimentos psicolinguísticos aos falantes de uma língua e fundamentaram-se, mais uma vez, em aportes teóricos da Filosofia da Linguagem e da Lexicologia e, especialmente, nas teses da composicionalidade e da não composicionalidade semântica, de herança fregeana (FREGE, 1971).

Importante, já aqui assinalar que entendemos a hipótese semântica baseada no princípio de composicionalidade de Frege como aquela que permite aos falantes de uma língua a identificação dos padrões sistemáticos de combinação dos sentidos e, daí, são capazes de representar, em consequência, uma generalização sobre a maneira regular e sistemática de construir o sentido das expressões complexas, particularmente as expressões idiomáticas (ESCANDELL VIDAL, 2011, p. 28-29).

Quando a compreensão é objeto de estudo da psicolinguística, os pesquisadores têm basicamente partido, como descreveremos mais adiante em nosso trabalho, de duas correntes teóricas de processamento cognitivo: as teorias léxicas e as teorias composicionais.

As duas correntes de pesquisas psicolinguísticas, apesar de apresentarem achados interessantes sobre a compreensão das expressões idiomáticas em americanos e europeus, especialmente adultos, não levaram em conta o que ocorre em termos de processamento fraseológico em sujeitos não nativos de uma dada língua. Saber o que se passa na mente de um não nativo de uma língua, durante o processo de compreensão das expressões idiomáticas, é, em termos de pesquisa científica, uma carência informacional que deve ser preenchida com novas pesquisas sob a égide da Psicolinguística.

Contextualizados nessa linha temporal, os estudos linguísticos, que têm como objeto a fraseologia, agora ganham força com a psicolinguística experimental. Assim, convém salientarmos que nosso estudo visa modestamente contribuir, teoricamente, para os estudos de fraseologia à luz de hipóteses psicolinguísticas já consagradas nos meios acadêmicos, mas com o seguinte diferencial: fizemos e fazemos experimentos psicolinguísticos com não nativos, estudantes universitários de países africanos lusófonos.

A escassez, na Europa e no Brasil de teses que tratam especificamente de aspectos psicolinguísticos na compreensão de expressões idiomáticas é, ao certo, um dado que deve ser considerado no acolhimento de nosso estudo.

Vamos, a seguir, descrever, resumidamente, o que tem sido produzido no exterior e no Brasil, em termos de dissertações e teses cujo objeto de estudo é a fraseologia ou, mais propriamente, as expressões idiomáticas.

Na Europa, especialmente Espanha e Portugal, a produção de teses de doutorado é profícua, mas, segue, na sua maioria, paradigmas estritamente linguísticos, notadamente os relacionados à lexicografia ou à semântica composicional, o que podemos comprovar com os estudos mais antigos, na Espanha, como os de Blasco Mateo (1999) e Forment Fernández (1999) e os recentes, em Portugal, como a tese de Polónia (2009) e, na Espanha, as teses de Olza Moreno (2009) e de Detry (2010), esta última, inclusive, foca a problemática da compreensão das expressões idiomáticas a partir de uma perspectiva cognitiva.

No Brasil, desde o ano 2000, temos constatado que as pesquisas de Ortiz-Alvarez (2000); Saliba (2000); Lodovici (2007); Costa (2007); Pedro (2007); Assunção (2007); Conrad Sackl (2007);

Nogueira (2008); Fulgêncio (2008); Leme (2008); Gomes (2009); Riva (2009); Ximenes (2009); Carvalho (2011); Fernandes (2011), entre outros, têm realizado estudos das expressões idiomáticas sob um enfoque léxico-morfossintático-semântico, em diferentes abordagens, que permitem a observação do comportamento das unidades fraseológicas em situações sintáticas, lexicais e semânticas ou, em outros momentos, os pesquisadores dão um tratamento peculiarmente lexicográfico ou tradutório às expressões idiomáticas, como acontece, por exemplo, com a problemática da tradução das expressões do português para uma língua estrangeira (sobretudo o inglês, o espanhol e o francês) e vice-versa. A tese de Ortiz-Alvarez (2000) é um exemplo dessa tendência nos estudos linguísticos.

No Brasil, de modo geral, as pesquisas, no campo dos estudos da linguagem, têm deixado de lado as questões relacionadas à aquisição, compreensão e produção das expressões idiomáticas. As que deram um tratamento cognitivo às expressões idiomáticas são escassas, como a de Lodovici (2007) e a Fulgêncio (2008).

Em se tratando de esforço de situar os estudos fraseológicos no centro das discussões dos atuais estudos linguísticos, citaríamos, entre as universidades brasileiras, a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), a Universidade de Brasília (UnB) e a Universidade Federal do Ceará, como as que têm dado uma contribuição importante para os estudos das expressões idiomáticas (por vezes, consideradas unidades fraseológicas no campo terminológico, como o jurídico, por exemplo) sob o enfoque linguístico, mas, aqui e acolá, em alguns trabalhos, recorrem a aportes como a linguística cognitiva, a lexicografia, o funcionalismo e a tradutologia para observarem melhor o fenômeno fraseológico nas produções dos dicionários, no ensino de língua de língua estrangeira e na pragmática.

Mais recentemente, Fernandes (2011) fez uma análise linguística de expressões idiomáticas à luz das teorias da gramaticalização e lexicalização. Entre suas conclusões, a pesquisa aponta que os aprendizes de português como segunda língua precisam de um apoio específico para o estudo das expressões idiomáticas, em sala, uma vez que os materiais disponíveis atualmente no mercado não atendem completamente aos anseios dos docentes e

dos alunos com relação ao ensino e à aprendizagem das referidas expressões.

No Ceará, o banco de teses e dissertações do PPGL da UFC nos oferece um pequeno número de pesquisas sobre as expressões idiomáticas, mas são, é verdade, bastante expressivas em termos de interface com outras disciplinas como a História e o Direito, contribuindo para uma maior aproximação entre a Universidade e a sociedade civil organizada.

O primeiro trabalho que iremos destacar, a dissertação de Assunção (2007), volta-se à chamada fraseologia especializada ou terminologia, dando especial atenção às unidades fraseológicas do discurso forense, sob o paradigma da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT).

Na mesma linha de estudo de fraseologia especializada, a pesquisa de Ximenes (2009) tem como objetivo o estudo filológico e linguístico das unidades fraseológicas (denominadas por ele de UFs) da linguagem especializada do judiciário colonial brasileiro, partindo da análise de um corpus constituído por 133 Autos de Querela escritos, entre 1779 e 1829. Os resultados da análise de Ximenes (2009) mostram as unidades fraseológicas como reflexos da realidade sócio-histórica e cultural do povo nos séculos XVIII e XIX.

Para este livro, tratamos, brevemente, dos estudos linguísticos aplicados à fraseologia geral. Aqui, mostramos o papel de Saussure nas primeiras noções das combinações fixas, hoje, com uma profusão terminológica que chega a pelo menos 100 termos relacionados à fraseologia.

Condessamos estudos sobre as Teorias Fraseológicas, com especial atenção aos conceitos de fraseologia, unidade fraseológica, expressão idiomática e locução verbal. Em seguida, apresentamos as propriedades fraseológicas que estão diretamente relacionadas à pesquisa, a saber: a polilexicalidade, a frequência, a fixação, a idiomaticidade e convencionalidade.

Ilustrativamente, apresentamos alguns elementos sobre os culturemas como unidades linguísticas, a partir de uma perspectiva lusófona e apresentamos uma pequena lista de expressões idiomáticas de uso frequente nos jornais de grande circulação no Brasil. Por último, trazemos à baila uma discussão sobre “pé de moleque”: afinal, depois da adaptação dos dicionários gerais

publicados no Brasil se adaptarem às bases do novo Acordo Ortográfico, estamos diante de composto, locução ou sinapsia? O estudo, ainda não conclusivo, tenta dar uma resposta a esse questionário tão caro à Lexicografia atual no Brasil.



## FRASEOLOGIA. AFINAL, O QUE É?

“La fraseología ha sido desde siempre la tierra de nadie a la que acudían investigadores de todas las escuelas y signos movidos por el interés que despertaban en ellos las combinaciones fijas de palabras.”  
(RUIZ GURILLO, 1997, p.33)

É possível que a noção de ambiguidade de construção tenha sido uma das primeiras desconfianças dos estruturalistas diante das combinações fixas, suscetíveis de várias interpretações: de um lado, o sentido literal da expressão (composicional) e, do outro, o sentido pretendido da emissão do falante (idiomático).

O linguista franco-suíço Ferdinand de Saussure (2012 [1916]) observou, pioneiramente, uma quantidade significativa de “expressões que pertencem à língua ”denominadas, por ele, de “frases feitas”, nas quais, segundo o linguista, o “ uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas” (p.173).

Foi graças a essas primeiras incursões linguísticas de Saussure, que passamos a ver as “as frases feitas” como manifestações de uma cultura, definidas como “torneios” que “não podem ser improvisados” por serem “fornecidos pela tradição” cuja evocação livre, segundo o mestre genebrino, é “possível pela lembrança de um número suficiente de palavras semelhantes pertencentes à língua” em que ressalta, ainda, a natureza psicológica das “frases e grupos de palavras estabelecidos sobre padrões regulares” e por terem, segundo ele, uma “base na língua sob a forma de **recordações concretas**” (2012, p.173, grifos nossos).

Discípulo de Saussure, o linguista Charles Bally, em seu *Traité de Stylistique Française* (1909), esboçou, explicitamente, um princípio psicológico para as expressões fixas ao dizer que são mais bem retidas na memória as palavras que vão juntas.

Mais tarde, as expressões fixas também foram objeto de atenção de Coseriu (2007) que as chama de “combinações feitas de signos” ou “discurso repetido” (p.201). Coseriu afirmou em seus estudos que as expressões fixas resultam de “mera reprodução do já dito”, ouvido ou lido, isto é, quando um usuário recorre à unidade



fraseológica, nos seus atos de fala, reproduziria algo que anteriormente já havia dito. As expressões fixas, para Coseriu, são vivenciadas por “determinada comunidade linguística” e que “seus membros as conhecem” e “as sabem de cor” (p.202).

No campo da linguística moderna, as primeiras contribuições fraseológicas dos estruturalistas, Saussure, Bally e Coseriu e, mais fortemente, os lexicólogos, estilistas e fraseólogos do século XX, sempre se intrigaram e se indagaram como se dava esta relação entre sentido literal das sentenças e o sentido da emissão (idiomático) pretendido pelo falante.

No caso das “frases feitas” ou “idiomatismos”, como denominaram os estruturalistas e lexicógrafos até a primeira metade do século XX, especialmente os europeus, a abordagem estruturalista, é verdade, não nos deixou um “legado teórico” sobre a problemática do sentido dos “idiomatismos”, mas seus linguistas entenderam, desde cedo, que o sentido da emissão de uma expressão idiomática (dimensão holística) é, parcial ou totalmente, diferente do sentido literal da expressão emitida.

Essas primeiras percepções ou postulações dos estruturalistas são de grande aplicação teórica à Fraseologia Geral no sentido de podermos relativizar os conceitos de expressão idiomática quanto à sua “dimensão holística”, ou melhor, ao seu “sentido idiomático”.

É possível, cremos, que existam expressões complexas e fixas na língua que não sejam idiomáticas para outros falantes, particularmente os não nativos e que poderão tomá-las no sentido mais literal. Afinal, a idiomaticidade não está apenas na estrutura das expressões complexas, mas na mente ou na memória dos falantes. Mas não é uma tarefa fácil essa condução teórica ou sua aplicação em experimentos que possam testar hipóteses psicolinguísticas.

Reflexo, certamente, desse viés estruturalista e, melhor refinado, pelos recentes estudos gerativistas, temos estudos de descrição do português, isto é, os da gramática descritiva, em que colhemos uma das definições operatórias de expressões idiomáticas, não desprezadas em nosso estudo, como as vinda de Perini (2010), em que situa as expressões idiomáticas no âmbito das classes de palavras, por entender que são “sequências fixas de palavras, tomadas como unidades singulares, que têm sentido próprio que nem sempre é

derivado dos sentidos das palavras componentes” e, em geral, “não admitem substituição de itens por sinônimos” (p.323).

Importante assinalar que esta noção estabelecida por Perini (2010) de que as expressões idiomáticas são “sequências fixas”, percebidas como “unidades singulares” nos permitiu entender melhor o valor da paráfrase definatória quando um falante da língua, seja nativo ou não nativo, busca equivalentes simples (verbos) das expressões idiomáticas, representadas por locuções verbais, como, por exemplo, em locuções verbais como em "virar as costas " ("sair"), "cozinhar o galo" ("morrinhar"), "entregar a alma a Deus"("morrer"), "abrir nos paus" ("fugir") e " dar mole" ("descuidar-se").

No campo da filosofia da linguagem, a problemática do sentido das expressões idiomáticas, desde cedo, foi focada pelos filósofos.

Para Searle (2002), a idiomaticidade de uma expressão complexa não seria estabelecida pelo sentido presente na estrutura da própria sentença, mas pelo sentido da emissão do falante. A idiomaticidade seria estabelecida pelo que o falante quer significar ao emitir a expressão idiomática.

Como assinala Searle (2002), “um sentido metafórico é sempre um sentido da emissão de um falante” (p.124), um traço importantíssimo a considerar em nosso estudo se definimos as fraseologias a partir de suas características mais marcantes como a forma fixa e a ambiguidade léxico-gramatical, situadas no entrecruzamento entre o sentido literal e o sentido idiomático.

Mais recentemente, a abordagem sociocognitiva que embasa a chamada Gramática de Construções, defendida, no Brasil, por Miranda e Salomão (2009), tem dado seus primeiros passos em direção aos estudos fraseológicos. Esta abordagem linguística ao tratar da questão do sentido das expressões idiomáticas, comumente tem retomado ao velho axioma dos lexicólogos de que “o todo não é a soma das partes” ou “o todo é maior que a soma das partes” (p.39).

Aqui, a visão sociocognitivista nos parece com resquícios tradicionais das pesquisas fraseológicas, presa ao velho princípio da não composicionalidade semântica, em que fica claro um esforço revitalizador para que seja estabelecido um “casamento” ou, ao menos, uma “relação estável” entre a Gramática das Construções e a Semântica Composicional em se tratando de compreensão das expressões idiomáticas.



## BASES TEÓRICAS PARA O ESTUDO DAS UNIDADES FRASEOLÓGICAS

"Como los signos simples del sistema, las combinaciones fijas pertenecen al componente léxico de la lengua, al "lexicón", y se hallan almacenadas en la memoria, de donde tan sólo son rescatadas en cada acto de habla" (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.15)

*No âmbito dos estudos linguísticos relacionados à Fraseologia, o interesse por apreender a realidade psicológica das unidades fraseológicas é cada vez maior<sup>3</sup>. Há um claro percurso do Estruturalismo à Psicolinguística nas pesquisas fraseológicas das últimas três décadas.*

Uma expressão idiomática como “matar dois coelhos com de uma só cajadada” com sentido de “conseguir dois proveitos com um só trabalho” interessa tanto ao lexicógrafo que a registra como subentrada da palavra coelho em um dicionário geral acaba intrigar, ou, ao menos, por despertar a atenção do psicolinguista uma vez que envolve a compreensão idiomática ou não literal por parte do falante em língua materna (L1) ou segunda língua (L2).

As principais linhas de pesquisa, nesse campo da Fraseologia e Psicolinguística, procuraram responder questões do tipo: como os falantes armazenam este tipo de unidades? Como ocorre o processamento fraseológico? Que funções desempenham tais unidades na interação? Conforme nos descrevem Corpas Pastor (2001) e Detry (2010).

Aproximar a Fraseologia da Psicolinguística (ou vice-versa) é, sem dúvida, muito relevante e nos incita, vivamente, a explorar as relações entre expressões idiomáticas e processos de compreensão. Não é, porém, uma tarefa fácil porque são dois ramos de estudos linguísticos bastante densos e áridos, principalmente no campo terminológico e taxionômico, fontes preciosas para encontrarmos termos ou categorias operatórias aplicáveis à pesquisa experimental.

Uma primeira aproximação que vimos entre estes domínios (ou subdomínios) linguísticos é o tratamento dado, tradicionalmente,

---

<sup>3</sup> A rigor falar em compreensão de expressão idiomática só tem sentido na aquisição da linguagem nas crianças, em situação em que os bebês estão aprendendo a língua materna ou estrangeiras como L2. Depois, acreditamos que a expressão idiomática é incorporada ao léxico sem análise interna tanto quanto se faz com uma palavra. Aquisição, aqui, assim, tem acepção mais ampla e alcança os não nativos de dada língua.

pela Lexicografia, às expressões idiomáticas, registradas, nos dicionários gerais, como subentradadas a partir dos lexemas de base que entram na formação dos lemas<sup>4</sup>.

Ao definir essas expressões, Porto Dapena (2002), assim diz: "Acima de tudo, se trata sempre de construções ou segmentos pluriverbais, que o falante, igualmente como as palavras, *retém na memória e reproduz na fala*, sem, por outro lado, poder alterá-las, sob pena de introduzir uma variação de sentido."<sup>5</sup>(p.149, grifos nossos).

Sabemos, porém, que no mundo da linguagem as expressões idiomáticas não são apenas ou preferencialmente sintagmas verbais uma vez que no *continuum* fraseológico podem aparecer em diversas configurações (colocações, provérbios etc).

Depreende-se desta definição lexicográfica de Porto Dapena que as expressões idiomáticas (ou expressões fixas<sup>6</sup>) são construções retidas ou armazenadas na memória declarativa de longo prazo, o que nos remete à Psicologia Cognitiva e, desta, à Psicolinguística, à medida que sugere uma conexão entre a linguagem e a mente (ou, senão, a cognição), o que não é, claro, um achegamento inaugural nos estudos linguísticos, uma vez que essa ponte entre Fraseologia e Psicolinguística, anteriormente, indicou-nos ou, senão, pelo menos, sugeriu-nos a noção coseriana de "discurso repetido", isto é, aquelas "sequências de combinações feitas de signos que se transmitem integralmente" (COSERIU: 2007, p.201), por oposição à "técnica do discurso", posto que as expressões não podem ser geradas no discurso, por definição.

---

<sup>4</sup>As subentradadas são chamadas também de subverbetes, em que se elucidam as divisões, espécies, modalidades etc, do sentido do verbete principal, ou das locuções formadas com aquelas palavras.

<sup>5</sup> No original: "Ante todo se trata siempre de construcciones os segmentos pluriverbales que el hablante, al igual que las palabras, retiene en la memoria y reproduce en el discurso sin que, por otro lado, pueda cambiarlas sob pena de introducir una variación de sentido."

<sup>6</sup> A noção de expressões fixas foi suficientemente explorada por Zuluaga (1975; e 1980).

## CONCEITOS FRASEOLÓGICOS

"...as abordagens antropológicas e pragmáticas apontam para o interesse da Fraseologia nas perspectivas culturais, interacionais e argumentativas" (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2008, p. 245)

O termo Fraseologia, cunhado por Bally há mais de um século, revitaliza-se, a cada dia, nas teorias e abordagens linguísticas mais recentes, como as dos analistas do discurso.

A título de exemplificação, citamos, por exemplo, Charaudeau e Maingueneau, dois analistas do discurso, que designam Fraseologia como conjunto de expressões cristalizadas, simples ou compostas, características de uma língua ou de um tipo de discurso (2008, p.245).

Fraseologia alcançou também as redes sociais. Para se ter uma ideia da dimensão ou frequência de uso do termo, em diferentes e inusitados contextos, o buscador Google nos informa que são aproximadamente 814.000 resultados de ocorrências para "Fraseologia" e, pelo menos 110.000 para o adjetivo correspondente "fraseológico", o que nos indica ser uma palavra de muito vigor na língua portuguesa<sup>7</sup>.

A palavra Fraseologia, formada dos seguintes elementos frase + -o- + -logia, chegou-nos pelo francês phraséologie e aparece, pela primeira vez, no âmbito dos estudos linguísticos, em Bally (1909, p.66). De lá para cá, são muitos os linguistas que, tentando desvelar a etimologia de Fraseologia, mergulham nas raízes gregas da palavra, buscando as motivações lexicais ou acepções para designá-la seja como o inventário de expressões idiomáticas de uma língua como seu estudo (BRÉAL, 1992; MONTORO DEL ARCO, 2006, p.29-31; MELLADO BLANCO, 2004, p.13).

Esta busca não é por acaso. É bastante instigante observar que o morfema lexical "frase" vem do latim phrasis, e este do grego φράσις, com o sentido de "expressão", enquanto a vogal de ligação -o- é típica do grego. O elemento de composição -logia origina-se do grego -λογία, que significa tratado, estudo, ciência.

---

<sup>7</sup> Pesquisa realizada em 09 de fevereiro de 2015.

Neste trabalho, Fraseologia é entendida como parte da Linguística, que tem as Unidades Fraseológicas (UFs) como objeto de estudo. As UFs constituem um verdadeiro "universo fraseológico" e são divididas em pelo menos três esferas (colocações, locuções e enunciados fraseológicos). Nesse universo fraseológico, consideramos tipicamente expressões idiomáticas as locuções, o que corresponde a "esfera II", segundo o modelo de Corpas Pastor (1996, p.88-131).

Como são muitos os tipos de locuções cristalizadas (nominais, adjetivas, adverbiais, verbais, prepositivas, conjuntivas), elegemos prioritariamente, para nossas considerações teóricas, as locuções verbais que apresentam maior congruência ou consenso entre os especialistas de Fraseologia, uma vez que são as unidades fraseológicas que estão fixadas no sistema (registradas nos dicionários gerais, por exemplo) e que não constituem enunciados completos e geralmente funcionam como termos ou elementos oracionais (CORPAS PASTOR, 1996, p.88; ALVARADO ORTEGA, 2007, p.37)<sup>8</sup>.

O recorte acima, isto é, considerar unicamente as locuções verbais, levou-nos a adotar, portanto, uma concepção reducionista de Fraseologia, a mesma proposta *stricto sensu* formulada por Casares (1969, p. 167-184)<sup>9</sup>, o maior representante desta visão na Fraseologia Espanhola, e, mais recentemente, García-Page (2008, p. 8; 20-22; 208), que afirma serem as locuções "o verdadeiro núcleo" ou "o autêntico objeto" de estudo da Fraseologia.

Seja considerada parte da Linguística ou subdisciplina da lexicografia, mérito da questão em que não entraremos aqui, filiamos-nos à corrente de fraseólogos que postulam a Fraseologia como disciplina da Linguística cujo objeto de estudo são as "expressões idiomáticas", hiperônimo a que, ao longo deste livro, repetidas vezes fazemos menção, referimo-nos, nesse caso e, especificamente, às locuções verbais, isto é, as já consagradas pelo uso e canonicamente registradas nos dicionários gerais (por exemplo, Houaiss, Aurélio, em português brasileiro); por fim, as locuções verbais são aquelas definidas como combinações formadas por pelo menos dois ou mais

---

<sup>8</sup> Compreendemos que as locuções verbais a que Corpas Pastor (1996) faz referência são as chamadas expressões idiomáticas, termo de maior divulgação nas teorias fraseológicas.

<sup>9</sup> A primeira edição desta obra é datada de 1950.

elementos ou constituintes, que apresentam certa fixação de forma e sentido, e que funcionam como termo ou elemento oracional.

Estas locuções verbais não devem ser confundidas com as conjugações perifrásticas ou perífrases verbais, estas definidas pelos gramáticos e dicionaristas como o conjunto dos tempos compostos de um verbo<sup>10</sup>. Quanto a esta questão, nossa posição é a mesma de Silva (2011, p.163), ao se referir às locuções verbais como unidades fraseológicas. Excluimos, pois, os substantivos compostos, com ou sem hífen, não sendo considerados locuções nominais, e as perífrases verbais ou conjugações perifrásticas, por não as considerarmos locuções verbais.

É preciso deixar claro que, ao optarmos por excluir os substantivos compostos, esta determinação não invalida o status de Unidades Fraseológicas (UF) de outras sequências que são constituídas sem verbo, como: saia de baixo, saia justa, chave de cadeia, a sete chaves, de mala e cuia, mala sem alça, pé do ouvido, do pé para a mão, em pé de guerra, em pé de igualdade, no mesmo nível, de igual para igual, dor de cotovelo, dor de corno, dor de veado, lágrimas de crocodilo, elas por elas, de corpo e alma, entre outras.

Se voltarmos ao tempo, já na década de 50, na Espanha, Julio Casares nos chamava atenção para a confusão terminológica no campo da lexicografia. Afirmava que termos como expressão, giro e frase eram vagos e por isso não poderiam ser considerados termos técnicos. Segundo ele, cada um daqueles termos tinha acepções diversas presas à teoria gramatical e, por isso, não ofereciam características suficientes para identificá-las com segurança na tarefa lexicográfica (1969, p.185). Uma expressão apropriada a essa situação, em português, seria a de que os lexicógrafos espanhóis "misturavam alhos com bugalhos".

Assim, que lição ou luz esta noção de locução em Casares (1969) poderá nos dar no campo da terminologia fraseológica nos dias de hoje?

Tomemos um exemplo em português. É possível quando lemos, escutamos, ou, ao menos quando evocamos uma expressão como "misturar alhos com bugalhos", citada acima, o sentido idiomático seja o de "confundir coisas ou assuntos distintos, inconfundíveis" ou "fazer

---

<sup>10</sup> A questão da distinção entre perífrases verbais e locuções verbais foi suficientemente abordada por Blasco Mateo (2005).



grande confusão", ou seja o sentido ou os sentidos que prevaleça ou prevaleçam de forma avassaladora sobre nosso entendimento.

Na expressão acima, pouco importa sabermos o sentido parcial de seus elementos constituintes ou de, pelo menos, uma das palavras que formam a expressão, como é o caso de "bugalho", mas não cremos que isso se contraponha de alguma forma à proposta de análise da compreensão das Expressões Idiomáticas a partir dos componentes. Em alguns contextos, talvez, "bugalho", dependendo dos conhecimentos prévios do falante, isto é, dependendo os seus conhecimentos linguísticos, experiências corpóreas e visão de mundo, o constituinte "bugalho" dê pistas importantes rumo à idiomaticidade.

Afinal o que é bugalho? Um termo da botânica, que significa "noz de galha" (HOUAISS; VILLAR, 2009), mas nada mais sabemos sincronicamente de sua motivação fraseológica nem há possibilidade de recuperação da metáfora diacrônica (geradora). Só alguns poucos falantes com conhecimentos de botânica possam inicialmente especular uma dimensão metafórica da expressão ou quando são guiados pelo contexto. Observemos este exemplo extraído da Folha de São Paulo: "O economista Joel Waldfogel, que assina o artigo "Dining Out as Cultural Trade" (comer fora como troca cultural), junta **alhos e bugalhos**. Mistura rock com cinema, espaguete e almôndegas." (Ilustrada, Marcos Nogueira, 16/09/2019). Neste exemplo, o contexto é uma importante ajuda na compreensão idiomática.

De igual sorte, parece-nos que a maioria das divergências ou confusões terminológicas na Fraseologia contemporânea encontra explicações nas primeiras investidas da lexicografia quando da elaboração dos dicionários gerais ao não levarem em conta que agrupamentos de palavras<sup>11</sup>, tradicionalmente conhecidos na literatura científica por termos dos mais díspares entre si como expressões idiomáticas, provérbios, clichês, binômios, citações, colocações, frases lexicais, fórmulas, frases feitas, provérbios, aforismos, máximas, ditos, adágios, anexins, ditados, sentenças, parêmsias, têm em comum serem polilexicais, isto é, pertencerem ao grande e complexo *continuum*

---

<sup>11</sup> No campo da Lexicografia, defendemos a ideia de que as expressões idiomáticas não deveriam entrar dentro de verbetes por serem independentes. Por exemplo, os dicionaristas não colocam o adjetivo infeliz dentro de feliz. Assim, o mesmo procedimento deveria valer para as expressões idiomáticas.

fraseológico no qual não há limites rígidos capazes de estabelecerem, com precisão, a diversidade de unidades lexicais maiores que a palavra e presentes em alguns dicionários semasiológicos existentes em uma língua (SALIBA, 2000).

Na Espanha, quando Casares dá as bases teóricas do que hoje se denomina Fraseologia Espanhola, de grande repercussão na Europa, linguistas e gramáticos já se deparavam, na Lexicografia, com denominações fraseológicas que careciam de sentido preciso e que apresentavam "limites imprecisos". É o que muitos fraseólogos hispânicos chamam de "cajón de sastre" (GARCÍA PAGE-SÁNCHEZ, 2008, p.8; e QUEPONS RAMÍREZ, 2009, p.493). A expressão "saco de gatos"<sup>12</sup> é a melhor tradução que encontramos, em português, para "cajón de sastre".

Como assinala Corpas Pastor (1996, p.16) a profusão terminológica e as distintas classificações são um dos problemas fundamentais da Fraseologia em língua Espanhola e, diríamos, de igual sorte, no português europeu e brasileiro. Em geral, a profusão terminológica está ligada a afiliações ou abordagens teóricas distintas e também a objetos e objetivos específicos, sendo mais uma questão de relevo.

Mostramos até aqui que são muitas as discrepâncias e confusões de ordem terminológica no campo dos estudos de Fraseologia que acabam por repercutir nas definições e classificações das unidades fraseológicas, o que nos leva a concluir que, nesta área, não há como simplesmente jogar com as palavras.

Essa medida torna-se ainda mais imperiosa quando fazemos a interface entre Fraseologia e outros ramos da Linguística; em nosso caso, a Psicolinguística, que requer, também, precisão terminológica quando trabalhamos com alguns dos seus termos operatórios na pesquisa experimental.

Nessas alturas, uma pergunta advém: que unidade/expressão/fraseológica seria a mais adequada aos testes psicolinguísticos para aferir a compreensão idiomática? Já podemos adiantar a resposta a nossa pergunta ao defendemos que esta unidade é ou deve ser a expressão idiomática. A expressão idiomática, dentro ou fora do contexto, pode levar um falante, nativo ou não nativo de uma língua,

---

<sup>12</sup> Popularmente, saco de gatos significa negócio muito confuso e encrencado.

a se deparar com a ambiguidade estrutural nesta dicotomia semântica: sentido literal versus sentido idiomático.

Por essa razão, detemo-nos, nas subseções abaixo, em dissecar o máximo possível, as noções de Fraseologia, unidade fraseológica, expressão idiomática, locução e outros correlatos. Em seguida, situamos os termos às teorias fraseológicas que estão na ordem do dia na Europa e no Brasil.

## **O conceito de Fraseologia**

"O modelo em que se inscreve a Fraseologia dá possibilidade ao falante/escrevente de dizer muito mais do que as palavras dizem e ao ouvinte/leitor de entender muito mais do que a materialidade fônica."  
(VILELA, 2002, p. 219)

Vilela designa por Fraseologia a disciplina que tem como objeto as combinações fixas de uma dada língua que podem assumir a função e o sentido de palavras individuais ou lexemas (2002, p.170).

A definição de Vilela espelha o pensamento do grupo fundador da Fraseologia na Europa a quem nos filiamos que vê nas expressões idiomáticas um processo de ampliação do léxico, seja para nomeação ou qualificação, contribuindo para a lexicalização dos conceitos e categorização de nossa experiência cotidiana.

No âmbito das teorias fraseológicas, reconhecemos, como defende García-Page Sánchez (2008, p.6), um estatuto da Fraseologia como a disciplina Linguística, que estuda as unidades fraseológicas e que leva em conta o grau de competência fraseológica ou metafórica do falante, seja nativo ou não nativo.

Quanto à acepção mais completa de Fraseologia, coerente com nosso recorte terminológico e que atende aos propósitos de nosso estudo, optamos pela definição de Fraseologia de Monteiro-Plantin (2011) na qual assinala o estudo das combinações de unidades léxicas, relativamente estáveis, com certo grau de idiomaticidade, polilexicais, que constituem a competência discursiva dos falantes, em primeira ou segunda língua, utilizadas convencionalmente em contextos precisos, ainda que, muitas vezes, de forma inconsciente (p.250).

## O conceito de unidade fraseológica

*"La fraseología estudia elementos muy diferentes entre sí, tanto en la forma como por la función que ejercen en el discurso, pero, aunque delimitar y etiquetar conceptos es siempre arriesgado, resulta sumamente necesario hacerlo para poder explicar los fenómenos que en ellos se dan con una terminología común y conceptualmente clara."*  
(SOLANO RODRÍGUEZ, 2012, p. 126)

Segundo Mellado Blanco (2004, p.15), o termo Fraseologia tem sido adotado, na maioria das línguas europeias, com exceção dos países de origem anglo-saxônica, onde o mais corriqueiro é "idiomatic"<sup>13</sup>. Cumpre-nos ressaltar que, quer seja na Europa ou nos EUA, unidade fraseológica é uma das denominações mais aceitas no âmbito das teorias fraseológicas, conforme podemos atestar em pesquisas recentes com corpora fraseológicos (NACISCIONE, 2001; BEVILACQUA, 2004; e LIN; ADOLPHS, 2009).

Considerada como objeto de estudo da Fraseologia por Corpas Pastor (1996, p.20), as unidades fraseológicas são "unidades lexicais formadas por mais de duas palavras ortográficas em seu limite inferior, cujo limite superior se situa no nível de oração composta"<sup>14</sup>, tendo, pelo menos, quatro propriedades básicas, que podem variar em grau, nos seus distintos tipos: (a) polilexicalidade; (b) institucionalização, entendida em termos de fixação e especialização semântica; (c) variações potenciais; (d) idiomaticidade; e (e) alta frequência de uso e de coaparição de seus elementos integrantes<sup>15</sup>; mais adiante por nós mais bem descritas e discutidas.

O conceito de unidade fraseológica e as propriedades básicas que as caracterizam, como a polilexicalidade e a fixação, também estão presentes, pioneiramente, na década de 40, nas primeiras definições ou aceções dos russos (VELASCO MENÉNDEZ, 2010), e posteriormente vindo

---

<sup>13</sup> Nesta área, as pesquisas experimentais, bastante frutíferas nos EUA, levam-nos, de forma recorrente, a citar os trabalhos em língua inglesa, onde se usa mais o termo "idioms".

<sup>14</sup> No original: "son unidades léxicas formadas por más de dos palabras gráficas en su límite inferior, cuyo límite superior se sitúa en el nivel de la oración compuesta"

<sup>15</sup> Destas propriedades indicadas por Corpas Pastor (1996), a menos relevante quando se tratar de expressão idiomática posto que um item léxico pode ser frequente ou não. Como todo item, as expressões idiomáticas podem ser mais ou menos frequentes.

à tona com as reflexões de Zuluaga (1980, 16; 19) e, mais recentemente, em Ruiz Gurillo (1997, p. 14) e Castillo Carballo (1997-1998, p. 70-75).

Quanto ao problema do status linguístico das unidades fraseológicas, aliamos-nos à postulação de Zuluaga (1980) de que "elas pertencem ao patrimônio coletivo da comunidade linguística"<sup>16</sup> e que "fazem parte do acervo ou repertório de elementos linguísticos anteriores ao falar, conhecidos pelos falantes"<sup>17</sup> (p.21), o que, ao certo, podemos inferir como unidades polillexicais psicolinguisticamente armazenadas na memória dos usuários ou nativos da língua.

Convém salientar que a etiqueta ou rótulo de Unidade Fraseológica (UF) atende às buscas dos fraseólogos por uma denominação de alcance mais internacional, que responde à noção de arquilexema das locuções e de outras formas (CORPAS PASTOR, 1996), como unidades de uma série fraseológica que inclui desde refrões, citações a fórmulas de rotina.

Com essa noção de que uma unidade fraseológica é um arquilexema da série de denominações fraseológicas, podemos apresentar as propriedades essenciais e definitórias das chamadas unidades fraseológicas: polillexicalidade, frequência, convencionalidade, fixação e idiomaticidade, a partir dos seguintes autores: Zuluaga (1980, p.141-188), Corpas Pastor (1996, p.88-131); Penadés Martínez (1999, p.11-22); Ruiz Gurillo (2001, p.15); e García-Page Sánchez (2008, p.16-20).

Com base nos estudos acima, na perspectiva da Fraseologia, consideramos a expressão idiomática, nomeadamente a locução verbal, como uma unidade fraseológica por excelência. Unidade fraseológica é, pois, um hiperônimo, mas, neste livro, tentando evitar tautologia ou retórica terminológica, praticamente tomamos "expressão idiomática" e "unidade fraseológica" como termos equivalentes, assim como já os considera García-Page Sánchez (2008, p.16).

No âmbito das teorias fraseológicas, há uma forte convergência de que, efetivamente, as unidades fraseológicas são o objeto de estudo da Fraseologia. Portanto, tendo o objeto de estudo bem definido, não há porque não considerar a Fraseologia como um dos ramos das ciências da linguagem. Mas que unidades fraseológicas são essas? Pelo menos, nove termos podem ser considerados, dentro de um *continuum*, como

---

<sup>16</sup> No original: "ellas pertenecen al patrimonio colectivo de la comunidade linguística".

<sup>17</sup> No original: "forman parte del acervo o repertorio de elementos linguísticos anteriores al hablar, conocidos por los hablantes".

unidades fraseológicas, uma vez que este hiperônimo tem um raio de alcance muito grande: provérbios, ditos populares, expressões idiomáticas, fórmulas de rotina ou cristalizadas, locuções fixas, frases feitas, clichês, chavões e colocações, conforme o inventário fraseológico estabelecido por Monteiro-Plantin (2011, p.250). As expressões fixas arroladas por Monteiro-Plantin são entendidas por nós como sendo as expressões idiomáticas. Evidentemente, o ponto de de vista do linguista, como diz Saussure, faz o objeto: em outras palavras, dependendo do olhar do estudioso da matéria, um termo pode ser mais adequado ou não à pesquisa no campo da linguagem.

Neste livro, quando nos referirmos à unidade fraseológica, acolheremos as definições de Zuluaga (1980); Corpas Pastor (1996); Penadés Martínez (1999); Ruiz Gurillo (2001); García-Page Sánchez (2008) e Monteiro-Plantin (2011).

## **O conceito de expressão idiomática**

"Diante de um conjunto de dados idênticos, os sujeitos têm tendência a organizá-los de maneira diferente, conforme suas disposições intelectuais ou afetivas particulares: tem cada um, um comportamento idiossincrásico ou uma idiossincrasia" (DUBOIS el ali: 2004, p. 330)

O conceito de expressão idiomática está associado às definições que, anteriormente, demos à Fraseologia e à unidade fraseológica. Toda expressão idiomática, objeto de Fraseologia, é uma unidade fraseológica, mas nem toda unidade fraseológica é uma expressão idiomática.

Uma unidade fraseológica pode ser fixa e não idiomática, da mesma forma, pode ser idiomática, mas com um grau de variação marcante, mas com isso não queremos dizer que só consideramos expressão idiomática. Ao contrário, existe expressão idiomática menos opaca, portanto, transparente. Quem tem juízo crítico para dizer se uma expressão é opaca ou transparente é o falante e não o lexicógrafo ou fraseólogo a menos que a submeta a testes psicolinguísticos com sujeitos da língua materna, nativos ou não. Em outras palavras: em Fraseologia, a intuição linguística<sup>18</sup> está sujeita à compreensão do falante da língua, nativo ou não.

---

<sup>18</sup> Em gramática gerativa, refere-se à capacidade que tem o falante de reconhecer a aceitabilidade ou gramaticalidade das sentenças produzidas na sua língua, de

Precisamos insistir na questão acima. Isso não quer dizer que as expressões fixas, para tomarmos o termo de Zuluaga (1980), incluindo as expressões idiomáticas, não possam ser interpretadas composicionalmente pelos falantes de uma língua. Chegar ao sentido literal requer também esforço do leitor, ouvinte ou interpretante.

A única interpretação de qualquer expressão complexa que conhecemos, como costuma acontecer com falantes não nativos de uma língua dada ou falantes ingênuos, deverá ser imediatamente a composicional e que "outras considerações nos obrigarão a aprender um sentido específico, convencionalmente associado à expressão em questão"<sup>19</sup>(ESCANDELL VIDAL, 2011). Em outras palavras: mesmo as expressões idiomáticas consideradas opacas muitas delas podem ser interpretadas composicionalmente.

No *continuum* das unidades fraseológicas, as expressões idiomáticas são as unidades léxicas marcadas culturalmente. As expressões idiomáticas são itens léxicos e, portanto, tão culturais quanto quaisquer outras palavras da língua.

As expressões idiomáticas por força de seu caráter idiossincrásico estão mais diretamente vinculadas à cultura, às ideias e à forma de vida de uma sociedade (NEGRO ALOUSQUE, 2010, p.34), como expressões do tipo “ir tomar banho” (“deixar de aborrecer”) e “dar as mãos à palmatória” (“admitir o erro”). Este fato se manifesta particularmente no nível semântico, isto, no sentido idiomático que atribuímos à expressão<sup>20</sup>.

Nessa relação entre língua e cultura, refletida no léxico, a motivação para inúmeras expressões idiomáticas provém de, pelo menos, três procedências, segundo Negro Alousque (2010)<sup>21</sup>: (a) **alusão a costumes, feitos históricos, obras artísticas, lendas, mitos e crenças**, como em “jogar lenha na fogueira” (“piorar uma situação que

---

interpretá-las, de identificar a equivalência com outra frase ou a sua eventual ambiguidade, isto é, perceber quando o contexto sugere sentido literal ou metafórico.

<sup>19</sup> No original: "serán luego otras consideraciones las que nos obligarán a aprender un sentido específico, convencionalmente asociado a la expresión en cuestión".

<sup>20</sup> Em que pese o signo linguístico ser arbitrário conforme já dizia Saussure, as frases feitas decorrem do uso e da tradição da comunidade linguística.

<sup>21</sup> Muitas destas expressões idiomáticas podem ser consideradas pelos usuários desusadas ou obsoletas ou precisaríamos, enquanto especialistas, distinguir o que é comum da Língua Portuguesa do que é léxico regional.

já é caótica"); “entregar-se aos braços de Morfeu” (“sonhar”); “ser como a mulher de César” (“ser mulher de reputação inatacável”); “bançar o cristo” (“pagar por culpas alheias”); “agradar a gregos e troianos” (“contentar ou satisfazer a dois lados antagônicos”); (b) **evocação a elementos que formam parte do acervo cultural de cada povo**, entre os quais são incluídos os costumes e tradições, obras literárias, acontecimentos que são modelos de uma situação ou qualidade, como “dar nome aos bois” (“falar claramente”); “perder o seu latim” (“falar em vão”); “ficar a ver navios” (“não conseguir o desejado, geralmente por ter sido logrado ou passado para trás”); “sair à francesa” (“sair de um local sem se despedir”) e “matar a cobra e mostrar o pau” (“afirmar alguma coisa e prová-la”); (c) **associações a partir das quais se interpreta a realidade e crenças**, como em “ver o sol (nascer) quadrado” (“estar na cadeia”); *desopilar o fígado* (“comunicar alegria e bem-estar”); “ficar uma onça” (“ficar irado, enfurecido”); “pagar o justo pelo pecador” (“ser castigado ou repreendido aquele que não tem culpa, ficando impune o culpado”) e “jogar conversa fora” (“conversar sobre assuntos corriqueiros, sem grande importância”).

Convém, agora, definir a expressão idiomática como “combinação única e fixa de elementos (pelo menos, dois), dos quais uma parte não funciona bem em quaisquer outras combinações deste tipo (ou, em algumas ou uma única situação)” (ČERMÁK, 1998, p.11), definição, pois, que enfatiza, como podemos observar, as propriedades semânticas e sintáticas das expressões fixas a que Neveu (2008) faz referência.

## O conceito de locução

*"Si desarrollamos nuestro discurso en una situación distendida, con nuestros amigos o conocidos, es decir, tenemos una conversación coloquial, es posible que nuestro léxico y, en consecuencia, también nuestras locuciones, se adapten a este registro" (RUIZ GURILLO, 2001, p.92)*

Para chegarmos ao conceito de locução, primeiramente, definimos a Fraseologia como uma disciplina da Linguística que se ocupa de estudar as Unidades Fraseológicas (UFs). Em seguida, apresentamos as referidas UFs como um hiperônimo (ou arquilexema) dos diversos termos que envolvem a terminologia fraseológica,



isolando, operatoriamente, para nosso trabalho, a locução verbal como sendo a mais canônica<sup>22</sup> combinação fixa das expressões idiomáticas<sup>23</sup>. Nesta subseção, trataremos mais especificamente sobre a locução.

Como unidade polilexical do tipo sintagmático, a locução que nos interessa, neste trabalho, é a que, como dissemos, anteriormente, tem como núcleo um verbo cujos constituintes não são o objeto de uma atualização separada, e que enuncia um conceito autônomo, como assinala Neveu (2008, p. 193). A expressão “levar um pontapé no traseiro” com o sentido idiomático de “ser despedido, abandonado” é um exemplo de locução verbal.

As expressões idiomáticas têm estrutura bastante restrita, isto é, caracterizadas, segundo Gross (1996, p.9-23), por pelo menos cinco propriedades: (a) polilexicalidade; (b) opacidade semântica; (c) bloqueio das propriedades combinatórias e transformacionais; (d) não atualização de seus elementos; e (e) grau de fixação.

Um exame minucioso da etimologia da palavra locução nos indicará que esta vem do latim *locutio* (ou *loquutio*), com a indicação de “ação ou maneira de falar, locução etc”. Do ponto de vista linguístico, locução pode ser definida como “reunião de duas palavras que conservam individualidade fonética e morfológica, mas constituem uma unidade significativa para determinada função” (CÂMARA JUNIOR, 2004, p.162).

Do ponto de vista fraseológico, Casares (1969) define as locuções como combinações de vocábulos que oferecem sentido unitário e uma disposição ou estrutura formal inalterável (p.167).

Casares descarta, então, as acepções dadas à locução pelos dicionários gerais que a definem como “modo de falar” ou “frase”, como vimos anteriormente. Busca uma acepção restrita, específica e técnica, partindo então, para a reelaboração da definição da visão

---

<sup>22</sup>A canonicidade das locuções verbais decorreria, no nosso entendimento, de terem sua fixação formal com maior grau de regularidade estrutural, isto é, serem construções conforme às normas mais habituais da gramática, consideradas básicas, como, por exemplo, a ordem direta (verbo + argumento).

<sup>23</sup> As locuções verbais podem ser canônicas, mas não prototípicas no continuum fraseológico. Do ponto de vista quantitativo, e contrariamente ao que se acredita, provavelmente as locuções verbais não são a maioria. As expressões que são sintagmas preposicionais, como de saco cheio, a três por dois, de mala e cuia, a torto e a direito, provavelmente são em maior número.

tradicional ou gramatical de locução como “conjunto de duas ou mais palavras”, pensada como um “conjunto de vozes vinculadas de um modo estável e com um sentido unitário” (1969, p.168).

Para ilustrarmos a acepção dada por Casares à locução, tomemos este exemplo com “bater as botas”: “Engana-se quem pensa que no Nordeste aterrissam apenas artistas em fim de carreira, que vêm ganhar alguns trocados na América Latina antes de bater as botas”(In DN, 12/31/2008).

Na visão de Casares (1969), uma sequência de palavras como “bater as botas” trata-se, efetivamente, de uma locução verbal por três razões: (1) não se pode trocar nenhuma das três palavras por outra: \*sacudir as botas, \*bater com botas ou \*bater as botinas; (2) não se pode alterar sua colocação na estrutura sem destruir o sentido: \*botas as bater; e (3) o sentido se resume a uma só acepção<sup>24</sup>: “morrer”. Segundo Casares (1969, p.168), a “inalterabilidade” (fixação) e a “unidade de sentido” (idiomaticidade) são as duas características marcantes das locuções verbais.

Uma terceira característica também se faz necessária assinalar que é, segundo ele, a condição de que as palavras de uma locução não formam uma “oração cabal”, isto é, uma oração no sentido clássico ou categórico dado pelos gramáticos tradicionais. A definição clássica de locução, feita por Casares (1969, p.170), diz assim: “combinação estável de dois ou mais termos, que funciona como elemento da oração e cujo sentido unitário compartilhado pelos falantes não se justifica, sem mais, como uma soma do sentido normal dos componentes”<sup>25</sup>.

Depreende-se da definição de Casares (1969) os seguintes traços das locuções (1) combinação estável de dois ou mais termos, portanto, uma combinação fixa e polilexical, entendida como fixação e polilexicalidade; (2) emprego ou função como parte da oração, compreendida aqui a noção de estrutura não oracional<sup>26</sup>; e (3) sentido

---

<sup>24</sup> Este traço aplicado à Língua Portuguesa deve ser relativizado uma vez que há expressões idiomáticas com mais de uma acepção, como, por exemplo, pedir penico (“pedir piedade; dar-se por vencido; mostrar-se exausto; e demonstrar medo”).

<sup>25</sup> No original: “combinación estable de dois ou más términos, que funciona como elemento oracional y cuyo sentido unitário consabido no se justifica, sin más, como una suma del sentido normal de los componentes”

<sup>26</sup> Somos de opinião de que Casares enfatiza com este traço o caráter sintagmático da locução, parte constituinte ou elemento (de oração), descartando a ideia de que a

unitário consabido não resultante da soma do sentido normal (ou absoluto) dos componentes.

A ideia de “sentido unitário compartilhado” traduz adequadamente a noção de “sentido conhecido por todos e ao mesmo tempo”, portanto, compartilhados pelos falantes nativos de uma língua ou pela comunidade linguística, ou, no caso de uma Fraseologia Especializada, por uma comunidade sociocultural, esta, entendida como agrupamento de falantes unidos por fatores sociais (históricos, profissionais, raciais, nacionais e geográficos).

As locuções verbais que podem funcionar como elementos oracionais de natureza nominal são as formadas de verbo de ligação mais predicativo, diferentemente das locuções como elementos do predicado verbal cujo núcleo é um verbo significativo (intransitivo ou transitivo).

São exemplos de locuções verbais com valor nominal as seguintes: “ser a bola da vez” (“estar prestes a ser objeto de análise, crítica, exclusão, etc”); “ser a palmatória do mundo” (“ser um sujeito metido a moralista”); “ser cheio de nove-horas” (“ser muito exigente, chato”); “ser de carne e osso” (“ser humano; estar sujeito a fraquezas, como qualquer pessoa”); “estar com a faca e o queijo na mão” (“ter poder amplo”); e “estar com o diabo no corpo” (“estar assanhadíssimo ou muito irrequieto, tanto no mau quanto no bom sentido”).

As locuções verbais são refratárias à análise sintática. Segundo Casares, “tomadas essas expressões em bloco e interpretadas como elementos oracionais, suas funções sintáticas nem sempre coincidem com as do verbo contido na locução”<sup>27</sup>(1969, p.177). Em português, por exemplo, quando dizemos “tirar água do Joelho”, com verbo tirar, transitivo direto, equivale, em conjunto, a “urinar”, intransitivo, isto é, a rigor não se cogita, do ponto de vista fraseológico, que “água do Joelho” é objeto direto de “tirar”.

Segundo Casares (1969), no Espanhol, não se esgotam as espécies de locução oracional com equivalência e função verbal. Por

---

locução seja considerada uma oração, ou seja, frase, ou membro de frase, em que pese conter um verbo.

<sup>27</sup> “...tomadas esas expresiones em bloque e interpretadas como elemento oracional, sus funciones sintáticas no siempre coinciden con las del verbo contenido em la locución”.

exemplo, aplicando esta visão de Casares à língua portuguesa, uma locução verbal do tipo “ter partes com o diabo” não pode ser traduzida a partir de um verbo transitivo ou intransitivo. Quando essa locução se aplica a uma pessoa se dá a entender unicamente que essa pessoa é “muito sapeca, alvoroçada, inquieta”. Se dizemos de uma pessoa que “bota a alma pela boca”, limitamos-nos a expressar que “está ofegante, com a respiração opressa”.

Para ilustrarmos, em Língua Portuguesa, este grupo acima, citaríamos inúmeras locuções cujo verbo expresso é ser, estar ou algum outro verbo de significação equivalente, tais como: “andar com a pulga atrás da orelha” (“estar preocupado ou cismado”); “ficar de cabeça virada” (“andar preso por alguma paixão, obsessão, vício incontrolado ou ideia fixa”); “andar na linha” (“ser honesto”); apanhar nas fuças (“ser agredido na cara”); “ter (as) costas largas” (“estar confiante, sem receio para realizar ou falar algo, por ter a proteção de alguém”); “estar com a corda no pescoço” (“estar em apuros, em situação desesperadora geralmente, financeira”); ter fama (“ser muito falado ou celebrado”); “ter coração de leão” (“ser extremamente valente”); “ter coração de ouro” (“ser muito bondoso ou generoso”); “ter coração de pedra” (“ser duro de sentimentos, insensível”); “ter jogo de cintura” (“ser flexível para escapar a situações delicadas ou contornar conjunturas difíceis”); e “ter o corpo fechado” (“ser imune a malefícios, graças a benzeduras e orações”).

A função verbal destas expressões acima comprova-se à medida que admitem modificação pessoal, temporal e modal, e que as de caráter transitivo podem fazer com que a ação expressada por elas recaia sobre um objeto exterior, como se fosse um complemento direto, como podemos atestar neste exemplo com a expressão “esquentar a cabeça” (“preocupar-se demasiado”): “Após meu último casamento, percebi que o bom é não esquentar a cabeça (risos)! Ficar junto só se for você na sua casa e eu na minha. (In atriz Elizângela do Amaral Vergueiro, entrevista a Etienne Jacintho, O Estado de São Paulo, 01/11/2008).

Segundo Zuluaga (1980), as locuções verbais apresentam, entre seus componentes, um que funciona como portador das determinações de tempo, de pessoa, de número e de modo e que pode, portanto, variar ao ser utilizado no discurso. O referido

componente pode ser reconhecido, ainda fora da locução como um lexema verbal do sistema léxico de uma língua dada.

As mais recentes pesquisas psicolinguísticas sobre compreensão idiomática, especialmente para testar quais as que apresentam maior grau de dificuldade de compreensão, têm utilizado, entre as unidades fraseológicas, as locuções verbais, as colocações e os refrães, sendo as locuções entre as unidades fraseológicas as que recebem maior atenção por parte dos psicolinguistas por apresentarem potencialmente um grau de dificuldade maior do que as demais unidades fraseológicas<sup>28</sup>, não por sua estrutura, senão por fatores como a familiaridade, analisabilidade sintática, maior grau de opacidade ou evidente transparência, conforme os estudos de Levorato (1993. p. 101-128); Cacciari (1993. P. 27-55); Crespo e Caceres (2006, P. 77-90); Crespo Allende, Alfaro Faccio e Pérez Herrera (2008, p.95-111).

Entre as unidades fraseológicas, as locuções verbais<sup>29</sup>são aquelas em que os autores reconhecem maiores evidências de distinção entre as que são transparentes e as que são opacas, as que podem ser interpretadas literalmente e as que tendem a ser interpretadas idiomáticamente, possibilitando achados empíricos que levam a observar o desempenho de falantes não nativos do PB frente a locuções verbais, opacas e transparentes, próprias da variante de dada língua.

Trataremos agora das propriedades fraseológicas.

---

<sup>28</sup> É possível que para falantes não nativos do Português Brasileiro, locuções nominais como a três por dois ("com frequência, com regularidade"; com efeito ("de fato; efetivamente") podem não ser de fácil compreensão.

<sup>29</sup> Neste trabalho, utilizamos de forma indistinta os termos locução verbal e expressão idiomática assim como procede Sevilla Muñoz e Arroyo Ortega (1993); Molina García (2006) e Dovrtělová (2008).

## AS PROPRIEDADES FRASEOLÓGICAS

"A formação, o funcionamento e o desenvolvimento da linguagem são determinadas não apenas pelo sistema de regras livres, senão também por todo tipo de estruturas pré-fabricadas das quais se servem os falantes em produções Linguísticas."(CORPAS PASTOR, 1996, p.14, tradução do autor)

As muitas e díspares propriedades das expressões idiomáticas são fruto com certeza mais de discrepâncias ou divergências nas classificações das unidades fraseológicas e da própria definição do que se entende por Fraseologia do que propriamente por fatores estruturais ou semânticos das combinações estáveis ou fixas da língua, sejam idiomáticas ou não.

Costumeiramente, linguistas como Corpas Pastor (1996, p. 19-32); Castillo Carballo (1997, p.70-75); Penadés Martínez (1999, p.14-19); Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002, p.21-56); Martínez Montoro (2002, p.13-89); Montoro Del Arco (2006, (p.35-70); García-Page Sánchez (2008, p.23-34); Timofeeva (2008, p.153-333) e Ruiz Gurillo (2010, p.174-194) apontam as seguintes propriedades das unidades fraseológicas: afetividade, anomalia, convencionalidade, cristalização, estabilidade, estrutura não oracional, expressividade, figuração, figuras de repetição, fixação, frequência, gradualidade, idiomaticidade, inflexibilidade, institucionalização, lexicalização, não composicionalidade, nominação, pluriverbalidade, polilexicalidade, variabilidade, entre outras<sup>30</sup>. Vamos eleger algumas para comentários mais pertinentes aos postulados da fraseologia geral.

### A Polilexicalidade

A polilexicalidade é *conditio sine qua non* para a definição das expressões idiomáticas. A rigor, não há ou, pelo menos, não deve ser considerada expressão idiomática segmento, ordenado no eixo sintagmático, que não seja uma combinação de, pelo menos, dois

---

<sup>30</sup> Muitos autores citam ainda a informalidade como propriedade das expressões idiomáticas, mas consideramos um equívoco uma vez que como todas as palavras, existem as que são formais e as que são informais.

constituintes. No caso das expressões idiomáticas, representadas pelas locuções verbais, a polilexicalidade é uma condição inerente ao próprio conceito locucional como um conjunto de palavras que equivalem a um só vocábulo, por terem sentido, combinação própria ou peculiar e função gramatical única.

Ao tratar dos traços básicos das unidades fraseológicas, acertadamente Montoro del Arco (2006) diz que não há um consenso sobre quais são os limites do componente fraseológico e sobre que unidades devem ser consideradas fraseológicas. Talvez, segundo o linguista, o único traço ou propriedade fraseológica consensual seja a polilexicalidade.

Para Gross (1996), a polilexicalidade é a primeira condição necessária para que se possa falar acerca da fixação (cristalização) das expressões idiomáticas e que as palavras, constituintes da expressão idiomática, tenham uma existência autônoma fora da construção ou combinação fraseológica; por essa razão, segundo Gross, são excluídas construções formadas com afixo (sufixo, prefixo), que se enquadram no chamado processo de derivação (p. 9-10).

Montoro del Arco (2009), na tradição europeia, particularmente a hispânica, um segmento é considerado fraseológico quando é formado por dois ou vários componentes que aparecem separados na escrita. Graças a esta noção ortográfica, semântica e morfológica, pode-se também utilizar, de forma mais geral, em vez de unidade fraseológica, a expressão "unidade polilexical" quando se quer se referir à unidade lexicalizada, o que pode criar uma separação ou distinção terminológica das "unidades unverbais" (ou unidades léxicas) que são objeto de lexicologia.

Cumpre-nos destacar, porém, que a polilexicalidade não é apenas uma traço meramente formal das expressões idiomáticas, senão também de tipo psicológico significativo no sintagma fraseológico, pois influi na interpretação da expressão idiomática (MONTORO DEL ARCO, 2006, p. 37). Isso, certamente, ocorre porque estão ligados a campos conceituais diversos, como podemos comprovar no dicionário de Penadés Martínez (2002), ao registrar as expressões idiomáticas relacionadas a ações, estados e processos próprios das pessoas como seres vivos, a atividades profissionais, a ações e processos referentes ao sexo, entre outros.

Concordamos com a opinião de Montoro Del Arco (2006, p. 38) quando diz que, no campo da Fraseologia, referindo-se à polilexicalidade, "deve ser apontada desde o começo e com suficiente clareza em toda caracterização geral das unidades que se incluem no componente fraseológico da língua Espanhola"<sup>31</sup>.

No âmbito dos estudos de Linguística Cognitiva, há uma compreensão de que, graças à propriedade de polilexicalidade, há uma intensa produtividade de expressões fixas nas línguas modernas, fórmulas binárias que estabelecem o princípio da ordem linear da maioria das locuções (DELBEQUE, 2008, p.26). A propósito, não nos parece razoável a posição de Delbeque. Do ponto de vista linguístico e pela própria definição de fraseológica, uma expressão idiomática não pode ser produtiva. Afinal, não podemos utilizar parte de seus componentes ou de seus morfemas na composição de novas expressões da mesma forma que acontece com os sufixos e prefixos nas lexias simples ou palavras unitárias.

Para ilustrar a noção de binarismo linguístico proposto por Delbeque, tomemos, em língua Portuguesa, dois exemplos de unidades fraseológicas, tendo como lexema de base a palavra água: a) "água benta" ("água usada para fins sacramentais e piedosos"), como na frase "Você já experimentou o maravilhoso poder da água benta?"; b) "água na boca" ("forte vontade de comer, grande apetência; grande desejo"), como na frase "João ficou com água na boca ao ver a sobremesa"; e (c) "ter bebido água de chocalho" ("falar demais"), como na frase de alta frequência no Ceará como em "Dizem por aí que João andou bebendo água de chocalho e falando o que não pode provar".

Na frase (a), a locução nominal destacada é formada de duas palavras "água" e "benta". No exemplo (b), a locução nominal é formada por três constituintes "água", "na" e "boca" e no exemplo (c) estamos diante de uma locução verbal de natureza idiomática formada por cinco elementos constituintes "ter", "bebido", "água", "de" e "chocalho".

Os exemplos acima nos levam a caracterizar a expressão idiomática como uma combinação de duas ou mais palavras. Assim

---

<sup>31</sup> No original: "...debe señalarse desde el principio y con la suficiente claridad en toda carcterización general de las unidades que se engloban en el componente fraseológico de la lengua española".



caracterizada, a expressão idiomática não se confunde com unidade léxica simples como nas fórmulas pragmáticas ou de rotina como as interjeições "saúde" ("voto que se faz a alguém que espirra"), "adeus" ("fórmula de despedida, geralmente quando se espera separação longa ou definitiva), "obrigado" (fórmula utilizada para quem se sente devedor de um favor, de uma amabilidade")

Adverte-nos, porém, García-Page (2008, p.24) o seguinte: "O caráter pluriverbal de unidades fraseológicas é uma condição necessária, mas não exclusiva, embora suficientemente restritiva, para deixar de fora do campo de estudo da Fraseologia um grande conjunto de estruturas"<sup>32</sup>. Como as demais unidades fraseológicas, a expressão idiomática é fundamentalmente polilexical.

Em substância, diríamos que, por resultar de um fenômeno de cristalização cujo grau pode variar conforme as unidades, a polilexicalidade faz-se acompanhar de um certo número de propriedades sintáticas e semânticas e sua definição é bastante contígua de uma outra propriedade das expressões idiomáticas, a estabilidade ou fixação, que veremos em subseção mais adiante. Trataremos a seguir da frequência fraseológica.

## A Frequência

"De um modo geral, as Expressões Idiomáticas são muito frequentes (besta quadrada; ter costas largas; com o pé nas costas etc), visto que fazemos constante uso delas em nosso dia-a-dia, sem nos darmos conta." (XATARA, 1998, p. 154)

Depois da polilexicalidade, a frequência de uso (e de coaparição) é a propriedade mais sobressalente das expressões idiomáticas. Sem a frequência, não podemos falar em convencionalidade (ou fixação fraseológica) ou dizermos, por exemplo, que uma expressão idiomática é, antes de tudo, uma expressão fixa e, portanto, armazenada na memória dos falantes nativos.

A retórica clássica recorreu à noção de frequência para designar numerosas figuras de linguagem relacionadas à repetição

---

<sup>32</sup> No original: "el carácter pluriverbal de las unidades fraseológicas es una condición necesaria pero no privativa, aunque sí suficientemente restrictiva como para dejar fuera de campo de estudio la Fraseología un nutrido conjunto de estructuras"

como a anáfora, a anadiplose, a aliteração, a assonância, a diácope, a epístrofe, a paranomásia e a epanalepse.

A noção antiga de frequência alcançou, também, as teorias fraseológicas. Linguistas como Corpas Pastor (1997), Xatara (1998), Sanromán (2001) e García-Page Sánchez (2008) têm proposto a frequência de uso como uma característica definitiva das expressões idiomáticas.

Entre as seis características das unidades fraseológicas, assinaladas por Corpas Pastor (1997), está a frequência. É um traço destacado das expressões idiomáticas ao considerá-las como unidades léxicas polilexicais que "se caracterizam por sua alta frequência de uso, e de coaparição de seus elementos integrantes" (p.20). No conjunto de expressões idiomáticas de dada língua, evidentemente nem todas têm alta frequência de uso, isto é, não podemos generalizar esta característica linguística das expressões idiomáticas.

Segundo Corpas Pastor (1997), a frequência, como característica linguística das expressões idiomáticas, poderá apresentar duas vertentes, conforme já pudemos observar na definição anterior: (a) frequência de uso da expressão idiomática como tal e (b) frequência de coaparição de seus elementos constituintes. No caso (b), os elementos constituintes não aparecem sozinhos sob pena de descaracterizar a expressão idiomática.

Creemos que a frequência de uso atua como um elemento fixador da expressão idiomática. Graças à frequência de uso, as expressões idiomáticas potencializam as funções apelativas da linguagem oral/escrita, que se caracterizam pela interpelação direta do interlocutor, e diríamos, também, incrementam as mesmas funções da linguagem não verbal, uma vez que estão presentes, por exemplo, em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), conforme nos descreve Lemos (2012). De igual modo, as funções expressivas, as que se referem às atitudes dos locutores ou emissores com relação ao conteúdo e ao contexto da mensagem, são beneficiadas pela frequência de uso das unidades fraseológicas. Em outras palavras, diríamos que a causa (frequência de uso) gruda com a consequência (fixação fraseológica).

Para García-Page Sánchez (2008, p. 32) cabe falar em frequência de uso, no âmbito do estudo das locuções ou expressões idiomáticas, se concebemos as referidas combinações fixas como "fios de tecido textual das mensagens" e que sua presença na comunicação,

oral e escrita, é constante. A frequência de uso nas expressões idiomáticas, potencial e estruturalmente ambíguas, evidencia o sentido idiomático ou holístico, prevalecendo, habitualmente, sobre o sentido literal originário, desde que exista um contexto determinante.

García-Page Sánchez (2008) considera um extremo de infrequência o fato de uma combinação que, em princípio, admite duas leituras, uma literal como forma livre e outra idiomática como expressão fixa, seja empregada com o sentido literal, isto é, como produto da "técnica do discurso", para tomarmos uma expressão de Coseriu (1981, p.113-118).

Em outras palavras, o que García-Page Sánchez (2008) considera infrequente ou inusual é a possibilidade de uma expressão como, em Língua Portuguesa, "ficar a ver navios" com sentido idiomático de "sofrer decepção", possa ser interpretada por um falante nativo como "ficar + a + ver + navios", com o sentido literal de "continuar a enxergar as embarcações". A posição de García-Page Sánchez (2008) indica que a compreensão de uma sequência é preferencialmente idiomática.

Quanto à frequência de aparição, Corpas Pastor (1996) afirma ocorrer quando as expressões idiomáticas apresentam elementos constituintes que aparecem combinados com uma frequência de aparecimento do conjunto ou bloco superior ao que se espera da frequência de aparecimento individual de cada palavra na língua.

A frequência de coaparição tem uma consequência imediata, desde o momento em que uma combinação de palavras, constituída livremente a partir das regras do sistema linguístico, emprega-se em alguma ocasião particular, ou seja, está disponível para ser usada no discurso pelo mesmo falante ou outro como uma combinação já feita.

Segundo Corpas Pastor (1997, p.21), quanto mais frequente o uso da combinação, mas chances terá para consolidar-se como expressão fixa que os falantes nativos armazenam na memória de longo prazo.

Somos da mesma opinião de García-Page Sánchez (2008) de que não faz sentido falar de frequência de coaparição das palavras que formam a expressão, salvo, claro, as variantes fraseológicas já codificadas, que funcionam numa relação paradigmática, posto que as expressões idiomáticas trazem a presença insubstituível (não devemos confundir com a noção de variação fraseológica que sempre

permitirá a recuperação da expressão canônica fixada na memória do falante) dos componentes.

Para ilustrarmos com um exemplo, em Língua Portuguesa, a expressão “abaixar/apagar/assentar/sossegar o facho” pode vir com diversos verbos, mas o mais frequente nos meios de comunicação é que apareça com o verbo baixar como em “O Peru conseguiu baixar o facho do Sendeiro Luminoso.”(In Coluna Frei Hermínio Bezerra, Caderno 3, DN, 07/01/2008), com o sentido de “moderar-se; conter-se”.

A frequência de coaparição é um traço que caracteriza, sobretudo, as colocações ou as construções em trânsito de fixação ou que estão em processo de lexicalização. A frequência de coaparição é um fato sintagmático, marcado pelas relações entre unidades que se sucedem na cadeia falada, derivado primária e fundamentalmente de seu vínculo semântico, isto é, do fato paradigmático, marcado pelas relações virtuais entre unidades suscetíveis de comutarem entre si o que, ao certo, contribui para a fixação completa e definitiva da expressão idiomática.

Nessa mesma linha de reflexão, Xatara (1998, p.148) acredita que a profusão das expressões idiomáticas decorreria de duas razões principais: (a) o poder de seus efeitos criativos e (b) a revelação do mundo simbólico ou metafórico.

A frequência de uso, segundo a linguista Xatara (1998), seria responsável por dar caráter previsível e automatismo às expressões idiomáticas ou, mais precisamente, pela convencionalidade, tornando-as frequentes no discurso, mas, ao serem apresentadas aos usuários da língua, surpreendentemente, revelam-se com um poder metafórico ou idiomático de seus efeitos sobre os usuários, “através do jogo entre suas relações, sobretudo metafóricas e metonímicas, e do recurso ao seu sentido literal.” Num olhar mais crítico sobre o pensamento de Xatara (1998), diríamos que não há metáfora nem metonímia do ponto de vista sincrônico, pelo simples fato de que não há processamento da expressão idiomática.

Quanto à revelação do mundo simbólico, Xatara (1998) afirma que, graças a “uma espessura simbólica”, peculiares às expressões idiomáticas, e por estarem retidas na memória dos falantes, são criadas condições para que, durante o processamento fraseológico, sejam acionadas “transferências semânticas regulares, do concreto ao

abstrato, do físico ao psíquico, exprimindo julgamentos sociais e compartilhando das mais diversas sensações e emoções".

A frequência de uso de expressões como “bater as asas”, “bater em retirada”, “botar o pé no mundo”, “cair fora”, “dar com o pé no mundo”, “levantar voo”, “meter o arco”, “meter o pé no mundo”, entre outras expressões, em lugar do léxico simples "fugir", na verdade, dá uma maior força perlocucionária ao enunciado e traduz para o leitor ou ouvinte maior força de expressão ou estilo<sup>33</sup>.

## A Fixação

Emparelhada com a polilexicalidade, apontamos, entre propriedades essenciais das expressões idiomáticas, a fixação ou a estabilidade.

Zuluaga (1975, p. 230) entende por fixação ou estabilidade formal a propriedade que tem certas expressões de serem reproduzidas no falar como combinações previamente feitas. Esta definição foi posteriormente acolhida por Corpas Pastor (1996, p.23).

Uma explicação das teorias fraseológicas sobre o surgimento desta propriedade fraseológica é a de que a fixação resultaria de um processo histórico-diacrônico e da conversão paulatina de uma construção livre e variável em uma construção fixa, invariável, sólida, graças à insistente repetição; portanto, como consequência de sua frequência.

Nesse processo de evolução, uma forma analítica livre chegaria a adquirir, em um ponto da história, um sentido idiomático (ou metafórico<sup>34</sup>) ou específico<sup>35</sup> em até conceber-se como um todo, isto é, uma fórmula memorizável, disponível para emprego por parte do

---

<sup>33</sup> A rigor, não poderíamos dizer que a frequência de uso é uma propriedade exclusiva das expressões idiomáticas. Acontece com a escolha de qualquer palavra da Língua Portuguesa como, por exemplo, com o verbo sair ou retirar-se com seu correlato vazar.

<sup>34</sup> Não poderíamos generalizar esta carga metafóricidade para todas as unidades fraseológicas. Na expressão de vez em quando com sentido de "ocasionalmente, uma vez ou outra", não há metáfora.

<sup>35</sup> Por exemplo, em ser cheio de nove horas com sentido de "rabugento, impertinente" como na frase "O senador fluminense Lindbergh Farias ficou cheio de nove horas para dizer que aquele escritório era até então uma caixa-preta" (DN, em Caderno 3, Coluna É..., 08/07/2013)

falante, no processo discursivo, ao expressar um conteúdo que já estaria condensado nela (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.25).

Este processo de conversão de uma unidade sintática em expressão idiomática poderia chamar-se de fraseologização, embora, para García-Page Sánchez (p.25), o fato de unidades fraseológicas terem muitas palavras é uma condição absolutamente necessária, mas não exclusiva, e suficientemente restritiva, o que significa dizer que este fato linguístico pode representar um fenômeno mais amplo se inclui a fixação da forma e a fixação semântica como operações simultâneas, uma vez que fixa, também, o sentido fraseológico.

Quando o sentido de uma expressão idiomática se estabiliza, a forma livre originária, estruturalmente idêntica, portanto, correspondente a literal (ou a "técnica do discurso" para tomarmos a expressão coseriana), seguirá outros caminhos semânticos ou ocorrências semânticas, disponível para emprego discursivo, e, exposta, como qualquer outro signo da língua, a preencher-se de novos matizes semânticos; daí as expressões idiomáticas experimentarem mudanças no sentido ou se tornarem arcaísmos.

Com relação, especificamente, às expressões idiomáticas, a fixação é uma propriedade marcante das mesmas em que pesem sofrerem muito com a variação fraseológica. Línguas neolatinas como o português e o Espanhol registram muitas variantes fraseológicas no seu léxico. Vamos, então, aprofundar um pouco, com alguns exemplos em língua Portuguesa, esta questão da variação nas expressões fixas nos parágrafos a seguir.

Segundo García-Page Sanchez (2008, p.213-315), os estudos filológicos têm mostrado que a tradição oral tem favorecido, ao longo dos anos ou séculos, a criação de variantes, em decorrência de causas diversas, do tipo: (1) maior expressividade; (2) etimologia popular; (3) regionalismos; (4) marcas sociolinguísticas (as de variação diastrática, em particular); (5) existência de modelos produtivos de uso pelos falantes<sup>36</sup>; (6) ênfase; (7) reforço do aprendido; (8) ajuda à

---

<sup>36</sup> O caráter "produtivo" das expressões é muito questionado. Ao longo deste livro, temos colocado que uma expressão não pode ser produtiva. É uma contradição em termos. Se o que caracteriza a expressão é justamente a cristalização e a fixação, com o passar dos anos, ela não pode ser produtiva. Assim, ninguém pode fazer uma expressão nova porque, por definição, a sequência tem de ser repetida durante muito tempo, até ser conhecida e compartilhada por todos os outros falantes da língua.

memorização; (9) economia linguística; (10) modernização e, por último, (11) maior ou menor extensão da locução.

Destas causas arroladas acima, não concordamos com a (5) por entendermos que, por definição, uma expressão idiomática não pode ser produtiva a menos que o autor considere a flexão ou a variação como processos criativos da língua, o que seria um contrassenso linguístico.

De outra maneira, diríamos que a fixação tem um caráter gradual, portanto, de escalaridade, que se manifesta de diversos graus de uso da língua. São muitas as expressões idiomáticas passíveis de variações formais de uma ou outra natureza (fônica, gráfica, léxica, gramatical, morfológica).

Vamos retomar à questão anterior. Na Língua Portuguesa, podemos dar exemplos de variantes fraseológicas de várias expressões idiomáticas, como: "chutar o balde/ o pau da barraca"; "escapar/sair pela tangente"; "estar/ficar entregue às baratas"; "passar atestado de burro /estúpido/imbecil"; "estar/ou andar com a pedra no sapato"; "estar/cair/ ficar de cama"; "estar/ ficar com água na boca"; "estar/ ficar de saco cheio"; "estar /ficar no mato sem cachorros"; e "esticar a canela/ as botas". Esta riqueza de variação fraseológica é entendida por nós como diferenças de realização linguística (falada ou escrita) de uma expressão fixa, observadas entre os falantes de uma mesma língua e não como produtividade fraseológica.

Para ficarmos em apenas um exemplo, vejamos o que nos diz Houaiss e Villar (2009) sobre a expressão “chutar o balde”: mesmo que “Chutar o pau da barraca”. Portanto, as duas formas ou variantes de uma mesma expressão fixa compartilham os mesmos sentidos como “deixar de medir as consequências de qualquer ato; engrossar, “entornar o caldo” e “abandonar, desistir de um projeto”.

No inventário de variantes fraseológicas, como apresentamos na lista acima, as que permanecem no uso da língua, sem se tornarem anacrônicas ou obsoletas, são as que são, geralmente, codificadas e consagradas pela comunidade e previstas pelo sistema (da língua), daí reconhecermos que a convencionalidade e a frequência são também dois traços definitórios das expressões idiomáticas.

Para ilustrarmos com mais exemplos em Língua Portuguesa, lembramos que no caso do sentido idiomático de "fugir" ou "retirar-se

em debandada" há muito o que dizer ainda. Aurélio (2009) registra sobejamente, entre outras, as seguintes locuções verbais para "fugir": "abrir no mundo"; "abrir no pé"; "abrir nos paus"; "abrir o arco; bater em retirada"; "botar o pé no mundo"; "enfiar a cara no mundo"; "ensebar as canelas"; "entupir no oco do mundo"; "fazer chão"; "fazer a pista"; "ganhar o mato"; "ganhar o mundo"; "bater em retirada"; "sair de fininho"; e "elevantar voo".

Por outro lado, são abundantes as expressões idiomáticas que admitem modificações de seus elementos constituintes através da "técnica do discurso", própria das combinações livres. Quando expressões idiomáticas se comportam como se fossem combinações livres, portanto, de sintaxe plena, o que ocorre, geralmente, é a inclusão na combinatória de incrementos léxicos com valor intensificador<sup>37</sup>, mas que não interferem no conceito de fixação das expressões idiomáticas, particularmente no caso das locuções verbais, como, as seguintes: "abrir o (maior) bocão", "armar (o maior) banzé", "armar o (maior) barraco", "ser bom (ou muito) estômago", "ser bastante (ou muito) mulher" e "ter bom (ou muito) estômago".

A variação, como contrapartida e, aparentemente contraexemplo da fixação, tem sido proposta, juntamente com a fixação, como propriedade das expressões idiomáticas; inclusive, como um traço universal fraseológico (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.213-220). Existiriam, assim, fatores para transgressão da fixação ou variação fraseológica: (1) a própria natureza fixa da locução; (2) o caráter travado e coeso de sua composição léxica, sintática, e inclusive, fônica (relativo ao contínuo sonoro que constitui a cadeia falada); e (3) seu valor de unidade memorizável.

Em nosso estudo, acolhemos esta visão acima por considerarmos que os falantes de dada língua, especialmente os de L2, como, por exemplo, lusófonos na variante africana, tendem naturalmente a apresentar formas linguísticas diferenciadas da nossa vertente brasileira ou europeia por determinantes sociolinguísticos ou, mais precisamente, por fatores diatópicos.

A estabilidade da combinatória de uma expressão idiomática, ao longo de um tempo, resultaria, pois, da consagração pelo uso na

---

<sup>37</sup> Muitos somatismos, como em tirar mais água do joelho, que traz o intensificador "mais" e "ter a língua maior que o corpo" ou "ter o o olho maior que a barriga" em que temos "maior" nas combinatórias fixas.



comunidade linguística, ainda assim e, paradoxalmente, tal fixação não se imporia como homogênea para todos os falantes de dada língua nem mesmo os dicionários gerais ou especializados registram as expressões idiomáticas ou as abonam de igual modo. Apenas para exemplificar, tomemos, por exemplo, as expressões idiomáticas para o sentido de "morrer" contendo o lexema paletó: “fechar o paletó”, “fechar o paletó de alguém”, “vestir o paletó de madeira”, “abotoar o paletó” e “vestir paletó de pinho”, algumas expressões, claro, hoje não mais frequente no cotidiano dos brasileiros.

Esta particularidade da propriedade fixação, segundo Corpas Pastor (1996, p.23), pode ser manifesta nos seus dois tipos: (a) fixação interna e (b) a fixação externa. Por fixação interna, entendemos a fixação material, marcada pela impossibilidade de reordenamento dos componentes, realização fonética fixa, restrição na escolha dos componentes e fixação de conteúdo (ou peculiaridade semântica).

A fixação externa, por sua vez, pode ser subdividida em outros quatro subtipos, conforme descrevemos abaixo: (1) **fixação situacional**<sup>38</sup>: refere-se a que se dá como combinação de certas unidades linguísticas, em situações sociais determinadas, como ocorre nas expressões como “com licença da (má) palavra” (“se me permite usar uma palavra feia, desculpe-me a palavra insultuosa”), “pedir a mão de” (“fazer proposta de casamento”) e “pedir a palavra” (“pedir licença para falar”); (2) **fixação analítica**: entende-se aquela que se dá como consequência do uso de determinadas unidades linguísticas, para análise já estabelecida do mundo, frente a outras unidades igualmente possíveis teoricamente, como, em Língua Portuguesa, temos “querer viver apenas à sombra e água fresca”, “não dizer desta água não beberei” e “não se julgar livre de fazer” o que condena nos outros); (3) **fixação passemática**<sup>39</sup>: aquela fixação originada no emprego de unidades linguísticas segundo o papel do falante no ato comunicativo, como nas locuções: “custar os olhos da cara” (“ser muito caro”) e “dormir como uma pedra” (“dormir profundamente”);

---

<sup>38</sup> Este traço não poderíamos dizer, a rigor, ser exclusivo das unidades fraseológicas. Qualquer palavra de dada língua tem sua fixação situacional.

<sup>39</sup> Este termo nos lembra muito a noção de ato perlocutório (os efeitos do ato do falante nos interlocutores e audiência), isto é, o efeito que um ato ilocutório (força que o enunciado produz que pode ser de pergunta, de afirmação ou de promessa) no alocutário (pessoa a quem o locutor dirige um ato de fala numa situação de comunicação oral).

e (4) **Fixação posicional**: entendida como a preferência pelo uso de certas unidades linguísticas de determinadas posições na forma de textos, como ocorre nas fórmulas de saudação, encabeçamentos e despedidas de cartas, por exemplo: “Sou, com todo o respeito” (“fórmula de delicadeza que usa o missivista no fecho das cartas, para exprimir o respeito e o apreço pela pessoa a quem se dirige”).

A noção de institucionalização, segundo Garcia Page (2008), é um dos traços acidentais das expressões idiomáticas que também pode ser emparelhado com o conceito de fixação. Define institucionalização como “o processo pela qual uma comunidade linguística, adota uma expressão fixa, a sanciona como algo próprio, como moeda de troca na comunicação cotidiana, como componente do seu acervo linguístico-cultural, de seu código idiomático, como qualquer outro signo convencional e passa a formar parte do vocabulário”<sup>40</sup> (p.29).

Vale ressaltar que a noção de institucionalização, na perspectiva de nosso trabalho, como já dissemos antes, é uma propriedade acidental ou ocasional, que não pode ser confundida com a noção de convencionalidade, uma propriedade essencial das expressões idiomáticas, segundo a perspectiva cognitivista (FILLMORE, KAY e O'CONNOR, 1988; NUNBERG, WASOW e SAG, 1994; CROFT e CRUSE, 2004, p.298; TAGNIN, 2005). Mais adiante, daremos uma atenção especial à propriedade da convencionalidade.

No caso da institucionalização, a expressão idiomática converte-se em produto cultural, como um referente idiossincrásico e de uso por uma comunidade linguística, embora possa ultrapassar as fronteiras e alcançar o campo internacional, isto é, passar a fazer parte do universo fraseológico compartilhado por comunidades de falas distintas.

Há expressões que surgem com força e pujança ou se põem de moda por certo tempo, mas a comunidade linguística deixa de usar de uma hora para outra e a esquece, e assim deixa de fazer parte do vocabulário ativo da comunidade de falantes, embora, por vezes, continue registrada nos dicionários gerais da língua.

---

<sup>40</sup> No original: " el proceso por el cual una comunidad linguística adopta una expresión fija, la sanciona como algo propio, como moneda de cambio en la comunicación cotidiana, como componente de su acervo linguístico-cultural, de su código idiomático, como cualquier otro signo convencional, y pasa a parte del vocabulario".

Na institucionalização de uma estrutura, normalmente, a ação fixadora do uso repetido é precisa. Ainda segundo García-Page Sánchez (2008), a repetição continuada de uma expressão conduz a sua cristalização, a sua petrificação, à condição de unidade disponível para seu armazenamento, memorização e a sua transmissão entre os falantes.

No campo fraseológico, o traço de fixidez da instituição nos leva a outra noção, a de reprodutividade, que, certamente, é a mesma que percebeu Eugenio Coseriu quando fez referência a "discurso repetido" (2007, p.201).

Por conta da repetição ou reprodução, ocorreria a institucionalização, e esta também levaria, no uso da língua, à repetição da expressão, evidenciando seus valores intrínsecos como fórmula ou discurso repetido, conhecimento ou experiência compartilhada entre os falantes, sua natureza estruturalmente sintética e sua marca de identidade cultural da comunidade linguística.

Outra noção fraseológica, considerada por nós como acidental e que está muito ligada à noção de fixação fraseológica, é a de anomalia. Entendida, em nosso estudo, os casos de anomalia ocorreriam em expressões que fogem à regra e não seguem um paradigma flexional, e sendo formas anômalas devem ser, portanto, memorizadas pelos falantes de uma língua dada.

Tem-se apontado as construções estruturalmente anômalas do tipo léxicas, sintáticas ou semânticas como índices ou indicadores fraseológicos, isto é, marcas de identificação das expressões idiomáticas e uma prova da fixação das unidades fraseológicas (GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, 2008, p.33-34; RUIZ GURILLO, 2001, p.18). Uma questão, claro, discutível, mas intrigante para todos os fraseólogos e gramáticos tradicionais.

No caso da Língua Portuguesa, enquanto para o sintaxista uma expressão idiomática como "aí é que a porca torce o rabo" ("este é que é o ponto difícil da questão"), a presença do adverbio "aí" é considerada uma anomalia, para o fraseólogo é um traço próprio de certas unidades/expressões/ fraseológicas<sup>41</sup>. Em outras palavras, no campo fraseológico, a anomalia tem seu valor diacrítico.

---

<sup>41</sup> Uma outra interpretação para este fenômeno seria a de considerar que um sintaticista poderia ver no advérbio aí um adjunto temporal perfeitamente justificável na língua, tanto do ponto de vista formal (com relação à posição na sentença) quanto semântico.

A Língua Portuguesa, em se tratando de casos de anomalias fraseológicas, é bastante produtiva. Por exemplo, há casos de anomalias em expressões idiomáticas (a maioria anacrônica) com a presença de nomes próprios ou antropônimos como, em: “Messias”, em “esperar pelo Messias” (“esperar por coisa pouco provável ou quase impossível”; “Luzia”, em “ganhar o que Luzia ganhou na horta” (“ser passado para trás”) ou “João” em “dar uma de João-sem-braço” (“disfarçar-se”). Estes antropônimos caracterizam a expressão, de modo a nos falar de uma “fossilização de estados sincrônicos anteriores”, isto é, constitui um resíduo histórico de sua consolidação.

As diversas anomalias presentes nas expressões idiomáticas tendem a torná-las expressões ambíguas, isto é, potencialmente composicionais (transparentes ou literais) e não composicionais (opacas e idiomáticas ou não literais) e, por essa razão, o contexto desempenha um papel importante na identificação das expressões idiomáticas quando trazem as marcas de anomalias fraseológicas, como nos exemplos mostrados acima.

No âmbito da Fraseologia, existem mais exemplos de anomalias com palavras idiomáticas (ou diacríticas), arcaísmos ou a marca do arredondamento dos lábios. Por exemplo, nas expressões idiomáticas “botar as manguinhas de fora” ou “pôr as manguinhas de fora” (“agir revelando qualidades ou denunciando intenções que, em geral, anteriormente se ocultavam”), embora possa ser alternado o verbo “botar” para “pôr”, a palavra idiomática “manguinhas”, na sua forma fossilizada no plural, está presente nas duas construções sinônimas. “Manguinhas” tem a função de ser uma palavra diacrítica. É, na expressão idiomática “botar as manguinhas de fora”, o que Gonzalez Rey (2005, p.315) chama de fenômeno de hápax <sup>42</sup> fraseológico.

Da mesma forma, temos um caso de arcaísmo quando o falante atual do Português Brasileiro, diante de uma expressão idiomática como “bater a caçoleta” (“morrer”) não reconhecemos, contemporânea e composicionamente o sentido de “caçoleta” (“fuzil de espingarda ou arma de fogo semelhante, que dispara com faíscas de pederneira, sobre a qual bate a pedra adaptada ao cão, para comunicar

---

<sup>42</sup>Em lexicografia, palavra ou expressão de que só existe uma única abonação nos registros da língua. Esta palavra vem do grego hápaks 'uma vez', isto é, hápaks legómenon 'o que é dito uma única vez'.

fogo à escorva") julgará, então, por força de sua intuição Linguística, que se trata de uma expressão antiga ou desusada; na verdade, está diante, realmente, de uma construção idiomática que caiu em desuso quer na fala quer na escrita padrão, embora possa continuar a existir como forma dialetal, ou em usos literários (o escritor cearense José de Alencar recorre, 1870, ao termo em “ O gaúcho : romance brasileiro) e com abundantes abonações nos dicionários gerais<sup>43</sup>.

Um bom exemplo de “arredondamento ou não dos lábios” (ou labialização), podemos observar quando a presença do artigo, enquanto categoria gramatical, implica em diferença no sentido idiomático da expressão com relação a sintagmas livres, "irmãos gêmeos"<sup>44</sup>, como, por exemplo, em “chutar o balde” ou “chutar o pau da barraca”, “bater a bota” ou “bater as botas”. Há uma forte carga de expressividade fônica com o emprego das vogais posteriores e centrais.

O que podemos assinalar, nos exemplos “chutar o balde” e “chutar o pau da barraca”, é que o artigo o indica, convencionalmente, a presença de uma expressão idiomática frente aos sintagmas livres “chutar balde” ou “chutar pau da barraca” que têm o sentido literal de “dar chute contra o recipiente”. Por outro lado, a presença do artigo definido, nas construções idiomáticas, indica não apenas uma determinação dentre outras da mesma espécie, mas uma articulação secundária que envolve arredondamento dos lábios na hora de ser proferida pelo falante.

A metáfora, a hipérbole e a metonímia dão origem a numerosas expressões idiomáticas "semanticamente anômalas", como “comer com os olhos” ("olhar com cobiça; admirar, demonstrando forte desejo"); “comer como pinto” e “cagar como pato” ou “dar o passo maior que a perna” ("ganhar pouco e gastar muito"); “comer como um lobo” ("comer ávida e exageradamente"); “afogar-se em pouca água” ("complicar-se ou preocupar-se com

---

<sup>43</sup> Reconhecemos que há inúmeras expressões com palavras que não existem independentemente e são empregadas. Por exemplo, ao léu ou a esmo (à toa) ou sem eira nem beira ("na miséria"). Assim, o fato de a expressão desaparecer porque seus componentes não são usados não nos parece um fato. Na verdade, quando a expressão desaparece o alcance é pleno, isto é, como grupo fraseológico. Afinal, a expressão fixa é uma unidade.

<sup>44</sup> A linguista Gurillo (2001) recorre a esta expressão para se referir ao homófono literal de uma expressão idiomática.

pequenos problemas ou com as mínimas coisas, sem nenhuma importância"; "abrir o coração" ("expandir os seus sentimentos; desabafar"); e cortar o coração ("ser extremamente doloroso").

Tendo em conta que a oposição entre expressões idiomáticas em L1 e em L2 ou em L3 ocorre com frequência nas línguas modernas, como nos aponta Belinchón (1999, p.359-73), diríamos que a Fraseologia do Português é uma das mais ricas das línguas europeias por estar repleta de expressões que contêm componentes léxicos cujo sentido resulta completamente desconhecido por muitos falantes, especialmente crianças e adolescentes, embora, em geral, saibam o sentido global da expressão quando esta é de uso frequente ou corriqueiro ou, ainda, quando contextualizada na fala cotidiana.

Eis algumas expressões que ilustram melhor nossa assertiva acima: "estar com o pé no estribo" ("estar de partida"); "estar na berlinda" ("ser alvo de comentários"); "fazer de um argueiro um cavaleiro" ("exagerar demais"); "fazer figas" ("amaldiçoar, esconjurar alguém ou algo"); "fazer mea-culpa" ("arrepender-se"); "fazer ouvidos de mercador" ("fingir que não ouve"); "fazer pé de alferes a' ("namorar, cortejar"); "fazer uma fezinha" ("arriscar a sorte num jogo de azar"); "fazer uma vaquinha" ("dividir igualmente entre várias pessoas uma despesa qualquer") E, 'dar em águas de bacalhau' ("não se concretizar; frustrar-se").

Como pudemos facilmente mostrar até aqui, componentes léxicos das expressões idiomáticas arroladas acima como estribo, berlinda, argueiro, figas, mea-culpa, mercador, pé de alferes, fezinha, vaquinha, e águas de bacalhau, podem ser altamente infrequentes para nativos ou não nativos do PB.

## **A Idiomaticidade**

"La idiomaticidad, entendida hoy como no-composicionalidad semántica es otro rasgo esencial de las Unidades Fraseológicas (UFs)." (PAMIES, 2006, p.2)

Assim como a polilexicalidade é uma propriedade emparelhada com a fixação, esta, por seu turno, é ligada à idiomaticidade.

Para a renovação do repertório do léxico de uma língua, é necessário que as expressões não idiomáticas se convertam em idiomáticas, isto é, globalizem-se (polilexicalidade) e estabilizem-se

(fixação). A todo momento são criadas novas palavras e expressões idiomáticas. Por essa razão, os dicionários gerais tendem a marcar passo frente à atualização das entradas e subentradas de seus verbetes.

A idiomaticidade para alguns autores é determinada a partir da noção de interlinguística e intralinguística. É idiomática uma expressão que, ao ser traduzida para a língua-alvo, pelo menos, um de seus elementos recebe um equivalente especial, que aparece somente nessa expressão. Segundo Iñesta Mena e Pamies Bertrán (2002, p. 25), a idiomaticidade entendida como especificidade diz respeito a uma língua que se converte em um argumento favorável à relatividade Linguística <sup>45</sup>.

González-Rey (2010, p. 179) defende a ideia que a idiomaticidade (ou opacidade) resultaria de uma percepção relativa dos usuários, que são os que opinam se uma expressão é opaca ou não. A opacidade dependeria do grau de transparência com a que se expressa uma ideia, mas o que verdadeiramente determina a compreensão do sentido idiomático são, segundo ela, os conhecimentos prévios e os procedimentos cognitivos dos usuários. Segundo a linguista, "a opacidade vem de uma falha da mente [dos usuários da língua] ao reconhecer sua incapacidade de desmaranhar sentido" <sup>46</sup> (idem).

Na tradição Linguística, o conceito de idiomaticidade tem, ao menos, duas concepções: por um lado, uma *concepção lato sensu* (sentido amplo) daquilo que, na língua, é próprio, particular, peculiar ao sistema linguístico, daí os termos concorrentes idiotismo ou idiomatismo; e por outro, a concepção *stricto sensu* (sentido restrito), decorrente da noção fraseológica do princípio da não composicionalidade semântica ou da opacidade semântica (BEVILACQUA, 2004/2005, p.77).

No Brasil, o termo idiomático ou idiomaticidade, durante muito tempo, referiu-se a uma particularidade ou a especificidade cultural

---

<sup>45</sup> Este termo nos remete à ideia de que uma determinada língua é o reflexo da civilização e da cultura da comunidade onde ela é falada, isto é a estrutura global de cada língua influi diferencialmente sobre o pensamento do falante, sobre sua concepção da realidade e seu comportamento frente a ela, como apontam Rossi-Landi (1974, p.30-36) e Neveu (2008, p.260).

<sup>46</sup> "La opacidad procede de un fracaso de la mente al reconocer su incapacidad de desentrañar el sentido".

"nacional" a que, na década de 40 do século passado, evidenciou-se com a publicação de obras como *Tesouro da Fraseologia Brasileira* (1966)<sup>47</sup>, do filólogo Antenor Nascentes e, quase três décadas depois, com a publicação de *Locuções tradicionais no Brasil*, de Luís da Câmara Cascudo (2004)<sup>48</sup>. Estes autores recolheram, uma a uma, expressões e ditos populares, geralmente ouvidas por eles de homens simples, familiares, descartando as mais populares em Portugal e tendo a preocupação de buscar as suas origens ou motivações linguísticas (CASCUDO, 2004, p.24).

A idiomaticidade, portanto, nas duas obras acima, confundia-se como assinalamos anteriormente, com a noção de idiomatismo ou idiotismo<sup>49</sup>, isto é, traço ou construção peculiar a uma determinada língua, que não se encontra na maioria dos outros idiomas (na verdade, mais presunção do que fato linguístico), como ocorre, em nossa língua, com o infinitivo pessoal ou flexionado do português, que recebe desinências número-pessoais, como, por exemplo, na frase "Se nós pusermos mãos à obra agora, terminaremos o trabalho a tempo", em que flexionamos o verbo de uma expressão idiomática pôr mãos à obra ("começar a executar alguma coisa").

As expressões idiomáticas, no tesouro fraseológico, podiam ser entendidas como elementos da tradição oral de uma cultura, no caso, a brasileira, ou, em outras palavras, locuções próprias de uma língua, cuja tradução literal não faz sentido numa outra língua de estrutura análoga, por ter um sentido não dedutível da simples combinação dos sentidos dos elementos que a constituem.

No Brasil, uma das primeiras gramáticas a tratar dos idiotismos foi a *Gramática Expositiva: curso superior*, publicada em 1907, pelo mineiro Eduardo Carlos Pereira e que, no ano 1957, já registrava sua 102ª edição, o que vem comprovar sua grande aceitação pelos brasileiros. Pereira (1957), definia, na época, idiotismo como "termo ou dição de uma língua que não tem correspondente em outra língua, ou, ainda, frases peculiares que se apartam das normas da sintaxe, sendo, porém, consagradas pelo uso de pessoas cultas" (p.258). Consideradas como "verdadeiras belezas da língua", os idiotismos, segundo Pereira

---

<sup>47</sup> A primeira edição desta obra é datada de 1945.

<sup>48</sup> A primeira edição desta obra é data de 1970.

<sup>49</sup> Houaiss e Villar (1999) datam o termo idiotismo de 1713 enquanto o termo idiomatismo surgiu no século XX.



([1907] 1957), podiam ser divididos em duas vertentes: (a) idiotismos léxicos e (b) idiotismos fraseológicos.

Conforme nos descreve Pereira (1957), havia quatro casos de ocorrências de "idiotismos léxicos": (a) *infinitivo pessoal ou flexionado*, forma nominal do verbo que, por referir-se a um sujeito, ao contrário do infinitivo impessoal, flexiona-se em número e pessoa como na frase "O juiz faz saber a todos quantos deste edital tomarem conhecimento" e " Já, já ajustaremos contas você e eu"; (b) *a mudança do sentido de certas palavras ou expressões* pela mudança do gênero, número, e, ainda, da posição de seus componentes no caso das expressões, como em: a cabeça (uma das grandes divisões do corpo humano) e o cabeça (figura preeminente em qualquer associação ou grupo de seres humanos ou de animais; líder), a língua (órgão muscular situado na boca e na faringe) e o língua (intérprete, tradutor), o zelo (grande cuidado e preocupação que se dedica a alguém ou algo) e os zelos (ciúme), a honra (princípio que leva alguém a ter uma conduta virtuosa) e as honras (manifestações que denotam respeito, consideração por alguém que se distinguiu por sua conduta ou título ou cargo honorífico), homem grande (crescido, desenvolvido, taludo) e grande homem (magnânimo, bondoso, generoso), homem simples (modesto, humilde, pobre) e simples homem (o mais baixo de uma escala ou hierarquia<sup>50</sup>); (c) *o verbo haver*, empregado no singular com ausência de sujeito explícito ou determinado, que expressa situações ou processos que não são atribuíveis a nenhum ser, como, por exemplo, "Há certo tipo de meninos que apreciam fazer cenas", e "Em toda parte há pessoas que não veem um palmo adiante do nariz"; e (d) *a palavra saudade*<sup>51</sup> que não pode, idiosincriticamente, ser traduzida em outras línguas, por não ter equivalência, daí a locução genuinamente brasileira "deixar na saudade" com sentido idiomático de "levar vantagem sobre; superar, sobrepujar" e "morrer de saudade" ("Sentir muita saudade").

Os idiotismos léxicos são considerados por Pereira (1957), como "idiotismos convencionais", pois, são observadas construções análogas em outras línguas, especialmente neolatinas como Espanhol

---

<sup>50</sup> Do ponto de vista da Semântica, isso só reflete a polissemia, característica de praticamente todos os itens léxicos.

<sup>51</sup> Interessante observar a etimologia da palavra saudade: vem do latim *solitate*, 'soledade', 'solidão', pela forma arcaica *soydade*, *suydade*, possivelmente com influência da palavra *saúde*.

e o Italiano<sup>52</sup>. Os idiotismos fraseológicos aparecem em construções do tipo *minha nossa, Nossa Senhora, Minha Nossa Senhora, Nossa Mãe, Santo Deus, Virgem Maria, cruz-credo, triste de mim, pobre do homem, que constituem "frases idiomáticas"*, expressivas e refratárias à análise.

Entre os idiotismos fraseológicos, Pereira (1957), cita o caso dos anacolutos. Mais explorada no campo da estilística ou da retórica, a anacolúcia ou "frase quebrada", com acepção fraseológica ocorre em provérbio do tipo "quem ama o feio, bonito lhe parece" ("aquele que gosta muito de alguém ou de algo nunca lhe vê defeito algum").

O termo idiomático também estava presente nas gramáticas normativas para assinalar todos os fenômenos "anômalos" frente às regularidades que eram objeto real da gramática, dentre os quais as expressões idiomáticas, constituíam somente uma parte.

O conceito de idiomático aproxima-se muito, nesse contexto gramatical, da noção de anomalia, isto é, caráter de expressões ou construções não seguirem as regras ou paradigmas de uma língua e terem caráter imprevisível e irregular comparadas às combinações livres. Numa segunda concepção, a perspectiva mais estreita ou restrita do termo idiomatismo é considerada como categoria pertencente à semântica composicional (ou não composicional) e muito particularmente à forma de significar das unidades fraseológicas.

Uma definição que se ajusta a esta noção de idiomatismo é a definida por Montoro del Arco (2006) que a delimita como "a propriedade que apresentam certas unidades fraseológicas, para o qual o sentido global da unidade não é dedutível do sentido isolado de cada um dos elementos constitutivos" (2006, p.45)<sup>53</sup>.

O fenômeno da idiomatismo é também chamado de não composicionalidade do sentido, frente à composicionalidade do sentido dos sintagmas próprios da sintaxe livre. É considerada por Montoro del Toro, o mais alto grau de que se conhece como especialização semântica

---

<sup>52</sup> Trata-se, na verdade, de uma indicação diacrônica. Em Latim, provavelmente havia expressão idiomática. Poderíamos falar, então, em hipótese filológica de reconstrução.

<sup>53</sup> Original: "la propiedad que presentan ciertas unidades fraseológicas, por la cual el sentido global de dicha unidad no es deducible del sentido aislado de cada uno de los elementos constitutivos".

ou lexicalização em unidades fraseológicas. Por exemplo, na expressão “querer tapar o sol com peneira” (“tentar negar fatos palpáveis ou incontestáveis”) ou “tirar o cavalo (ou o cavalinho) da chuva (“desistir de um propósito qualquer, por sua absoluta impossibilidade de sucesso”), por força de sua idiomaticidade, não são transparentes nem se adivinham seu sentido idiomático a partir de seus elementos componentes, principalmente se os usuários não são nativos da língua portuguesa.

Na segunda concepção, idiomaticidade é identificada com o sentido traslatício, produto de processos metafóricos ou metonímicos. Desde esse ponto de vista, unidades como tirar leite de pedra (“conseguir aquilo que todos têm por impossível”), morder a língua (“deixar de falar algo”) ou dar murro em ponta de faca<sup>54</sup> (“pretender o impossível”) seriam mais idiomáticas por seu alto grau de opacidade semântica.

Para outros pesquisadores, a idiomaticidade é inversamente proporcional à motivação ou restituição diacrônica<sup>55</sup>, isto é, sempre que podemos recuperar a origem de um sentido traslatício ou metafórico a partir do sentido literal, estaremos ante unidades menos idiomáticas que nos casos em que este sentido é totalmente opaco e não há rastro ou pegadas da referida motivação. Estabelece-se que este traço idiomático resultaria de um processo pelo qual o sentido último ou final difere do original ou literal e se concebe em consequência como próprio do conjunto global dos componentes.

Do ponto de vista da Linguística Cognitiva, as pesquisas têm dado atenção não ao resultado final, isto é, o sentido idiomático das expressões, mas ao caráter processual da idiomaticidade e têm assinalado, nos seus achados, que o sentido das UFs é composicional, isto é, consiste na soma dos sentidos parciais dos elementos componentes, visão que contrasta com a de Montoro del Arco (2006), como vimos anteriormente.

Em Língua Portuguesa, expressões idiomáticas do tipo “jogar lenha na fogueira” (“piorar uma situação que já é caótica”) ou meter o pé no mundo (“fugir”) aos olhos cognitivistas como Cuenca e Hilferty (1999) são consideradas sintagmas com estrutura interna mais analisáveis, por que estes desempenhariam um papel importante em

---

<sup>54</sup> Também dita dar murro em faca de ponta, com uso mais regional no Brasil.

<sup>55</sup> Motivação é entendida aqui como a presença de qualquer conexão necessária entre a forma (fixação formal) da expressão e seu sentido idiomático.

sua interpretação e que "esta possibilidade de estabelecer uma cadeia de inferências sugere que a interpretação não é arbitrária" (CUENCA; HILFERTY, 1999, p.117)<sup>56</sup>. Em substância, o que defendem os cognitivistas é que as expressões idiomáticas, em sua maioria, são bastante composicionais, em particular, na recepção, uma vez que é preciso que façam sentido (GRICE, 1982) para os usuários da língua, mas, na produção, precisariam saber da convenção.

Para os linguistas cognitivistas, a fixação dos sintagmas é uma questão de grau e não se pode confundir a sua literalidade com a não composicionalidade semântica. O que afirmam é que o sentido idiomático das expressões leva em conta que os constituintes do sintagma seguem mantendo parte do sentido originário: "podemos compreender a importância das partes constituintes de uma frase idiomática, uma vez que são elas que fornecem as pistas necessárias para desvendar a interpretação global da expressão em questão"<sup>57</sup> (CUENCA; HILFERTY, 1999, p.118).

Sabemos que este fenômeno ocorre algumas vezes, outras não. Em "brigar feito cão e gato", podemos imaginar o sentido originário, mas em expressões como "meter o bedelho" ("intrrometer-se em assunto alheio"); "pintar o sete" ("realizar obras ou atos próprios do diabo, como travessuras, desatinos, desregramentos"); "tirar o cavalinho da chuva" ("desistir de ideia, projeto ou pretensão, por não haver hipótese de êxito") e "trepar ou pisar nas tamancas" ("zangar-se"), observamos que não é conservado o sentido originário.

Discordando brevemente com a posição dos cognitivistas; cremos que quando estamos diante de expressões idiomáticas efetivamente opacas, mesmo que haja reconhecimento dos lexemas que formam a expressão, acessar o sentido idiomático não é tarefa trivial que se resolve unicamente com a linguagem literal.

---

<sup>56</sup> No original: "esta posibilidad de establecer una cadena de inferencias sugiere que la interpretación no es arbitraria".

<sup>57</sup> No original: "podemos comprender la importancia de las partes constituyentes de la frase idiomática, puesto que son éstas las que proporcionan las pistas necesarias para desentrañar la interpretación global de la expresión en cuestión". Uma posição crítica à autora diríamos que alguns contituientes do sintagma mantêm parte do sentido originário, mas outros não. Em Língua Portuguesa, por exemplo, as expressões sem eira nem beira, misturar alhos com bugalhos tal e qual apóiam-se na rima, isto é, têm apoio fonético recorrente, do segmento final das palavras (eira/beira, alhos/bugalhos e tal/qual) do que por outros critérios linguísticos.

Para defenderem suas postulações, os linguistas cognitivos dão como exemplos expressões idiomáticas do tipo “ficar com as mãos” atadas (“ficar impedido de agir ou de reagir”). Segundo eles, são, a rigor, fraseologismos com homônimos livres, isto é, aqueles que estão construídos de acordo com os modelos sintáticos e respondem às regras gramaticais e de combinabilidade de uma língua dada. Ora, não é bem assim: sabemos que muitas expressões idiomáticas fogem até mesmo dos paradigmas sintáticos como, por exemplo, “aí é que a porca torce o rabo”, “aí é que vamos ver e aí é que está o busílis”; construções consideradas por nós como casos de anomalia fraseológica.

A propriedade da idiomaticidade ou o critério de não composicionalidade semântica, segundo outros estudiosos cognitivistas, é importante porque ajuda a caracterizar muitas expressões idiomáticas. Por essa razão, as pesquisas nessa área têm investigado a relação entre o literal-parcial e o metafórico-global, e a produtividade criativa dos distintos modelos de expressões idiomáticas. O traço da idiomaticidade tanto englobaria as expressões idiomáticas totalmente opacas como as que não são metafóricas, estejam elas mais ou menos motivadas.

Uma pergunta, então, advém quando tratamos da noção de idiomaticidade nas expressões idiomáticas: de que forma estamos certos de que uma expressão como “misturar alhos com bugalhos” é, realmente, opaca? O mais provável é que a opacidade do sentido da expressão decorreria da utilização de palavras que fazem referência frequente a elementos histórico-culturais ou a combinações baseadas no imaginativo (ou então, como podemos supor um caso de rima), intuitivo, expressivo, nas quais as palavras passam a adquirir uma significação simbólica e metafórica. No exemplo misturar alhos com bugalhos, podemos observar que o sentido idiomático da expressão não poderia ser deduzido ou interpretado a partir do sentido de cada um dos elementos léxicos que a compõe, como propõe Mogorrón Huerta (2010, p.240).

Os estudos fraseológicos têm postulado que, a exemplo da fixação, a idiomaticidade é um fenômeno gradual. Nesse caso, é um desafio para os estudiosos assinalarem, claramente, os limites e as fronteiras entre o que pode ser efetivamente considerado idiomático ou opaco e o semi-idiomático ou transparente, ou, ainda, semitransparente, uma vez que essa classificação dependeria, em

grande parte, não da estrutura dos sintagmas, mas dos conhecimentos linguísticos ou enciclopédicos dos usuários ou falantes da língua (MOGORRÓN HUERTA, 2010, p.243).

Frente a todo esse arrazoado sobre idiomaticidade segundo diversos estudiosos, optamos por adotar, para nosso estudo, o conceito de idiomaticidade de Mogorrón Huerta (2010, p. 240), isto é, o sentido das expressões idiomáticas não pode ser deduzido ou interpretado a partir do sentido de cada um dos elementos léxicos que as compõem.

## **A Convencionalidade**

"De facto, nenhum nome pertence por natureza a nenhuma coisa, mas é estabelecido pela convenção e pelo costume daqueles que o usam, chamando as coisas" (PLATÃO, [360 a.C.] 2001, p. 44)

Até aqui procuramos mostrar que a polilexicalidade, a fixação e a idiomaticidade são propriedades linguísticas (ou endógenas) das expressões idiomáticas e nos parecem explicar relativamente o fenômeno da convencionalidade, uma propriedade efetivamente diferente das demais por ser extralinguística (exógena), isto é, derivada de fatores externos que têm a ver com o falante e a sociedade.

Na antiguidade clássica, em Crátilo (2001) - diálogo escrito aproximadamente no ano 360 a.C - Platão, ao tratar de questões etimológicas e linguísticas, já nos é expressa a ontológica oposição conceitual entre convencionalismo e o naturalismo, onde Hermógenes, travando diálogo sobre a questão da conformidade da linguagem e do real com Crátilo, sustenta que somente o uso, o costume, portanto, a convenção, atribuem uma denominação às coisas e, por conseguinte, determinam a adequação das palavras à realidade extralinguística.

Em Crátilo (2001), importante assinalar que Hermógenes pede a Sócrates que intervenha na discussão que mantém com Crátilo sobre se o sentido das palavras vem dado de forma natural (naturalismo, conforme postulação de Crátilo) ou se, pelo contrário, é arbitrária e depende do hábito dos falantes (convencionalismo, como propõe Hermógenes).

Da discussão sobre o convencionalismo e o naturalismo, chegamos à modernidade certos de que as palavras e as expressões de uma língua são fixadas pelas convenções e pelos acordos humanos. Nessa perspectiva, qualquer linguagem parte de determinados pressupostos de natureza convencional (WITTGENSTEIN, 2003), o que não significa, todavia, "a perfeita arbitrariedade das convenções linguísticas" (ABBAGNANO, 2007, p.241).

No campo da linguagem, é possível que exista outro tipo de relação de significação, dita natural, como entre fogo e fumaça, que está presente na construção fraseológica "onde há fumaça há fogo" ("onde há sinais de alguma coisa, fatalmente haverá uma razão para que eles existam").

Como vemos, a questão das convenções linguísticas ou, mais propriamente o convencionalismo, bem antes da Fraseologia, já era, pois, discutida pela Filosofia da Linguagem, Lógica e Semântica.

No início do século XX, a Linguística Moderna, através do seu principal porta-voz Ferdinand de Saussure, defendeu por força dos postulados do convencionalismo filosófico, a independência do significante em relação ao sentido e o princípio da arbitrariedade do signo linguístico. Por essa razão, podemos dizer que a Linguística, a saussuriana, é essencialmente convencionalista e inspirativamente platonista.

Herdeiros que somos da linguística convencionalista de Saussure, hoje, quando dizemos que o sentido das palavras ou das expressões, particularmente as idiomáticas, é convencional, isso quer dizer que certos sons e expressões significam o que realmente querem dizer convencionalmente e não necessariamente o que dizem as palavras que as compõem *ipsis litteris*.

Saussure (2012, p.108) afirmava, em seu Curso de Linguística Geral, que "todo meio de expressão aceito numa sociedade repousa em princípio no hábito coletivo ou, o que vem a dar na mesma, na convenção", citando, por exemplo, as fórmulas de cortesia.

Ao tratar, mais adiante das frases feitas, combinações ou sintagmas mais complexos, Saussure veio a afirmar que "o uso proíbe qualquer modificação, mesmo quando seja possível distinguir, pela reflexão, as partes significativas" (2012, p.173). A assertiva saussuriana deve ser considerada na questão da convencionalidade no campo fraseológico.

Em substância, no âmbito dos estudos da Linguística Moderna, o conceito de convenção caracteriza uma relação de significação que resulta de uma regra em uso em uma comunidade. Assim, por exemplo, a relação entre um nome próprio e o indivíduo visado por este designador rígido ou fixo ocorre por força de convenção.

Muitas expressões idiomáticas nos dão a conhecer essa condição de convencionalismo linguístico quando trazem entre seus componentes lexicais nomes próprios como em “dar uma de João-sem-brasão (ou de Miguel)” (“Disfarçar-se”), “ganhar o que Luzia (ou Maria) ganhou nas capoeiras (ou na horta)” (“ser passado para trás”), “ser como a mulher de César” (“ser mulher de reputação inatacável”), “cozinhar em banho-maria” (“adiar indefinidamente a solução de um assunto”) e “estar como Pilatos no credo” (“eximir-se de qualquer responsabilidade ou interferência numa questão”).

No âmbito das teorias fraseológicas, Nunberg, Sag e Wason (1994) apontaram a convencionalidade como um traço obrigatório das expressões idiomáticas, reafirmando o princípio da não composicionalidade semântica, isto é, o sentido ou o uso de uma expressão idiomática não resulta previsível com base nos sentidos parciais dos elementos constituintes que a formam. Além da propriedade da convencionalidade, estes autores também assinalaram outras propriedades típicas das expressões idiomáticas: a ou fixação (ou a invariabilidade), a metafóricidade, proverbalidade, a informalidade<sup>58</sup> e afetividade.

Estas propriedades típicas seriam relativamente acidentais com relação à convencionalidade posto que a memória fraseológica, presente em L1 ou L2, ao ser evocada pelos falantes traz à tona, no discurso, como estão construídas ou fixadas na língua, isto é, na mente do falante e, por conseguinte, constituindo como nos assinala Croft e Cruse (2008, p.298), “uma parte do conhecimento gramatical do mesmo”.

Para ilustrarmos estas propriedades típicas, daremos exemplos de cada uma delas observando de que forma se convenciona no âmbito fraseológico.

---

<sup>58</sup> Somos de opinião de que a informalidade não pode ser considerada um traço típico das expressões idiomáticas. Como todo item léxico, existem algumas mais coloquiais, outras menos.



Um primeiro exemplo de fixação (ou invariabilidade) pode ser dado na expressão fazer das tripas coração, com o sentido de "esforçar-se de modo sobre-humano", que apresenta sintaxe restringida, não podendo ocorrer alteração na sua combinatória, como "fazer coração das tripas", sem que afete seu sentido idiomático.

Outra possibilidade, num caso de modificação de combinatória, ao certo, poderá resultar em forçar o ouvinte ou interlocutor em uma conversa a interpretá-la literalmente para viabilizar uma interpretação possível. Um exemplo de metaforicidade podemos observar na expressão "colocar o carro na frente dos bois", com sentido de "andar (algo) ao contrário, às avessas" ou "adiantar-se precipitadamente".

Contrário à ideia de uma convencionalidade (arbitrariedade) em termos saussurianos, compreendemos que há uma tendência à motivação com relação a estas expressões (pelo menos na origem do uso). Sendo esta motivação de natureza corpórea e/ou sociocultural, tal hipótese será defendida pelos linguistas cognitivistas.

Por essa razão, durante muito tempo, a questão da convencionalidade esteve relacionada ao ensino de línguas estrangeiras. As expressões maiores do que as palavras sempre foram um desafio para o ensino sistemático ou explícito para estrangeiros, bem como um fator de obstáculo para o aprendizado dos alunos.

Segundo Tagnin (2005), tomando como referência a língua inglesa, existe um *continuum* de unidades linguísticas convencionais, pertencentes ao léxico de dada língua, ainda que o aprendiz de uma língua estrangeira conhecesse toda a gramática e soubesse todo o dicionário de cor, não teria pleno domínio linguístico (p.11).

É provável, conforme Tagnin (2005), que as dificuldades relacionadas com o aprendizado das expressões idiomáticas, em L1 ou L2, tenham a ver com o fato de serem apreendidas individualmente, uma a uma, uma vez que não existem regras que as gerem (p.11). Ressalta a linguista que "todas essas unidades são aprendidas como um todo, isto é, em bloco" (p.14). A convencionalidade é, pois, o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística. Conforme a linguista, no momento em que a convenção passa para o nível do sentido, podemos falar em idiomaticidade.

Recorre Tagnin (2005), então, ao princípio da não composicionalidade semântica, ao definir uma expressão idiomática como toda expressão que não corresponde à somatória do sentido parcial de cada um de seus elementos, como em “ter o olho maior que a barriga” que não significa "possuir o órgão da visão superior à proeminência externa do abdômen", mas quer dizer "ser guloso" ou "desejar possuir imoderadamente".

Distanciando-se, pois, da noção de vernaculidade, natural e próprio de uma língua, o sentido atribuído por Tagnin (2005) à noção do que é idiomático, é o de "não transparente" ou "opaco" e, claro, existem os casos em que as expressões são tipicamente transparentes, como “ancorar o barco” ("fixar-se ou parar") ou “meter o pau” ("censurar ou surrar").

Tagnin (2005, p.17-20) fala em níveis de convencionalidade. Existem, segundo ela, três níveis da convencionalidade que são, a saber: (1) o nível sintático; (2) o nível semântico; e (3) o nível pragmático. Vamos comentar, brevemente, cada um deles.

No nível sintático, estão elementos como combinabilidade, ordem e gramaticalidade. A origem da propriedade da combinabilidade está na própria noção de combinação, isto é, a relação de uma unidade da língua com outras unidades, no plano do discurso. A noção de combinabilidade nos remete também à teoria estruturalista, o chamado eixo sintagmático, terminologia pós-saussuriana, que se refere ao eixo das relações entre unidades que se sucedem na cadeia falada, isto é, o eixo das combinações.

A ordem, por sua vez entendida como em qualquer dos níveis de análise (fonológico, morfológico ou sintático), sequenciamento, determinado por regras, das unidades que compõem a cadeia (da palavra, locução ou frase).

A gramaticalidade, além da noção de correção de norma gramatical, refere-se à característica de uma sentença gramatical, ou seja, aquela que foi gerada pelas regras da gramática de uma língua. Nesse caso, por regras de sintaxe, em particular.

O nível semântico refere-se à relação não motivada entre uma expressão e seu sentido. Segundo Tagnin (2005), não apenas o sentido de uma expressão linguística é convencionalizado, mas também os esquemas imagéticos que o léxico nos proporciona decorreria dessa

condição por estarmos ecológica e socioculturalmente situados no mundo.

Para a Linguística Cognitiva que privilegia esta perspectiva em seus estudos e pesquisas experimentais, "na interação com o mundo, o homem internaliza esquemas de imagem de natureza cinestésica, que formam a base de determinadas formas linguísticas" (MACEDO, 2008, p.31-32)

De acordo com Lakoff e Johnson (2002, p.59), na cultura ocidental, as chamadas metáforas orientacionais dão a um conceito uma orientação especial como, por exemplo, "feliz é para cima", o que levaria, em Língua Portuguesa, a surgimento de expressões como "levantar as mãos ao (ou para o) céu" com o sentido de "dar-se por satisfeito com algum fato (que poderia ter sido muito pior)". Quando for "para baixo", é mau como expressões do tipo "baixar a bola", com sentido de "passar a ser mais humildade; ou baixar a guarda, que quer dizer" acovardar-se" e mais este olhar para o próprio umbigo, com o sentido de "agir com egoísmo".

Contrastando da posição de Lakoff e Johnson (2002), cremos que a noção de metáforas conceituais só tem sentido no plano da diacronia, isto é, teríamos que levar em conta que, no passado, tinham esta orientação especial, mas, no presente, na sincronia, são expressões arbitrárias na sua maioria e, quando motivadas, estaríamos falando simplesmente em origem da expressão idiomática.

Na Fraseologia da Língua Portuguesa, existem muitas expressões idiomáticas que nos parecem indicar que essas orientações espaciais "surgem do fato de termos os corpos que temos e do fato de eles funcionarem da maneira como funcionam no nosso ambiente físico" (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p.59).

Assim, temos em Português expressões fixas do tipo "ir de (ou por) água abaixo", com sentido de "fracassar, andar por baixo" com o sentido de "estar em situação difícil, normal ou financeira", entre outras como estar de luz baixa e estar de baixo-astrol com a ideia de "sentir-se deprimido, na fossa". Para Lakoff e Johnson (2002), as orientações metafóricas que mencionamos antes não são arbitrárias, e sim, "têm uma base na nossa experiência física e cultural" (p. 60).

No nível pragmático, a noção de convencionalidade é associada à noção de convenção social, bem como à expressão convencional ou forma convencional. Este nível envolveria, pois, o uso

das expressões idiomáticas em situações de interações entre falantes. A situação é um aspecto passível de convenção porque requer um certo comportamento social e o emprego adequado das palavras e expressões complexas. Relacionam-se mais a situações específicas como com licença, meus pêsames etc.

Nesse sentido, referindo-se a falecimento de pessoas, podemos recorrer a diversas expressões idiomáticas, brasileirismos, popularismos e gírias, umas mais frequentes do que outras, mas disponíveis no léxico português, tais como: “abotoar o paletó”, “bater a(s) bota(s)”, “bater a caçoleta”, “bater a canastra”, “bater a pacuera”, “dar o último alento”, “dizer adeus ao mundo”, “entregar a alma a Deus”, “entregar a alma ao Diabo”, “esticar a canela”, “esticar o cambito”, “esticar/ir para a Cacua”, “ir para a cidade dos pés juntos”, “ir(-se) desta para melhor”, entre outras tantas.

Nesse caso de fraseologismos fúnebres, podemos dizer também que estas expressões acima se constituem verdadeiros eufemismos de que os falantes lançam mão para suavizar ou minimizar o peso conotador de outra palavra, expressão idiomática, em geral, de sentido grosseiro, inconveniente ou desagradável.

Neste livro, decidimos por considerar convencionalidade como "o aspecto que caracteriza a forma peculiar de expressão numa dada língua ou comunidade linguística", como assinala Tagnin (2005, p.14), tendo em vista seu caráter sistemático e tripartição criteriosa nos níveis sintático, semântico, pragmático, suficientemente abrangente para atender ao corpus de expressões idiomáticas que selecionamos para aplicação dos experimentos aos nossos participantes da pesquisa.



## ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO IDIOMÁTICA

Em 2013, investigamos, através de testes psicolinguísticos, as estratégias de processamento fraseológico utilizadas por 20 estudantes universitários, sendo 10 de Cabo Verde (5 homens e 5 mulheres) e 10 Guiné-Bissau (5 homens e 5 mulheres), africanos lusófonos, que têm a língua portuguesa como L2, que foram instados a interpretar os sentidos de expressões idiomáticas em português brasileiro selecionadas e apresentadas em um contexto escrito (Ver descrição detalhada dos testes em Martins,2013)

Os dados analisados, foram coletados de 20 áudios digitais, transcritos ortograficamente, com cerca de mil páginas, decorrentes do meio de protocolo verbal think aloud, em três experimentos psicolinguísticos, aplicados um a um, a cada um dos informantes.

As Conclusões sobre as tarefas do 1º experimento foram verdadeiros achados para os estudos fraseológicos. Apresentamos a seguir os dados, resultados e discussões relacionados com o 1º experimento, particularmente as tarefas de identificação fraseológica, memória fraseológica, idiomaticidade fraseológica e a frequência de uso de táticas e estratégias de compreensão idiomática para as expressões **matar cachorro a grito** (“estar em condição ou situação aflitiva ou desesperadora”) e **não pagar mico** (“passar vergonha; não dar vexame”) (zoomorfismos); **tirar mais água do joelho** (“urinar”) e **pôr a boca no trombone** (“reclamar, protestar”; denunciar algo; responsabilizar publicamente alguém por erro, injustiça etc”) (somatismos); e **saber com quantos paus se faz uma canoa** (“dar um castigo, uma lição completa; fazer uma repreensão”) e **chutar o pau da barraca** (“deixar de medir as consequências de qualquer ato; engrossa; abandonar, desistir de um projeto”) (botanismos).

Para a expressão **pôr a boca no trombone**, de fácil identificação fraseológica e **tirar água do joelho** e **saber com quantos paus se faz uma canoa**, de média identificação fraseológica, confirmamos a hipótese de que a identificação da fixação fraseológica da expressão idiomática pelo falante não nativo favorece o correto emprego do seu sentido idiomático posto que as referidas expressões foram consideradas pelos informantes de idiomaticidade fraca (ou

transparentes). As expressões **matar cachorro a grito** e **chutar o pau da barraca**, de fácil identificação fraseológica e **não pagar mico**, de difícil identificação fraseológica foram consideradas de idiomaticidade forte (opacas). Portanto, entre os seis itens, **não pagar mico** foi a única expressão de difícil identificação e com sua correspondente idiomaticidade forte.

Na Tarefa 2, referente ao grau de memória fraseológica, comprovamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB não processam itens armazenados em sua memória de longo prazo, através das expressões **não pagar mico**, **saber com quantos paus se faz uma canoa** e **pôr a boca no trombone**, por estarem psicolinguisticamente fixadas em L1(crioulo) ou L2 (língua portuguesa): "paga uma mico" (L2), "Mostrou ku kantu pó ta fazedu um kanoa" e "Poi boka na mundo" (L1).

As expressões **não pagar mico**, **saber com quantos paus se faz uma canoa** e **pôr a boca no trombone** apresentaram as médias mais altas quanto ao alto grau de memória fraseológica. Através das respostas dos informantes em L1, pudemos comprovar a hipótese de os falantes não nativos do PB tem noção da frequência de construções linguísticas já guardadas e recuperadas da memória como um todo unitário. Nas demais expressões, isto é, **matar cachorro a grito**, **tirar água do Joelho** e **chutar o pau da barraca** não comprovamos nenhuma destas duas hipóteses acima mencionadas.

Para as expressões **não pagar mico** e **saber com quantos paus se faz uma canoa** comprovamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB têm na memória fraseológica, ao mesmo tempo, a expressão idiomática e seus parâmetros sintáticos. Nas demais expressões do experimento, isto é, **matar cachorro a grito**, **tirar água do Joelho**, **pôr a boca no trombone** e **chutar o pau da barraca** não foi comprovada esta hipótese.

Na Tarefa 3, referente ao grau de idiomaticidade fraseológica, levantamos a hipótese de que as expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica. Esta hipótese não foi confirmada para **não pagar mico** e **matar cachorro a grito**. Quanto a **não pagar mico**, muitos informantes afirmaram, desconhecer o sentido literal da palavra mico e, quanto a **matar cachorro a grito**, entenderam-na no

sentido literal. Confirmamos a **hipótese** para os somatismos **tirar mais água do joelho** e **pôr a boca no trombone**, considerados de idiomaticidade fraca (ou transparentes), contando para desvelar o sentido idiomático das referidas expressões, com a ajuda técnica e expressões equivalentes em L1 ("tra agua de joelho"<sup>59</sup> e "poi boka na mundo")

Para a expressão **saber com quantos paus se faz uma canoa**, não confirmamos a hipótese de que expressões designadoras de nomes relacionados a botanismos são de idiomaticidade forte por serem semanticamente menos motivados. Os conhecimentos linguísticos prévios e expressões equivalentes em L1 (crioulo) tornaram, ao contrário, a expressão **saber com quantos paus se faz uma canoa** com a média mais alta em se tratando de reconhecimento idiomático.

Para as expressões **tirar mais água do joelho**, **pôr a boca no trombone** e **saber com quantos paus se faz uma canoa**, confirmamos a hipótese de expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes em L1 ou L2 (na vertente africana) são mais fáceis de serem corretamente compreendidas pelos falantes não nativos do PB. A hipótese não foi confirmada para as expressões **não pagar mico**, **matar cachorro a grito** e **chutar o pau da barraca**

Para as expressões **tirar mais água do joelho**, **Pôr a boca no trombone** e **saber com quantos paus se faz uma canoa**, confirmamos a hipótese de que o conhecimento do sentido de um ou mais elementos da expressão idiomática (joelho, trombone, pau) torna acessível ao falante de Português L2 a motivação semântica (o sentido idiomático) da expressão idiomática. A hipótese não foi confirmada para as expressões **não pagar mico**, **matar cachorro a grito** e **chutar o pau da barraca**.

Confirmamos, para as expressões **não pagar mico**, **matar cachorro a grito**, **chutar o pau da barraca**, a hipótese de que o fenômeno da idiomaticidade fraseológica supõe uma dificuldade de

---

<sup>59</sup> Segundo informantes do sexo feminino de Cabo Verde e Guiné-Bissau, os estudantes intercambistas no Ceará que no período de férias ou recesso acadêmico retornam aos países de origem, levam consigo muitas expressões idiomática de uso frequente, como é o caso de **tirar água do joelho**, que aponta evidência da transferência de propriedades de L2 (língua portuguesa na vertente brasileira) para L1 (em crioulo, a expressão neológica "tra agua de joelho")



compreensão para falantes não nativos do PB que desconhecem o sentido idiomático atribuído pela comunidade linguística à expressão. Os informantes de modo geral consideram estas três expressões brasileiras e terem ouvido, mas não aprendido seu sentido idiomático, através das telenovelas e mídias (músicas, Internet etc).

Na Tarefa 4, referente a táticas e estratégias de compreensão idiomática, Levando-se em conta as seis expressões do experimento, pudemos comprovar a hipótese de que a idiomaticidade fraseológica pode ser influenciada pelas seguintes estratégias top-down pelo contexto de situação dado, formal ou informal (AC); (iii) conhecimentos prévios dos participantes (CP); e (iv) conhecimentos linguísticos em L1 (L1, relacionada ao crioulo cabo-verdiano/crioulo guineense). Os dados da pesquisa, porém, não confirmam a hipótese de que sentido literal da expressão (SI) nem os conhecimentos linguísticos em L1 são determinantes para que os informantes não nativos acessassem o sentido idiomático das seis expressões do experimento.

Comprovamos a hipótese de que o uso de estratégias de compreensão de expressões idiomáticas em L2 varia de acordo com a competência fraseológica de cada falante não nativo do PB, através da variedade de uso de estratégias top-down para cada uma das expressões idiomáticas pelos informantes cabo-verdianos e guineenses, sendo os cabo-verdianos os que mais exploraram as estratégias AC, CP e L1, ao certo, por receberem mais influência da cultura brasileira, através dos intercâmbios universitários, das telenovelas, músicas e mídias diversas (internet).

Não confirmamos a hipótese de que quanto mais os informantes não nativos do PB empregam estratégias top-down no processamento fraseológico, menos táticas bottom-up precisam para compreender corretamente as expressões idiomáticas. Para as seis expressões, os dados mostram que, do ponto quantitativo, as estratégias top-down se igualaram ao número de táticas bottom-up, sendo ativadas imediatamente depois de os informantes ativarem as táticas bottom-up, especialmente a repetição e paráfrase da expressão idiomática, seguida de pedidos de ajuda técnica.

Apresentamos agora os dados do 2º experimento. Seguindo o os mesmos parâmetros do 1º experimento, no 2º experimento, não aplicamos a tarefa relacionada à identificação fraseológica porque o

experimentador identificou todas as expressões para em seguida indagar sobre a memória fraseológica. As expressões trabalhadas neste experimento foram as seguintes: **engolir sapos** (“tolerar coisas ou situações desagradáveis sem responder por incapacidade ou conveniência”) e **fazer gato e sapato** (“tratar com desprezo, ridicularizar; tratar (alguém) mal; destratar, humilhar; e fazer de (alguém) o que se quer) (zoomorfismos); **esquentar a cabeça** (“ficar preocupado; afligir-se”) e **pegar em um rabo de foguete** (“assumir problema difícil de dominar; situação problemática, ter dor de cabeça”) (somatismos); e **botar as manguinhas de fora** (“tomar atitudes enérgicas, decididas etc, especialmente aquele que parecia incapaz de fazê-lo e **rasgar seda** (“trocar amabilidades”) indumentismos).

Na Tarefa 1, referente ao grau de memória fraseológica do 2º experimento, as expressões em L2 **engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça, botar as manguinha de fora**, com seus respectivos equivalentes em L1 "Ingoli sapu", "Fazi diabu e sapato", " Kansa kabeça", "Poi manguinha di forra" comprovaram a hipótese de que os falantes não nativos do PB têm na memória fraseológica, ao mesmo tempo, a expressão idiomática e seus parâmetros sintáticos. Não foi comprovada esta hipótese para as expressões **pegar em um rabo de foguete e rasgar seda** uma vez que não há equivalentes em crioulo, o que faz com que façam de paráfrases como " Poi fronta riba bô/ Kama ku bu ka dita nel, bu ka sibi si ten dabi" e " Da koru/ Ngaba alguim "

Para as expressões **engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça e botar as manguinhas de fora**, comprovamos a hipótese de os falantes não nativos do PB não processam as expressões idiomáticas memorizadas – só retoma o que já está psicolinguisticamente fixado na sua memória. Não foi comprovada esta hipótese para as expressões **pegar em um rabo de foguete e rasgar seda**, sem equivalentes em crioulo.

Para as expressões **engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça e botar as manguinhas de fora**, comprovamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB tem noção da frequência de construções linguísticas já guardadas e recuperadas da memória dos falantes nativos do PB como um todo unitário.

Na Tarefa 2, quanto ao grau de idiomaticidade fraseológica, para as expressões **engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça, pegar em um rabo de foguete e botar as manguinhas de fora**,

o conhecimento do sentido de um ou mais componentes léxicos da expressão idiomática (sapo/sapato/cabeça/foguete/manguingas) torna acessível ao falante de Português L2 a motivação semântica (o sentido idiomático) da expressão. Não confirmamos a hipótese para a expressão **rasgar seda**, uma vez que para muitos africanos "seda" se referia, em seus países de origem, a dinheiro em notas ou cédulas.

Para a expressão idiomática **rasgar seda** confirmamos a hipótese de que o fenômeno da idiomaticidade fraseológica supõe uma dificuldade de compreensão para falantes não nativos do PB que desconhecem o sentido idiomático atribuído pela comunidade linguística à expressão. Para as demais expressões, isto é, **engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça, pegar em um rabo de foguete** e **botar as manguinhas de fora**, o sentido idiomático é compartilhado entre africanos, brasileiros e portugueses.

Para as expressões **engolir sapos, fazer gato e sapato, e esquentar a cabeça** e **pegar em um rabo de foguete**, confirmamos a hipótese de que as expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica.

Para a expressão **rasgar seda**, sem equivalência em L1 e sem registro na memória fraseológica dos informantes, confirmamos a hipótese de que as expressões especiais que designam nomes relacionados a indumentismos (relacionadas à vestimentas) são de idiomaticidade forte, por serem semanticamente menos motivados. Vale salientar que **rasgar seda** foi a única expressão considerada opaca entre os seis itens do experimento. Não foi comprovada a hipótese **botar as manguinhas de fora**, considerada pelos participantes como uma expressão transparente, com equivalência em L1 ("Poi manguinha di forra") e com registro de memória fraseológica.

Confirmamos a hipótese de que as expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes em L1 ou em L2 (na vertente luso-africana) são mais fáceis de serem corretamente compreendidas pelos falantes não nativos do PB: **engolir sapos** (em L1 cabo-verdiana, "ingoli sapu" e "come peixe pa rabo"; em L1 guineense, "n,goli sopus" e "iná nguli pix pá rabu"), **Fazer gato e sapato** (em L1 cabo-verdiana, "Fazi diabu e sapato e "Fazi gatu e sapatu". em L1 guineense, " "Dunu di boka, mas dunu di mala" e "ki ku bu miste ku alguim"); **esquentar a**

**cabeça** (em L1 cabo-verdiana, " Kansa kabeça" e "Kabeça quenti"; em L1 guineense, " Nudadi mas El cabeça" e "Precupa dimas ou manga de preocupação"); **pegar em um rabo de foguete** (em L1 cabo-verdiana, " Poi fronta riba bô" e "Ka bu poi cabeça na confusão"; em L1 guineense, " Kama ku bu ka dita nel, bu ka sibi si ten dabi"; Ami nkana responsabiliza dé" e "Mite na problema"); e **botar as manguinhas de fora** (em L1 cabo-verdiana, " Poi manguinha di forra" e "Ta finge ser santa"; em L1 guineense, " Pó tudu tarda ki tarda i cata bida lagartu" e "Mostra kil ku sedu di bardadi").

Na Tarefa 3, referente a táticas e estratégias de compreensão idiomática, observamos 440 recursos cognitivos (incluindo táticas e estratégias), sendo 307 bem-sucedidos (correta atribuição de sentido idiomático às expressões do experimento). Confirmamos a hipótese de que uso de compreensão de expressões idiomáticas em L2, em número variado para cada uma das expressões e dos grupos de informantes, decorre da competência lusófona, intralinguística e fraseológica e intralinguística falantes não nativos do PB;

Para as expressões **engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça, pegar em um rabo de foguete, botar as manguinhas de fora e rasgar seda** confirmamos a hipótese de que quanto mais os informantes não nativos do PB empregam estratégias top-down no processamento fraseológico, menos táticas bottom-up precisam para compreender corretamente as expressões idiomáticas. Os dados indicam que as diferenças entre estratégias top-down e táticas bottom-up não são tão grandes em termos de frequência de uso, o que sugerem serem os dois recursos cognitivos concorrentes entre si no processo de compreensão das expressões, prevalecendo as estratégias descendentes sobre as táticas ascendentes.

Confirmamos a hipótese de que a estratégia contexto de situação dado, formal ou informal (AC) exerce influência na compreensão das expressões **engolir sapos, fazer gato e sapato, esquentar a cabeça, pegar em um rabo de foguete, botar as manguinhas de fora, rasgar seda**. Não foi confirmada a hipótese com relação às estratégias SI (sentido literal da expressão), CP (conhecimentos prévios dos participantes) e L1 (conhecimentos linguísticos em língua materna) em que foram registrado um baixa frequência de uso destes recursos top-down.

O 3º experimento seguiu os mesmos procedimentos de exposição dos experimentos anteriores. As expressões idiomáticas do experimento foram as seguintes: **ir pentear macaco** (“mandar embora, livrar-se de alguém ou algo que importuna ou atrapalha”); e **fazer boca de siri** (“pedir segredo absoluto sobre determinada revelação ou fato; atitude de reserva”) (zoomorfismos); **comer com os olhos** (“desejar muito; cobiçar; fixar um olhar ávido, cobiçoso em pessoa amada ou objeto desejado”) e **falar pelos cotovelos** (“falar excessivamente e com desembaraço”) (somatismos); e **pisar em ovos** (“agir com muita cautela”) e **encher lingüiça** (“pronunciar discurso longo e vazio de ideias apenas para ocupar o tempo; e gastar tempo com assuntos muito diversos daquele esperado ou proposto) (gastronomismo).

As conclusões referentes à Tarefa 1 do 3º experimento dizem respeito ao Grau de Identificação Fraseológica. Confirmamos a hipótese de que a identificação da fixação fraseológica das expressões idiomáticas, representadas por imagens, tende a apoiar-se na memória fraseológica dos falantes não nativos do PB posto que as expressões **falar pelos cotovelos, fazer boca de siri, ir pentear macaco, encher lingüiça, comer com os olhos** foram também as mais difíceis de serem lembradas pelos informantes, isto é, foram consideradas menos familiares. No caso da expressão **pisar em ovos**, de média identificação, também foi difícil de ser lembrada pelos informantes.

Na Tarefa 2, referente ao Grau de Memória Fraseológica, para a expressão **comer com os olhos** (em L1, "kumi só ku odjo" e "Cume ku odjo" confirmamos a hipótese de que os falantes não nativos do PB não processam as expressões idiomáticas memorizadas – só retoma o que já está psicolinguisticamente fixado na sua memória. A hipótese não foi confirmada para as demais expressões, isto é, **fazer boca de siri, ir pentear macaco, encher lingüiça, pisar em ovos, falar pelos cotovelos**, sem registro de memória fraseológica em L1 ou em L2.

Para a expressão **comer com os olhos** (em L1, "kumi só ku odjo" e "Cume ku odjo", portanto, L1 e L2 com a mesma estrutura sintática semelhante, confirmamos a hipótese os falantes não nativos do PB têm na memória fraseológica, ao mesmo tempo, a expressão idiomática e seus parâmetros sintáticos. A hipótese não foi confirmada para as demais expressões, isto é, **fazer boca de siri, ir pentear**

**macaco, encher linguiça, pisar em ovos, falar pelos cotovelos**, sem registro de equivalência fraseológica em L1 ou em L2.

Para a expressão **comer com os olhos** (em L1, "kumi só ku odjo" e "Cume ku odjo"), confirmamos a hipótese os falantes não nativos do PB tem noção da frequência de construções linguísticas já guardadas e recuperadas da memória dos falantes nativos do PB como um todo unitário.

Na Tarefa 3, referente ao grau de idiomaticidade fraseológica, consideramos as expressões **ir pentear macaco e comer com os olhos, confirmamos a hipótese de** as expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica. A hipótese não foi confirmada para as expressões **fazer boca de siri e falar pelos cotovelos** são de idiomaticidade forte por não terem equivalentes em L1 e as estratégias top-down, com ênfase no contexto e nos conhecimentos prévios linguísticos não favorecem os informantes a acessarem o sentido idiomático das expressões. A palavra siri, desconhecida pelos estudantes (em crioulo, se diz kacre), tornou opaca a expressão "fazer boca de siri", enquanto a expressão falar pelos cotovelos foi entendida literalmente dar a cotovelada na acepção de "pressão leve que se faz em uma pessoa com o cotovelo, a fim de chamar-lhe a atenção" ou papear.

Para as expressões **encher linguiça e pisar em ovos** não foi confirmada a hipótese de as expressões que designam nomes relacionados a gastronomismos são de idiomaticidade forte por serem semanticamente menos motivados apresentaram respostas dos informantes bastante instigantes. Além do contexto de situação ter favorecido a correta idiomaticidade das duas expressões, já existem registros em L1 de expressão equivalente "intxi linguiça" para a expressão **encher linguiça**.

Para as expressões **ir pentear macaco** ("ba pentia makako"), **encher linguiça** ("intxi linguiça"), **comer com os olhos** ("kumi só ku odjo/Cume ku odjo"), **pisar em ovos** ("massa ovo", equivalentes em L1 com padrões sintáticos semelhantes à L2, confirmaram a hipótese de que as expressões idiomáticas em L2 com padrões semelhantes em L1 ou em L2 (na vertente luso-africana) são mais fáceis de serem corretamente compreendidas pelos falantes não nativos do PB; A

hipótese não foi confirmada para as expressões **fazer boca de siri** e **falar pelos cotovelos** em que não foram encontradas parafrases com padrões sintáticos semelhantes: "poi língua baxu denti", "kala boca e guarda segredo", "PA fika mudu, pa fika sim papia na assuntu", para **fazer boca de siri** e "papia atoa", "na fertcha Verdi Pa panha maduru ou iná pota ditu", "I ta papia di mas", "Papia chiu dimas ora ki nka stá", para a expressão **falar pelos cotovelos**.

Para as expressões **ir pentear macaco**, **comer com os olhos**, **pisar em ovos** e **encher lingüiça**, confirmamos a hipótese de que o conhecimento do sentido de um ou mais elementos da expressão idiomática torna acessível ao falante de Português L2 a motivação semântica (o sentido idiomático) da expressão idiomática, refletida no baixo número de solicitação de sentido parcial dos lexemas das referidas expressões. A hipótese não foi confirmada para as expressões **fazer boca de siri** e **falar pelos cotovelos** em que, na primeira expressão desconheciam o sentido da palavra "**siri**" e na segunda expressão, entenderam "cotovelo" como "a parte posterior da articulação entre o braço e o antebraço".

Na Tarefa 4, no tocante a táticas e estratégias de compreensão idiomática, comprovamos a hipótese do uso de táticas e estratégias de compreensão de expressões idiomáticas em L2 varia de acordo com a competência fraseológica de cada falante não nativo do PB, comprovada através do elevado número de táticas e estratégias usadas na ordem de 391, sendo que deste conjunto de recursos cognitivos, 234 delas foram bem-sucedidas, isto é, os informantes chegaram ao sentido idiomático da expressão.

Para as expressões **ir pentear macaco**, **fazer boca de siri**, **falar pelos cotovelos**, **pisar em ovos** e **encher lingüiça** não comprovamos a hipótese de quanto mais os informantes não nativos do PB empregam estratégias top-down no processamento fraseológico, menos táticas bottom-up precisam para compreender corretamente as expressões idiomáticas uma vez que o percentual de táticas bottom-up (64%) foi superior ao de estratégias top-down (36%). A única expressão que comprova a hipótese levantada pelo pesquisador foi **comer com os olhos**, certamente, por está cristalizada na memória dos informantes.

A frequência de uso de estratégias AC (adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir do contexto formal), AA (adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir de alternativas de múltipla

escolha) e AT (adivinhar o sentido da expressão a partir da contexto informal ou improvisado) no processos de compreensão das expressões confirmaram a hipótese de as estratégias top-down, relacionadas ao contexto, influenciaram na compreensão das expressões idiomáticas ir pentear macaco, fazer boca de siri, comer com os olhos, falar pelos cotovelos, pisar em ovos, comer com os olhos, encher linguiça. A hipótese não foi confirmada para as estratégias relacionadas com o sentido literal da expressão (SI), conhecimentos prévios dos participantes (CP) e conhecimentos linguísticos em L1 que apresentaram baixos empregos pelos participantes e baixas taxas de sucesso.

Com relação a estudos adicionais de processamento psicolinguístico envolvendo expressões idiomáticas, no formato off-line, sugerimos que a amostra seja maior do que 20 participantes envolvidos nesta pesquisa, e preferencialmente com seleção de informantes que tenham até 1 ano de moradia fixa no Brasil para melhor percepção dos impactos da L2, na compreensão de expressões idiomáticas na vertente brasileira.

O número de expressões idiomáticas testadas - 18 - foi relativamente pequeno. Outros estudos podem incluir um maior número de expressões idiomáticas usadas freqüentemente no Brasil para ver se ocorrem as mesmas dificuldades de compreensão idiomática por estudantes não nativos do português brasileiro podem ser identificadas.

Outros estudos podem explorar o papel do contexto em que as expressões idiomáticas são apresentadas para os participantes. As expressões idiomáticas foram apresentadas numa situação de contexto escrito, através de excertos de textos de circulação nacional (jornais escritos) e uma dos achados deste estudo foi o de que uso de contexto é a principal estratégia top-down utilizada pelos participantes para chegar ao sentido das expressões.

A relação entre os conhecimentos prévios de informantes não nativos do Português Brasil e culturemas envolvendo as expressões idiomáticas é uma área que merece futuras pesquisas na área (psico)linguística. Cremos que estudos desta natureza podem contribuir significativamente para o conhecimento das expressões idiomáticas na língua-alvo.



Os dados dos estudantes africanos lusófonos, relacionados a táticas e estratégias de compreensão, coletados nas diversas tarefas dos três experimentos, sugerem que o processamento fraseológico não segue uma única direção ascendente (táticas bottom-up, centradas no texto lido ou ouvido) ou descendente (estratégias top-down, que vão da mente ao texto), mas que existe uma inter-relação constante entre eles.

No processamento fraseológico, o que mais nos chamou a atenção foi o fato de os **diálogos** entre **informante** e **experimentador** favorecerem a passagem de um nível (bottom-up) a outro (top-down) e que, dependendo do tipo fraseológico de expressão idiomática, existirão, do ponto de vista psicolinguístico, muitas diferenças individuais (informantes) na maneira de proceder para compreender as expressões de idiomaticidade forte ou semanticamente opacas.

Pesquisas na área de Fraseodidática e Psicolinguística dirigidas a estudantes universitários lusófonos pode favorecer a proficiência da língua portuguesa como L2 bem como o surgimento de materiais didáticos e técnicas de ensino-aprendizagem baseados em questões relacionadas à compreensão de expressões idiomáticas.

## OS CULTUREMAS

### Os culturemas como unidades linguísticas

" Los culturemas no existen fuera de contexto, sino que surgen en el seno de una transferencia cultural entre dos culturas concretas. Culturema es un término comúnmente utilizado por los teóricos funcionalistas."(XUE: 2009, p.10)

Culturema é um elemento linguístico que possui uma forte carga cultural específica em uma cultura linguística e que ao entrar em contato com outra cultura, ainda que pertencente ao mesmo tronco linguístico, provoca um problema de compreensão idiomática. Por essa razão, definimos culturema no âmbito dos estudos fraseológicos e mostramos que pode ser um fator de opacidade na compreensão das expressões idiomáticas por falantes não nativos do PB. Trataremos mais especificamente de três aspectos relacionados aos culturemas: (a) a produtividade fraseológica dos culturemas; (b) Os culturemas na visão de mundo dos falantes; e (c) O papel desempenhado pelos culturemas na compreensão idiomática.

Partindo do pressuposto de que o fator cultural e o fator dialetal desempenham um papel no desenvolvimento cognitivo dos falantes de uma língua dada (SLOBIN, 1980, p. 234) e de que “a fraseologia mostra que a língua é um código que está em relação estreita com outros códigos” (STREHLER; 2009, p.18), especialmente a língua e a cultura.

É plausível postularmos que no caso dos africanos lusófonos, residentes temporariamente no Brasil para fins de estudos de graduação em nível superior, em contato com a língua portuguesa, na variante brasileira, precisam frequentemente de explicações explícitas de ordem cultural, por parte de seus interlocutores brasileiros, para entender o sentido idiomático de muitas expressões fixas.

Nomes de animais (galo, onça, burros, pulga, sapos, siri, gato, cachorro, macaco, cobra, mico, pato, franga, barata, cavalinho, galinha) e as partes do corpo (orelha, língua, mão, cabeça, boca, cotovelo, queixo, rabo, perna, dedo, sangue, joelho, olhos, barba) estão presentes na maior parte das expressões idiomáticas de uso no

Brasil e observadas nos estudos de fraseologia contrastiva (ALMELA et alii, 2005), são as que apresentam grandes dificuldades quando da interpretação idiomática. Por isso, julgamos importante levarmos em conta, em testes fraseológicos, a cuidadosa seleção de expressões idiomáticas corriqueiras do português brasileiro para pesquisa linguística, especialmente considerando dois universos vocabulares dos falantes, os zoomorfismos e os somatismos de uso frequente no Brasil.

Com estas duas áreas semânticas, isto é, expressões idiomáticas designadoras de nomes de animais e de partes do corpo humano, somos capazes de verificar até que ponto o português é compreendido por falantes não nativos do PB e, observamos, em suas respostas aos testes, como processam a compreensão das expressões cristalizadas zoomórficas e somáticas.

Essa aproximação entre língua, cultura e cognição é possível se tomamos a língua, segundo Diagne (2011), como “o lugar de cristalização de todos os instrumentos mentais, em que a experiência histórica de um povo está depositada em camadas consecutivas no próprio tecido da língua (p.267).

Por serem os culturemas símbolos extralinguísticos, culturalmente motivados, que servem como modelos para a geração de linguagens de expressões figurativas, segundo a definição de Luque-Nadal (2009, p.94-95) são itens interessantes para os estudos linguísticos e psicolinguísticos envolvendo a fraseologia geral.

As pesquisas já consolidadas nesse campo apontam que quando não são acionados pelos falantes, os culturemas representam um obstáculo para a compreensão completa de textos culturais em qualquer idioma estrangeiro, especialmente os casos em que falantes não nativos do PB os usam. Graças aos culturemas, entendidos também como um conjunto de unidades de informação sobre a cultura, a língua e a cognição, o cérebro aciona nos falantes, seus conhecimentos prévios (memória de longo prazo), de modo a levá-los a entender melhor o mundo (LUQUE NADAL; 2009, p.117).

No caso dos africanos lusófonos, podem ser apontados como sujeitos ideais para a pesquisa fraseológica por consideramos também que o fator dialetal desempenha um papel importante na compreensão das expressões idiomáticas prototípicas do português brasileiro. Segundo dados levantados pela Comunidade dos Países de

Língua Portuguesa (CPLP), disponibilizados na internet, as falas e as culturas africanas são bastante diversificadas em termos de línguas nacionais e dialetos locais. Acreditamos que, por esse determinante sociolinguístico, os fatores culturais e dialetais tendem a influenciar os estudantes lusófonos no tocante à compreensão de expressões idiomáticas do português brasileiro. A categoria lusofonia deve ser considerada prioritariamente nas pesquisas com fins de verificação da proficiência do português brasileiro.

Particularmente, este tratamento lusófono dado aos estudantes africanos resulta da nossa concepção de, em se tratando dos Estados membros do Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), a de devemos seguir o "princípio de horizontalidade" defendido Zau (2010, p.46), no qual, entre países lusófonos, não deve haver qualquer nível de acepção ou hierarquia (por exemplo, português europeu X português africano) de seus falantes. Esse princípio ainda mais se faz imperioso à medida que muitos estudos linguísticos e literários já atestam evidências das línguas africanas na constituição da variante brasileira do português (BONVINI; 2009, p. 16).

Os estudos sobre a caracterização do chamado "português brasileiro", especialmente os de natureza sociolinguística, têm comprovado divergências fonético-fonológico e sintático entre o Português Brasileiro e o Português Europeu; por outro lado, são notáveis, conforme Petter (2009, p.159), as semelhanças encontradas, por exemplo, na concordância de gênero e número do sintagma nominal entre os crioulos de Guiné-Bissau, Cabo verde, São Tomé e Príncipe e variedades não padrão do Português Brasileiro. São dados, portanto, que reforçam ainda mais os laços de lusofonia entre o Brasil e os países da África, entre brasileiros e africanos.

O processo de expansão portuguesa ocasionou o aparecimento de novas línguas decorrente do contato prolongado do colonizador europeu e da ação dos missionários jesuítas nas comunidades colonizadas, como aconteceu no Brasil e no continente africano (DALGADO, 1998, p. 13). Do ponto de vista linguístico, o português na vertente europeia também sofreu influência das comunidades deversas a partir do século XVI.

O léxico do português recebeu bastante contribuição de origem africana, conforme atestam Alkmim e Petter (2008. p. 145-177),

em que os primeiros dicionários da língua portuguesa já registram, no Século XVIII, a presença de termos africanos. Há evidências também da participação das línguas africanas na constituição da variante brasileira do português (BONVINI, 2008, p.16).

Somente no português, estima-se em 3.000 a 4.000 o número de vocábulos de origem africana no português falado no Brasil (BONVINI, 2008, p.1001). O influxo de línguas negro-africanas no português Brasil, porém, não se limitou ao continente africano, segundo os linguistas, por ter sido mais profundo ou influente na língua portuguesa do que se admite, ou seja, as línguas crioulos se afirmaram na comunidade lusófona "como parte do processo de configuração do perfil da língua falada no Brasil e das diferenças que a afastaram do português falado em Portugal" (CASTRO, 2001, p.129), tendência de visão sociolinguística confirmada em estudos mais antigos como os de Morais-Barbosa (1967, p) e os mais recentes como os de Petter (2009, p.159).

No campo fraseológico, poderíamos dar exemplos de expressões idiomáticas, de diversas motivações semânticas, com as marcas de africania lexical, que deram um caráter idiossincrásico ao PB (MEDONÇA, 2012, p.75-87): a) **bunda**: "nascer com a bunda voltada para a Lua" ("ter sempre muita sorte em tudo o que faz" e "sentar a bunda" ("ficar quieto; relaxar")); b) **macaco**: "macaco velho não mete a mão em cumbuca" ("pessoa esperta e traquejada não cai em cilada, não se envolve em situações complicadas ou perigosas"), "cada macaco no seu galho" ("cada pessoa no seu devido lugar, sem intrometer-se em coisas que não são de sua alçada ou para as quais não tem competência"), "ir pentear macacos" (mesmo que "ir às favas"), "mandar pentear macacos" (mesmo que "mandar às favas") e "ter macaco no sótão" ("ser ou estar um tanto amalucado, meio doido"), "Macaco em loja de louça" (Pessoa desastrada que, sem cuidado, causa prejuízo ou estardalhaço por onde passa"), "macaco não olha para o rabo" ("pessoa que vê mais facilmente os defeitos alheios que os próprios"), "macacos me mordam!" ("Locução interjetiva usada para reforçar uma declaração de dúvida ou um prognóstico"); c) **cachaça**: "ter uma(s) cachaça(s)" ("gostar de beber; ser alcoólatra"); d) **gibi**: "não estar no gibi" ("ser incrível, fora do comum, extraordinário"), e assim por diante.

No tocante aos países africanos de nossos sujeitos de pesquisa, Cabo Verde e Guiné-Bissau, os estudos de Couto (1996, p.69-80) particularizam os dois países porque, em que pesem terem, ambos, o Português como língua oficial, a língua de união nacional é o crioulo.

Por estarem juntos, desde a segunda metade do século XX, em engajamentos nos movimentos independentistas no continente africano, isto é, em que Cabo Verde está vinculado à luta pela libertação da Guiné-Bissau e por terem seus crioulos a mesma base lexical-portuguesa, decidimos por considerar, em nossa pesquisa, as respostas dos nossos informantes cabo-verdianos e guineenses também em L1, posto que seus crioulos se comportam, do ponto de vista interlinguístico, como "dois dialetos de uma única língua" e "a intercompreensão entre os dois crioulos se dá sem grandes problemas".

Certamente, por conta da importância da presença dos crioulos de base portuguesa na fala dos dois países, durante muito os estudiosos tenham se referido às chamadas "sociedades luso-cabo-verdianas" e "sociedades luso-guineenses" (ALENCASTRO, 2009, p.17).

Entre os crioulos cabo-verdiano e guineense, o que nos impressiona é o Crioulo da Guiné-Bissau (GCr) ser ainda umas das línguas menos pesquisadas na área de linguística, tanto no Brasil como na Europa, com foco nas línguas de base portuguesa em que pese, desde 1973, tenha sido reconhecida como língua nacional e hoje ser a mais falada pelo povo e percebida pela maioria, conforme atesta Scantamburlo (1980, p.11-17).

A título de ilustração, seguem, abaixo, expressões idiomáticas de uso no Brasil em crioulos cabo-verdiano e guineense: equivalências ou traduções<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup> Para este trabalho de equivalência interlinguística, contamos com a valiosa contribuição do professor e linguista cabo-verdiano Diltino Ferreira que nos prestou voluntariamente consultoria *ad hoc* em línguas crioulas.

**I - Expressões Idiomáticas em crioulo cabo-verdiano**

<b>Fraseologia em Português</b>	<b>O que significa em português</b>	<b>Fraseologia em crioulo</b>
Matar cachorro a grito	<i>Estar em condição ou situação aflitiva ou desesperadora</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sem kau bai;</li> <li>• Mata katchor a grito;</li> <li>• Desesperado;</li> </ul>
(Não) pagar mico	<i>Ver-se em situação embaraçosa ou vexatória, passando muita vergonha.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Da burgonha;</li> <li>• Passa vergonha;</li> <li>• Assumi consequência;</li> </ul>
Botar a boca no trombone	<i>reclamar, protestar denunciar algo;</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Da ku língua na denti; linguara;</li> <li>• Poi boka no mundo;</li> <li>• Papiadera,linguara;</li> </ul>
Tirar água do Joelho	<i>Urinar</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Tra agu di duedju;</li> <li>• Fazi xixi;</li> <li>• Tra agua de joelho ou xixi;</li> </ul>
Chutar o pau da barraca	<i>deixar de medir as consequências de qualquer ato.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ka liga;</li> <li>• Faze kusas sem conta, riba ka importa;</li> </ul>
Saber com quantos paus se faz uma canoa.	<i>Aplicar um corretivo; dar uma lição.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mostra quenha ki ta kanta galu;</li> <li>• Mostrou ku kantu pó ta fazedu um kanoa;</li> </ul>

**II - Expressões Idiomáticas em crioulo guineense**

<b>Fraseologia em Português</b>	<b>O que significa em português</b>	<b>Fraseologia em crioulo</b>
Matar cachorro a grito.	<i>Estar em condição ou situação aflitiva ou desesperadora</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Sta disisperadu ku algum kussa;</li> <li>• Sufridor ki ta padi fidalgu;</li> <li>• Alguin desesperada;</li> </ul>
Pagar mico	<i>Ver-se em situação embaraçosa ou vexatória, passando muita vergonha.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Vivi um situaçon di constringimentu, passa borgonha;</li> <li>• Y passa Borgonha ou Bu purba liti, bu pidi baka;</li> <li>• Passa vergonha;</li> </ul>

Botar a boca no trombone	<i>reclamar, protestar denunciar algo;</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• I pui boca na tromboni pá tcholóla;</li> <li>• Konta tudu djintis di ke ku aconteci;</li> <li>• Reclama ou papia um algo e faci protesto;</li> <li>•</li> </ul>
Tirar água do joelho	<i>Urinar</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iná myça ou lbay waga iagu na quintal;</li> <li>• Bai missa, fassi chichi;</li> <li>• Michá;</li> </ul>
Chutar o pau da barraca	<i>deixar de medir as consequências de qualquer ato.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Bu ka ta sibi si bu mama di bunda gros, son ora ki tene mandita;</li> <li>• Bu kA nteressa di nada, kil ku na sedu pa i sedu;</li> <li>• Randja confusão se midi consequências;</li> </ul>
Saber com quantos paus se faz uma cano.	<i>Aplicar um corretivo; dar uma lição.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Djugude ka bai fanadu, ma i kungsi udju ou na mostral Cuma Amy ki si lambe;</li> <li>• Pregal um partida, dal kantigu;</li> <li>• Sina alguém pa i ka fassi cusa errado mais;</li> </ul>

### **III - Expressões Idiomáticas em crioulo cabo-verdiano**

<b>Fraseologia em Português</b>	<b>O que significa em português</b>	<b>Fraseologia em crioulo</b>
Engolir sapos	<i>Suportar coisas desagradáveis sem revidar ou reagir, por conveniência ou impotência.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Inguli alguén;</li> <li>• Ingoli sapu;</li> <li>• Come peixe pa rabo.</li> </ul>
Fazer gato e sapato	<i>Tratar com desprezo, ridicularizar; fazer de (alguém) o que se que.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazi diabu e sapato;</li> <li>• Fazi gatu e sapatu;</li> <li>• Faze kel ki da na cabeça.</li> </ul>
Esquentar a cabeça	<i>Preocupar-se demasiado.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Kansa kabeça;</li> <li>• Kabeça quenti;</li> </ul>



		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Cansa cabeça;</li> </ul>
Pegar em um rabo de foguete	Responsabilizar-se por compromisso complicado ou perigoso.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poi fronta riba bô;</li> <li>• Ka bu poi cabeça na confusão.</li> </ul>
Botar as manguinha de fora	Atrever-se; ousar.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Da briu;</li> <li>• Poi manguinha di forra;</li> <li>• Ta finge ser santa.</li> </ul>
Rasgar seda	Fazer elogios exagerados, nem sempre justificáveis.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Da koru;</li> <li>• Elogiar.</li> </ul>

#### IV - Expressões Idiomáticas em crioulo guineense

Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Engolir sapos	<i>Suportar coisas desagradáveis sem revidar ou reagir, por conveniência ou impotência.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iná nguli pix Pá rabu;</li> <li>• Nkana leba disafuru PA kassa, si alguim falou nkussa bu ka tornal;</li> <li>• N, goli sapus.</li> </ul>
Fazer gato e sapato	<i>Tratar com desprezo, ridicularizar; fazer de (alguém) o que se que.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Dunu di boka, mas dunu di mala;</li> <li>• Disdangu alguin, findji suma i ka abo ki na papia ku el;</li> <li>• Trata alguim mal ou bu despresa alguim, ou faci ki ku bu miste ku alguim.</li> </ul>
Esquentar a cabeça	<i>Preocupar-se demasiado.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Nudadi mas El cabeça;</li> <li>• Fika preokupadu antis di kussa acontici;</li> <li>• Precupa dimas ou manga de preocupação.</li> </ul>
Pegar em um rabo de foguete	Responsabilizar-se por compromisso complicado ou perigoso.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ami nkana responsabiliza dé;</li> <li>• Kama ku bu ka dita nel, bu ka sibi si ten dabi;</li> <li>• Mite na problema.</li> </ul>
Botar as manguinha de fora	Atrever-se; ousar.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Pó tudu tarda ki tarda i cata bida lagartu;</li> </ul>

		<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mostra kil ku sedu di bardadi;</li> <li>• Alguin calma que tene osadia um dia.</li> </ul>
Rasgar seda	Fazer elogios exagerados, nem sempre justificáveis.	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ita conta cafumbam mall;</li> <li>• Bari badja;</li> <li>• Ngaba alguim.</li> </ul>

#### V - Expressões Idiomáticas em crioulo cabo-verdiano

Fraseologia em Português	O que significa em português	Fraseologia em crioulo
Ir pentear macaco	<i>Ir para longe, afastar-se, para deixar de importunar.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Ba laba; bai pan ka sabi undi;</li> <li>• Ba pentia makako;</li> <li>• Bai passia.</li> </ul>
Fazer boca de siri	<i>Nada revelar sobre determinado assunto.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Poi língua baxu denti;</li> <li>• Kala boca e guarda segredo.</li> </ul>
Comer com os olhos	<i>Desejar muito; cobiçar; fixar um olhar ávido, cobiçoso em (pessoa amada ou objeto desejado).</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Gala (mulher, homem), Cência (comida, objeto);</li> <li>• Cubiça/ kumi só ku odjo;</li> <li>• Cume ku odjo.</li> </ul>
Falar pelos cotovelos	<i>Falar demais (geralmente de modo indiscreto).</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Linguara;</li> <li>• Tagarela, papia txeu;</li> <li>• Papia atoa.</li> </ul>
Pisar em ovos	<i>Conduzir-se com toda a cautela e habilidade, numa situação delicada ou constrangedora.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazi kusas ku kuidadu;</li> <li>• Toma cautela.</li> </ul>
Encher linguiça	<i>Dizer ou escrever coisas superfluamente, sem ter nada que ver com o proposto ou desejado.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Fazi kusa sem pé nem kabeça; fazi pa fazi;</li> <li>• Intxi longuiça;</li> <li>• Faze kusa atoa sem nexo.</li> </ul>

**VI - Expressões Idiomáticas em crioulo guineense**

<b>Fraseologia em Português</b>	<b>O que significa em português</b>	<b>Fraseologia em crioulo</b>
Ir pentear macaco	<i>Ir para longe, afastar-se, para deixar de importunar.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Italil;</li> <li>• Bai lundju , disparci, paka alguim pudi ncomodau;</li> <li>• Bai lundjo ou cabo perto mim.</li> </ul>
Fazer boca de siri	<i>Nada revelar sobre determinado assunto.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Si Kusa Muri Kusa ku Matal..Mukur...mukur;</li> <li>• PA fika mudu, pa fika sim papia na assuntu;</li> <li>• Bu Ca pudi conta nada sobre és assunto ou fica calado.</li> </ul>
Comer com os olhos	<i>Desejar muito; cobiçar; fixar um olhar ávido, cobiçoso em (pessoa amada ou objeto desejado).</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iná nguli sintidu ou Iná nguli alma;</li> <li>• Tene udju garandi PA kussa di djinti;</li> <li>• Miste cussa ki i Ca dibó.</li> </ul>
Falar pelos cotovelos	<i>Falar demais (geralmente de modo indiscreto).</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Na fertcha Verdi Pa panha maduru ou Iná pota ditu;</li> <li>• I ta papia di mas;</li> <li>• Papia chiu dimas ora ki nka stá.</li> </ul>
Pisar em ovos	<i>Conduzir-se com toda a cautela e habilidade, numa situação delicada ou constrangedora.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Kamalion kuma djanti i ka nada, tchiga ki tudu;</li> <li>• Bai ku kuidadu na um situaçon complicadu;</li> <li>• Toma cuidado; massa ovo.</li> </ul>
Encher linguixa	<i>Dizer ou escrever coisas superfluamente, sem ter nada que ver com o proposto ou desejado.</i>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Si bu odja rato na ri gatui pabia item coba perto;</li> <li>• Papia kussa ku kA tene sintidu, papia ó skirbi kussa fora di contextu;</li> <li>• Nganar a pessoa.</li> </ul>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos, no presente livro, fazer, antes de tudo, uma apresentação bibliográfica da fraseologia. É um livro introdutório à fraseologia geral com uma tentativa de aproximação das pesquisas (psico) linguística envolvendo sujeitos não nativos do português brasileiro.

Com esta publicação inicial, esperamos subsidiar trabalhos futuros na área de Fraseologia e Fraseodidática, de Psicolinguística e de Linguística Aplicada, além de tratar de questões de variações linguísticas, culturais e interculturais.

Condensamos e destrinchamos o que muitos teóricos disseram até agora a respeito das expressões idiomáticas.

Aprofundamos o estudo da fraseologia (locuções verbais) seguindo a perspectiva estruturalista, por vezes, escoando cautelosamente na perspectiva psicolinguística, isto é, mais cognitiva, que ainda carece de estudos no Brasil.

Não sabemos o alcance de uma obra introdutória, mas pretendemos evidentemente contribuir para o estudo da fraseologia portuguesa através de um olhar interdisciplinar, o que faz com que o trabalho seja complexo e que tenhamos que lidar com várias perspectivas diferentes: estruturalista, cognitivista e fraseológica.

Com este apanhado da literatura, sintetizamos o pensamento de vários europeus, principalmente espanhóis, e apresentamos o estado de análise do fenômeno fraseológico. É possível que, em muitos casos, não tenhamos feito uma crítica exaustiva ou suficiente sobre alguns conceitos fraseológicos relacionados à fixação e à idiomaticidade.

Sabemos que muitas colocações de autores consagrados na literatura da área são abertamente inadequadas, mas, mesmo assim, preferimos não esboçar qualquer crítica ou explicar a inadequação em virtude do fim ou caráter introdutório desta obra.

Por se tratar de uma obra básica, fizemos questão de apresentar a lista de referências da tese de doutorado, em espanhol e português, que apresenta algumas ideias curiosas sobre fraseologia, mas, em geral, sem fundamento na história da língua, ou, por vezes,

inadequadas. No futuro, apontaremos, em obra com esta finalidade, os problemas centrais que dizem a conceitos, características e uso das expressões idiomáticas bem como mais foco na relação cultura e língua (culturemas)

Uma última palavra: os estudos aqui esboçados revelam, em linhas gerais, que a idiomaticidade e a fixação por parte da comunidade linguística são as grandes características das expressões idiomáticas. É um consenso entre os fraseólogos, psicolinguistas e lexicógrafos.

Das características definitórias das expressões idiomáticas, podemos concluir que é a cristalização fraseológica que indica, para os falantes de dada língua, se a expressão, sincronicamente, está pronta para ser recuperada do ponto de vista cognitivo ou defvidamente memorizada na mente dos falantes quando empregada no uso social da língua.

Um dos caminhos para aprofundamento do assunto é, certamente, a investigação linguística de como se dá efetivamente o processamento fraseológico na mente dos falantes, sejam nativos ou não nativos.

O que até agora sabemos através dos experimentos psicolinguísticos é o de as expressões idiomáticas, no uso social da língua, serem retomadas integralmente da memória num bloco único e que isso decorre da repetição da sequência durante muito tempo, até ser conhecida e compartilhada por todos os falantes da língua.

## REFERÊNCIAS<sup>61</sup>

- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. Os africanos e as falas africanas no Brasil. In GALVES, Charlotte, GARMES, Helder e RIBEIRO, Fernando Rosa (orgs.). **ÁfricaBrasil: caminhos da língua portuguesa**. Campinas: UNICAMP, 2009. p.15-25.
- ALKMIM, Tania e PETTER, Margarida. Palavras da África n Brasil de ontem e de hoje. In PETTER, Margarida e FIORIN, José Luiz (Orgs.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 145-177.
- ALLIENDE, Felipe e CONDEMARÍN, Mabel. Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987. ALMELA et ali. **Fraseología contrastiva: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano**. Murcia: Universidade de Murcia, 2005. P. 197-210.
- ALVARADO ORTEGA, Maria Belén. **Las fórmulas rutinarias del español: teoría y aplicaciones**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2010. p. 27-30.
- ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e paremiologia**, v.1. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e paremiologia**, v.2. Campinas, SP: Pontes, 2012.
- ALVES, José Matias (Org.). **Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas – Aprendizagem, Ensino, Avaliação**. Porto, Conselho da Europa/Asa, 2001.
- ASSUNÇÃO, Ana Raquel Montenegro. 2007. 212f. **Estudo das unidades fraseológicas na linguagem forense dos juízes federais**. Dissertação (Mestrado em Língua) - Programa de Pós-Graduação em Língua, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.
- BAHAMEED, Adel Salem. **Think-Aloud Protocols: Translating Proverbs**. London, Sayyab Books, 2009. BALIEIRO JR, Ari Pedro. **Psicolinguística**. In MUSSALIM, Fernanda e BENTES, Anna Christina.

---

<sup>61</sup> Como este livro é uma síntese da tese de meu doutorado, julguei oportuno, a título de sugestão bibliográfica, disponibilizar a lista completa de livros e os estudos devidamente compulsados na pesquisa fraseológica.

- (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.2. São Paulo: Cortez, 2001.p.171-201. 359
- BALLY, Charles. **Traité de stylistique française**, v. 1. Genebra/ Paris, Geog e Cre/ Klincksieck, 1951.
- BAPTISTA, Livia Márcia Tiba Rádis. Tratándose de expresiones idiomáticas, ;no te rompas la cabeza ni busques cinco pies al gato!. In **redele - revista electrónica de didáctica / español lengua extranjera**, nº 6, 2006.
- BARÁNOV, Anatolij e DOBROVOL'SKIJ, Dmitrij. **Aspectos teóricos da fraseologia**. Santiago de Compostela: Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, 2009.
- BELINCHÓN, Mercedes. Lenguaje no literal y aspectos pragmáticos de la comprensión. In VEGA, Manuel de e CUETOS, Fernando. (Orgs.). **Psicolinguística del español**. Madrid: Trotta, 1999. Cap.9, p. 307-373.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Campinas, SP: Pontes, [1966] 2005.
- BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Campinas, SP: Pontes, [1974] 2006.
- BEVILACQUA, Cleci Regina. **A Fraseologia Jurídico-Ambiental. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem**. Curso de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1996.
- BLASCO MATEO, Esther. Similitudes entre perífrasis verbales de infinitivo con enlace y locuciones verbales de infinitivo. In ALMELA, R.; RAMÓN TRIVES, E. E WOTJAK, G. **Fraseología contrastiva: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano**. Murcia: Universidade de Murcia, 2005. P. 197-210.
- BLOCK, Ellen. The comprehension strategies of second language readers. In **Tesol Quarterly**, nº 20, 1986, p. 463-494.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico ...** Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, v. 8. 1712 - 1728. 360
- BOBROW, S. Y BELL, S. (1973). On catching on to idiomatic expressions. **Memory and Cognition**, 1, 343-346.
- BOCORNÝ, Ana Eliza Pereira. 23of. 2008. **Descrição das Unidades Especializadas Poliléxicas Nominais no Âmbito da Aviação: Subsídios para o Ensino de Inglês para Fins Específicos (Esp)**.. Instituto de Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do

Rio Grande Do Sul. Tese de doutorado em Estudos da Linguagem. Porto Alegre, 2008.

BONVINI, Emilio. Línguas africanas e português falado no Brasil. In FIORIN, José luiz e PETTER, Margarida (Orgs.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2009. P. 15-62.

BONVINI, Emilio. Os vocábulos de origem africana na constituição do português falado no Brasil. In PETTER, Margarida e FIORIN, José Luiz (Orgs.). **África no Brasil: a formação da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2008. p.101-144.

BORBA, Francisco da Silva. **Dicionário gramatical de verbos: do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: EDUNESP, 1990.

CABRAL, Tomé. **Novo dicionário de termos e expressões populares**. Fortaleza: Edições UFC, 1982.

CACCIARI, C. e TABOSSI, P. **The comprehension of idioms**. In *Journal of Memory and Language*, 27(6), 1988, p.668-683.

CACCIARI, Cristina e TABOSSI, Patrizia (Orgs.). **Idioms: processing, structure, and interpretation**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1993.

CACCIARI, Cristina. “The Place of Idioms in a Literal and Metaphorical World”. In CACCIARI, Cristina e TABOSSI, Patrizia. (Orgs.). **Idioms: Processing, Structure, and Interpretation**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1993. P. 27-55.

CAMACHO, Beatriz Facincani. 170f. 2008. **Estudo comparativo de expressões idiomáticas do português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá**. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto, 2008.

CAMACHO, BEATRIZ FACINCANI. 2008. 168f. **Estudo comparativo de expressões idiomáticas do Português do Brasil e de Portugal e do francês da França e do Canadá**. Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas 361 da Universidade Estadual Paulista, Câmpus de São José do Rio Preto, para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos.

CARVALHO, Gislene Lima. 2011. 125f. **As unidades fraseológicas no ensino de português língua estrangeira: os últimos serão os primeiros**. Dissertação (Mestrado em Línguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.



- CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, [1950] 1969.
- CASCUDO, Luís da Camara. **Locuções tradicionais no Brasil**. São Paulo: Global, 2004.
- CASTILLO CARBALLO, María Auxiliadora. El concepto de unidad fraseológica. **Revista de Lexicografía**, Vol. IV, 1997-1998, p. 67-79.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro**. Rio de Janeiro: ABL/Topbooks, 2001.
- CATANIA, A. Charles. **Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- CERMAK, František. La identificación de las expresiones idiomáticas. In LUQUEDURAN, Juan de Dios e PAMIES-BERTRAN, Antonio (Orgs.). **Lexico y Fraseología**. Granada: Método Ediciones, 1998. p.133-148.
- CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARTERS, Elizabeth. The Use of Think-aloud Methods in Qualitative Research An Introduction to Think-aloud Methods. In **Brock Education** , Vol. 12, No. 2, 2003.
- CHERNOVIZ, Pedro Luiz Napoleão. **Diccionario de medicina popular e das ciencias accessorias ... 2 v.6**. ed. consideravelmente aumentada, posta a par da ciência. Paris: A. Roger & F. Chernoviz, 1890.
- CHRISTOPHER, Gledhill e FRATH, Pierre. A Reference-based Theory of Phraseological Units: the Evidence of Fossils. In P. Danielsson & M. Wagenmakers (Orgs.). **Proceedings from the Corpus Linguistics Conference Series** 1(1), p. 14-17 July 2005, University of Birmingham. 362
- CONRAD SACKL, Ana María Barrera. 2007. 96 f. **Estudio de unidades fraseológicas y sus sentidos metafóricos en dos diccionarios bilingües español-portugués, português-Espanhol** . Centro de Comunicação e Expressão – CCE, Curso de PósGraduação em Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.
- COOPER, THOMAS C. Processing of Idioms by L2 Learners of English. In *Tesol Quarterly* Vol. 33, nº 2, Summer 1999. P. 233-262.
- CORPAS PASTOR, Gloria. **Manual de fraseología española**. Madrid: Gredos, 1996.
- CORPAS-PASTOR, Gloria. **Corrientes actuales de la investigación fraseológica en europa**. Disponível em Internet: <http://91.121.164.100/dok/euskera/25886.pdf>

- CORTES, Saide. Expresiones zoonímicas en el habla popular chilena. **Boletín de Filología [online]**. 2009, vol.44, n.2, pp. 243-261.
- COSERIU, Eugenio. **Linguística del texto: introducción a la hermenêutica del sentido**. Madrid: Arco, 2007.
- COUTO, Hildo Honório do. **Introdução ao estudo das línguas crioulas e pidgin**. Brasília: UnB, 1996
- CRESPO, Nina e CACERES, Pablo. La comprensión oral de las frases hechas: un fenómeno de desarrollo tardío del lenguaje..In RLA. **Revista de Linguística Teórica y Aplicada**. Concepción (Chile), 44 (2), II Sem. 2006, p. 77-90.
- CROFT, William e CRUSE, D. Alan. **Linguística cognitiva**. Madrid: Akal, 2008.
- CUENCA, Maria Josep e HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**. Barcelona: Ariel Linguística, 1999.
- CUTTING, J., COOPE, BOCK, Kathryn. “That's the way the cookie bounces: Syntactic and semantic components of experimentally elicited idiom blends”. In **Memory & Cognition** 1997. 25 (1). 57-71.
- DALGADO, Sebastião Rodolfo. **Estudos sobre os Crioulos Indo-Portugueses**. Lisboa: CNCDP. Coleção Cadernos - Ásia, 1998. pp: 13-36.
- DELBECQUE, Nicole. **A linguística cognitiva: compreender como funciona a linguagem**. Lisboa: Instituto Piaget, 2008. 363
- DETRY, Florence. **Estrategias memorísticas y aprendizaje de las expresiones idiomáticas en lengua extranjera: el papel cognitivo de la iconicidad fraseológica**. Tese (Doutorado em Linguística) - Departamento de Filología y Filosofía, Universidad de Girona, Girona, 2010.
- DUARTE, Maria Susana de Almeida. 2006. 151f. **As expressões idiomáticas na língua e no discurso: um olhar sobre as crónicas de miguel esteves cardoso**. Dissertação De Mestrado Em Linguística Portuguesa – Linguística Aplicada Ao Ensino Do Português. Faculdade De Letras Da Universidade Do Porto. 2006.
- DUBOIS, Jean et ali. (Org.). **Dicionário de linguística**. Direção e coordenação geral de tradução de Izidoro Blikstein et ali. São Paulo: Cultrix, 1993.
- DUFFÉ MONTALVÁN, Aura Luz. “Reflexiones Psicolinguísticas y didácticas sobre el estudio de metáforas y modismos”. In **Didáctica (Lengua y Literatura)**, 2004, vol. 16 33-44.

DUQUE, Paulo Henrique e Costa, Marcos Antonio. “Cognitivism, corporalidade e Construções: novas perspectivas nos estudos da linguagem”. In **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Linguagens em diálogo** nº 42, p. 87-108, 2011.

ELOINA SCHERER, Amanda. Uma trajetória em busca do saber. Uma referência na história das idéias linguísticas no RS - Entrevista com Leonor Scliar Cabral. In **fragmentum**, nº 6. Laboratório Corpus: UFSM, 2004. p.1-34.

ERNÁNDEZ, Gretel Eres et ali. **Expresiones idiomáticas: valores y usos**. São Paulo: Ática, 2004.

ESCANDELL VIDAL, M. Victoria. **Fundamentos de semántica composicional**. Barcelona, Ariel Linguística, 2011.

ETTINGER, Stefan. Alcances e límites da fraseodidáctica. Dez preguntas clave sobre o estado actual da investigación. In **Cadernos de Fraseoloxía Galega**, 10, 2008, p.95- 127.

EYSENCK, Michael W e KEANE, Mark T. **Manual de psicología cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FERNANDES, Eugênia Magnólia da Silva. 2011. 226f. **Expressões idiomáticas no português do Brasil: análise funcional-tipológica e seu ensino no âmbito de segunda língua**. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

FERNANDES, José Alves. **Dicionário de formas e construções opcionais da língua portuguesa**. Fortaleza: EDUFC, 2000.

FERRARI, Liliam. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2009.

FILLMORE, Charles J et ali. “Regularity and Idiomaticity in Grammatical Constructions: The Case of Let Alone”. In **Language**, Vol. 64, No. 3. (1988), pp. 501- 538.

FLORES D’ARCAIS, G. B. (1993). The comprehension and semantic interpretation of idioms. In CACCIARI, C. E TABOSSI, P. (Orgs.). **Idioms: Processing, structure, and interpretation Hillsdale, NJ: Erlbaum, 1993. P. 79–98.**

FONTES FILHO, Aristides. **O dito pelo não dito: dicionário de expressões idiomáticas**. São Paulo: Libra três, 2006.

FORMENT FERNÁNDEZ, María del Mar. La didáctica de la fraseología ayer y hoy: del aprendizaje memorístico al agrupamiento en los repertorios de funciones comunicativas. In **Espéculo: Revista de Estudios Literarios**, nº. 10, 1998-1999

FORMENT FERNÁNDEZ, María del Mar. La fraseología metafórica en la didáctica de segundas lenguas (emparentadas o no con la ll). In **RILCE** 14.2 (1998) 225-241.

FRASER, Bruce. Idioms within a transformational grammar. In **Foundations of language**. Cambridge, v. 6, 1970, p. 22-42.

FREGE, G. Estudios sobre semântica. Barcelona: Ariel, 1971.

FULGÊNCIO, Lúcia. 506f. 2008. **Expressões fixas e idiomatismos do português brasileiro**. Tese de doutorado em Linguística. Programa de Pós-Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2008.

GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, M. Contribuibución del léxico en la opacidad de las locuciones. In MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). **Opacidad, 365 idiomaticidad, traducción**. Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2010. P.129-149.

GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, M. Contribuibución del léxico en la opacidad de las locuciones. In MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). **Opacidad, idiomaticidad, traducción**. Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2010. P.129-149.

GARCÍA-PAGE SÁNCHEZ, Mario. **Introducción a la fraseología española: estudio de las locuciones**. Rubí (Barcelona): Antropos, 2008.

GARCÍA-PAGE, Mario. La Fraseología em España: de Casares (1950) a la nueva gramática de la Real Academia. In ORTIZ, Alvarez María Luisa e UNTERBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa**. São Paulo: Pontes, 2011.

GARMAN, Michael. **Psicolinguística**. Madrid: Visor, 1995.

GARRÃO, Milena de Uzeda. A identificação de expressões idiomáticas verbis com base em corpora. In ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e paremiologia**, v.2. Campinas, SP: Pontes, 2012. p.125-131.

GIBBS JR, Raymond W. Et ali. Metaphor in **Idiom Comprehension**. In **Journal of Memory and Language**,37, 1997, p. 141-154.

- GIBBS, R. On the process of understanding idioms. In **Journal of Psycholinguistic Research**, 14(5), 1985, p.465-472.
- GIRÃO, Raimundo. **Vocabulário popular cearense**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2007.
- GOMES, Languisner. 2009. 274f. **Expressões idiomáticas: explorando as trilhas da geração do sentido**. Tese (Doutorado em Língua). Programa de Pós-Graduação em Linguística. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- GOMES, Luiz L. e COLLINS, Donald E. **Dicionário de expressões idiomáticas americanas: a dictionary of american idioms**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- GONZÁLEZ REY, María Isabel. La noción de "hápax" en el sistema fraseológico francés y español. In ALMELA et ali. **Fraseología contrastiva: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano**. Murcia: Universidade de Murcia, 2005. P. 313- 327.
- GONZÁLEZ-REY, I. **La didactique du français idiomatique**. Fernelmont: E.M.E, 2007.
- GONZÁLEZ-REY, Maria Isabel. (dir.). **Adquisición de las expresiones fijas: metodología y recursos didácticos [Idioms Acquisition methodology and didactic resources]**. Fernelmont: E.M.E. 2007.
- GONZÁLEZ-REY, María Isabel. A fraseodidáctica e o Marco Europeo Común de Referencia Para As Linguas. In **Cadernos de fraseoloxía galega**, nº. 8, 2006, p. 123- 146.
- GONZÁLEZ-REY, María Isabel. A fraseodidáctica: un eido da fraseoloxía aplicada. In **Cadernos de Fraseoloxía galega**, nº 6, 2004, p. 113-130.
- GOODMAN, K. S. Reading: a psycholinguistic guessing game. In **Journal of the Reading Specialist**, nº 4, 1967, p.126-135.
- GRANJA, María Álvarez de la. As variantes funcionais das locucións verbais. In BLANCO, Carmen Mellado. (Org.). **Colocaciones y fraseología em los diccionarios**. Frankfurt: Peter Lang, 2008. P.33-51.
- GRICE, H. P. Lógica e conversação. In DASCAL, Marcelo. (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Linguística**.Vol. IV. Campinas: Unicamp, 1982.p. 81-103.
- GUIRAUD, Pierre. **La stylistique**. Paris: Press Universitaires de France, 1972.
- GURGEL, J. B. Serra e. **Dicionário de gíria: modismo linguístico - o equipamento falado do Brasileiro**. Brasília, DF: edição do autor, 2009.

HARRIS, Theodore L. E HODGES, Richard E. (Orgs.). **Dicionário de alfabetização: vocabulário de leitura e escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

IÑESTA MENA, Eva María & PAMIES BERTRÁN, Antonio. **Fraseología y metáfora: aspectos tipológicos y cognitivos**. Granada: Granada Lingüística, 2002.

IRUJO, Suzanne. Don't Put Your Leg in Your Mouth: Transfer in the Acquisition of Idioms in a Second Language. In **Tesol Quarterly**, vol. 20, nº. 2, Jun. 1986.

JOSEP CUECA, Maria y HILFERTY, Joseph. **Introducción a la lingüística cognitiva**, Barcelona: Ariel Lingüística, 1999.

LAKOFF, George e JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: EDUC, 2002.

LAMIROY, Beatrice. les expressions figées: à la recherche d'une définition. In LEITÃO, Márcio Martins. **Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem**. In MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de lingüística**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 217-234.

LEME, Andreza da Costa. 2008. 167f. **Idiomaticidade e composicionalidade das expressões idiomáticas da língua inglesa: o sentido na interface semântico-pragmática-etimológica**. Tese de doutorado. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2008.

LIN, Phoebe M. S. E ADOLPHS, Svenja. Sound evidence: Phraseological units in spoken corpora. In BARFIELD, A. E GYLLSTAD, H. (Orgs.). **Researching collocations in another language: Multiple interpretations**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2009, p. 34-48.

LODOVICI, Flaminia Manzano Moreira. 2007. 114 f. **O idiomatismo como lugar de reflexão sobre o funcionamento da língua**. Tese (doutorado de Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2007.

LÓPEZ DELGADO, María de la Luz. **Estrategias de comprensión**. Cuenca: UCLM, 2005. 368

MACEDO, Ana Cristina Pelosi de e BUSSONS, Aline Freitas. (Orgs.). **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.

- MACEDO, Ana Cristina Pelosi de. *Cognição e linguística*. In MACEDO, Ana Cristina Pelosi de; FELTES, Heloisa Pedrsoso de Moraes e FARIAS, Emília Maria Peixoto. (orgs). **Cognição e linguística: explorando territórios, mapeamentos e percursos**. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. P.9-37.
- MACEDO, Ana Cristina Pelosi. Paradigmas cognitivos, linguística cognitiva e metófora conceitual. In MACEDO, Ana Cristina Pelosi de e BUSSONS, Aline Freitas. (Orgs.). **Faces da metáfora**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2006.
- MAGALHÃES JÚNIOR, R. **Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos**. Rio de Janeiro: Documentário, 1977.
- MAINGUENEAU, D. **Termos-chave da análise do discurso**. Belo Horizonte: EdUFMG, 2006.
- MARTÍNEZ MONTORO, Jorge. La fraseología en J. Casares. In PASTOR CESTEROS, Susana e SALAZAR GARCÍA, Ventura. (Orgs). *Estudios de Linguística*, Universidad de Alicante MATEUS, Maria Helena Mira. *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*. In **Rev. Lusófona de Educação [online]**. 2011, n.18, p. 13-24.
- MARTINS, Vicente de Paula da Silva. 2013. 412f. **Estratégias de compreensão de expressões idiomáticas por não nativos do português brasileiro**. 2013. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL), Universidade Federal do Ceará, 2013. Disponível em [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8233/1/2013\\_tese\\_vpsmartins.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/8233/1/2013_tese_vpsmartins.pdf)
- MATIAS, Luciana Corrêa. 2008. 126p. **Expressões Idiomáticas Corporais no Dicionario Bilingue de Uso Español-Portugués / Português-Espanhol (dibu)**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestrado em Estudos da Tradução. Florianópolis, 2008.
- MEJRI, Salah. Délimitation des unités phraséologiques. In ALVAREZ, Maria Luisa Ortiz (Org.). **Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em Fraseologia e paremiologia**, v.1. Campinas, SP: Pontes, 2012. p.139-156
- MELLADO BLANCO, Carmen. **Fraseologismos somáticos del alemán. Un estudio léxico-semántico**. Frankfurt am Main, Peter Lang, 2004.
- MENDONÇA, Renato. **A influência africana no Brasil**. Brasília: FUNAG, 2012.

MOGORRÓN HUERTA, P. "Análisis de la competencia fraseológica como factor de opacidad". In **Fraseología, Opacidad y Traducción**. Frankfurt an Main, Peter Lang GmbH, 2013.p. 83–96.

MOGORRÓN HUERTA, Pedro. La opacidad en las construcciones verbales fijas. In: MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). **Opacidad, idiomática, traducción**. Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2010. p. 237-259.

MOLINA, Daniel García. **Fraseología bilingüe: un enfoque lexicográfico pedagógico**. Granada: Editorial Comares, 2006.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Gastronomismos lingüísticos: um olhar sobre Fraseologia e cultura. In ORTIZ, Alvarez Maria Luisa e UNTERBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. São Paulo: Pontes, 2011. p. 249-275.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. Produtividade fraseológica: do cognitivo ao cultural. In SILVA, Suzete (Org.). **Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos**. Londrina: UEL, 2012. p. 121-145.

MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire. "Uma contribuição à fraseodidática do francês como língua estrangeira". **Acta Sci. Lang. Cult.** Maringá, v. 30, n. 2, p. 243-245, 2008.

MONTORO DEL ARCO, Esteban. **Teoría fraseológica de las locuciones particulares: Las locuciones prepositivas, conjuntivas y marcadoras en español**. Frankfurt: Peter Lang, 2006.

MORAIS-BARBOSA, Jorge (org.). **Estudos Linguísticos Crioulos**. Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa, 1967.

MOTA, Leonardo. **Adagiário brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1987.

NACISCIONE, Anita. Phraseological units in literary discourse: Implications for teaching and learning. In CAUCE - **Revista de Filología y su Didáctica**, nº 24, 2001, p. 53-67. 370

NASCENTES, Antenor. **Tesouro da Fraseologia brasileira**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1966.

NAVARRO, Fred. **Dicionário do Nordeste: 5.000 palavras e expressões**. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

NEGRO ALOUSQUE, Isabel. La traducción de las expresiones idiomáticas marcadas culturalmente. In **Revista de Linguística y Lenguas Aplicadas**, vol. 5 , 2010, p. 133- 140.



NEVEU, Franck. **Dicionário de ciências da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

NÓBREGA, Bruna Filipa de Sousa. 2010. 141f. **Os lapsus linguae e o léxico mental**. Dissertação (Mestrado em Terapia da Fala). -Escola Superior de Saúde do Alcoitão, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, Instituto de Ciências da Saúde, Universidade Católica Portuguesa, Alcoitão, 2010.

NUNBERG, Geoffrey; SAG, Ivan A e WASOW, Thomas. **Idioms:Language**, Vol. 70, no. 3 (1994), 49, p.491-538.

OLIVEIRA, Sirlene Terezinha de. 2009. 146 f. **Comparação de fraseologismos franceses em dicionários bilíngues brasileiros**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)- Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Instituto de Letras, Universidade de Brasília,, Brasília, 2009.

OLZA MORENO, Inés. 2009. 581f. **Aspectos de la semántica de las unidades fraseológicas. La fraseología somática metalingüística del español**. Tese (Doutorado em linguística hispânica) – Programa de Doctorado em Linguística Hispânica, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Navarra, 2009.

ORENHA, Adriane. 2009. 291f. **Unidades fraseológicas especializadas: colocações e colocações estendidas em contratos sociais e estatutos sociais traduzidos no modo juramentado e não-juramentado**. Tese de doutorado. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas.São José do Rio Preto, 2009.

ORTEGA OJEDA, Gonzalo e GONZÁLEZ AGUIAR, María Isabel. Em torno a la variación de las unidades fraseológicas. In ALMELA, R.; RAMÓN TRIVES, E. e WOTJAK, G. (Orgs.). **Fraseología contrastiva: con ejemplos tomados del alemán, español, francés e italiano**. Murcia: Universidad de Murcia, 2005. p. 91-109.

ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa. 2000. 344f. **Expressões idiomáticas do português do Brasil e do Espanhol de Cuba: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira**. Tese (doutorado de Linguística) – Programa de 371 Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2000.

PAMIES BERTRÁN, Antonio (2007): “De la idiomaticidad y sus paradojas”. In CONDE TARRÍO, Germán (Org.): **Nouveaux apports à**

- l'étude des expressions figées.** Cortil-Wodon: EME & InterCommunications S.P.R.L., 2007. p.173-204.
- PAMIES, A. "De la idiomaticidad y sus paradojas". In **Actas del Congreso Internacional de Fraseología y Paremiología.** Santiago de Compostela, 2006, p.1-18.
- PAWLEY, A. e SYDER, F. H: Two Puzzles for Linguistic Theory: Nativelike. Selection and Nativelike Fluency. In RICHARDS, J. C. e SCHMIDT, R. W (Orgs). **Language and Communication.** Londres: Longman, 1983, p.191-226.
- PEDRO, Magali de Lourdes. 2007. 189 f. **As expressões idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaios.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada)- Instituto de Letras, Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução, Universidade de Brasília.
- PEREIRA, Eduardo Carlos. **Gramática expositiva: curso superior.** São Paulo: CEN, [1907] 1957.
- PERINI, Mário A. **Gramática do português brasileiro.** São Paulo: Parábola, 2010.
- PETTER, Margarida Maria Taddoni. O continuum afro-brasileiro do português. GALVES, Charlotte, GARMES, Helder e ROSA RIBEIRO, Fernando (Orgs.). **ÁfricaBrasil: caminhos da língua portuguesa.** Campinas, SP: unicamp, 2009. P.159-173.
- PINTO, Luiz Maria da Silva. **Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz.** Na Typographia de Silva, 1832.
- PLATÃO. **Crátilo.** Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- POLÓNIA, Cecília Paula Faria Morais. 2009. 119f. **As expressões idiomáticas em português língua estrangeira: uma experiência metodológica.** Dissertação de mestrado em ensino de Português língua segunda/estrangeira. Universidade do Porto Faculdade de Letras, Porto, 2009.
- PORTO DAPENA, José-Álvaro. **Manual de técnica lexicográfica.** Madrid: Arco, 2002.
- POULET, Maria Eugenia Malheiros. Mas bah, tchê! Idiomatismo e regionalismo como marca de diferenciação identitária. In **Acta Semiótica et Lingvística**, v. 15, n. 1, 2010, p. 216-235.
- PRETI, Dino. Apresentação. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais. Projetos Paralelos – NURC/SP, 5.ed.** São Paulo: Humanitas, 2001, pp.11-12.

- QUEPONS RAMÍREZ, Cecilia. El proceso de desautomatización en la fraseología española: un acercamiento. In **Memorias del V Foro de Estudios en Lenguas Internacional (FEL 2009)**, Universidad de Quintana Roo – Departamento de Lengua y Educación, p.409-506.
- RIBEIRO, João. **Frases feitas: estudo conjectural de locuções ditadas e provérbios**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1960.
- RIFFATERRE, Michael. 2009. 311f. **Estilística estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- RIVA, Huéinton Cassiano. **Dicionário onomasiológico de expressões idiomáticas usuais na língua portuguesa do Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, Cmpus de São José do Rio Preto São José do Rio Preto.
- ROCHA, Carlos Alberto de Macedo e ROCHA, Carlos Eduardo Penna de M. **Dicionário de locuções e expressões da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2011.
- ROSSI-LANDI, Ferruccio. **Ideologías de la relatividad lingüística**. Buenos Aires: Nueva Visión, [1972] 1974.
- RUIZ GURILLO, Leonor. **Ejercicios de fraseología**. Madrid: Arco, 2002.
- RUIZ GURILLO, Leonor. Interrelaciones entre gramaticalización y fraseología en español. In **Revista de Filología Española (RFE)**, XC, 1.0, 2010, p.173-194.
- SACCONI, Luiz Antonio. **Grande dicionário Sacconi: da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010.
- SALGADO, Ana Rachel. 2006. 115f. **Unidades fraseológicas especializadas na perspectiva da tradução**. Dissertação de Mestrado em Estudos da Linguagem. Programa 373 de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006.
- SALIBA, Márcia de Carvalho. 2000. 122f. **Unidades lexicais maiores que a palavra: descrição linguística, considerações psicolinguísticas e implicações pedagógicas**. Dissertação (Mestrado em Letras). Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2000.
- SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In MIRANDA, Neusa Salim e SALOMÃO, Maria Margarida Martins. (Orgs.). **Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2009. P.33-74.

SANTAMARÍA PÉREZ, María Isabel. 2000. 338f. **Tratamiento de las unidades fraseológicas en la lexicografía bilingüe español-catalán**. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Filosofia y Letras. Universidad de Alicante, Fortaleza, 2000.

SARDELLI, Maria Antonella e JARILLA BRAVO, Salud. Las variantes léxicas en las locuciones verbales del italiano actual. In MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). **Fijación, desautomatización y traducción**. Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2009.

SARDELLI, Maria Antonella. De la traducción de unidades lingüísticas estables: problemáticas, técnicas y estrategias. In MOGORRÓN HUERTA, Pedro e MEJRI, Salah. (Orgs.). **Opacidad, idiomaticidad, traducción**. Alicante: Universidade de Alicante; Paris: Université Paris; Manouba: Université de la Manouba, 2010. p. 311- 326.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, [1916] 2012.

SCANTAMBURLO, Luigi. **Gramática e Dicionário da Língua Criol da Guiné Bissau (GCr)**. Bologna, E.M.I, 1980.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. **Introdução à Psicolinguística**. São Paulo: Ática, 1991.

SCLIAR-CABRAL, Leonor. Psicolinguística: uma entrevista com Leonor ScliarCabral. IN **ReVEL**. Vol. 6, n. 11, agosto de 2008. SEARLE, John R. **Expressão e sentido: estudos da teoria dos atos da fala**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SERRA E GURGEL, J. B. **Dicionário de gíria. Modismo linguístico. O equipamento falado do brasileiro**. Brasília: edição do autor, 2009.

SILVA, Antonio Moraes. **Dicionário da língua portuguesa - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado, por ANTONIO DE MORAES SILVA**. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813.

SILVA, M<sup>a</sup> Eugênia Olímpio de Oliveira. **Fraseografia Teórica y Práctica**. Frankfurt am Main: Peter Lang, 2007.

SILVA, Maria Eugênia Olímpio de Oliveira. Dicionários: armas de dois gumes no estudo da Fraseologia. O caso das locuções. In ORTIZ, Alvarez Maria Luisa e UNTERBAUMEN, Enrique Huelva. (Orgs.). **Uma (re)visão da teoria e da pesquisa fraseológicas**. Campinas, SP: Pontes, 2011. P.161-182.

SILVA, Thaís Cristófar. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVEIRA, João Gomes da. **Dicionário de expressões populares da língua portuguesa: riqueza idiomática das frases verbais. Uma hiperoficina de giras e outros modismos luso-brasileiros**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SIMÕES, Guilherme Augusto. **Dicionário de expressões populares portuguesas: arcaísmos, regionalismos, calão e gíria, ditos, frases feitas, lugares-comuns, aportuguesamentos, estrangeirismos e curiosidades da linguagem**. Lisboa: Dom Quixote, 2000.

SLOBIN, Dan Isaac. **Psicolinguística**. São Paulo: CEN, 1980.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura: uma análise Psicolinguística da leitura e do aprender a ler**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

SMITH, Frank. **Leitura significativa**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SPRINGER, Sally P e DUTSCH, Georg. **Cérebro esquerdo, cérebro direito: perspectivas da neurociência cognitiva**. São Paulo: Santos, 2008.

STEIN, Lilian Milnitsky and PERGHER, Giovanni Kuckartz. Criando Falsas Memórias em Adultos por meio de Palavras Associadas. In **Psicol. Reflex. Crit. [online]**. 2001, vol.14, n.2, pp. 353-366.

STERNBERG, Robert J. **Psicologia cognitiva**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

STREHLER, René G. “Fraseologismos e cultura”. **Trab. Linguist. Apl. [online]**. 2009, vol.48, n.1, pp. 9-21.

SWINNEY, D. E CUTLER, A. “The access and processing of idiomatic expressions”. In **Journal of Verbal Learning and Verbal Behaviour**”, 1979, nº18, p. 645-659.

TAGNIN, Stella E.O. **O jeito que a gente diz: expressões convencionais e idiomáticas**. São Paulo: Disal, 2005.

TELES, Iara Maria e SILVA, Adelaide H. Pescatori. **Algumas considerações sobre a transcrição fonética nos Atlas Linguísticos do Brasil**. In **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n.11/2, dez. 2008, p. 277-287.

TIMOFEEVA, Larissa. 2008. 594f. **Acerca de los aspectos traductológicos de la fraseología española**. Tese (Doutorado em Letras). Departamento de Filología Española, Linguística General y Teoría de la Literatura Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Alicante, Alicante, 2008.

TOMITCH, Lêda Maria Braga. **Aspectos cognitivos e instrucionais da leitura**. Bauru, SP: EdUSC, 2008.

- TULVING, E. How many memory systems are there? **American Psychologist**, 40, 1985. Pp. 385-39.
- TULVING, Endel. **Elements of episodic memory**. Oxford: Clarendon Press; New York: Oxford University Press, 2007.
- ULLMANN, Stephen. **Semântica: uma introdução à ciência do sentido**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1977.
- VARELA, Francisco J; THOMPSON, Evan e ROSCH, Eleanor. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- VEGA, Manuel de e CUETOS, Fernando. (Orgs.). **Psicolinguística del español**. Madrid: Trotta, 1999.
- VEGA-MORENO, Rosa Elena. Representing and processing idioms. In **Working Papers in Linguistics**, v. 15, 2003, p.73-109.
- XATARA, Claudia Maria. O campo minado das expressões idiomáticas. In **Alfa**, São Paulo, 42(n.esp.): 1998, p.147-159, 376
- XIMENES, Expedito Eloísio. 2009. 414f. **Estudo filológico e linguístico das unidades fraseológicas do judiciário colonial brasileiro**. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.
- XUE, Zhang. 2009. 53f. **Análisis de la traducción de los culturemas en la novela La Flaqueza del Bolchevique**. Mestrado em Tradução e Interpretação. Departamento de Traducción e Interpretación. Barcelona, Universidad Autónoma de Barcelona, 2009.
- ZAU, Filipe. Do tráfico negreiro ao Lusotropicalismo e à Lusofonia. In FUNES, Eurípedes et ali. (Orgs.). **África, Brasil, Portugal: História e Ensino de História**. Fortaleza: UFC/Expressão Gráfica, 2010. P. 35-57.
- ZULUAGA GOMEZ, Francisco. Locuciones, dichos y refranes sobre el lenguaje: unidades fraseológicas fijas e interacción verbal. In **Forma function**, Santaf, de Bogot, D.C. [online]. 2005, n.18, p. 250-282.
- ZULUAGA, Alberto. **Introducción al estudio de las expresiones fijas**. Frankfurt am Maim: Peter D. Lang, 1980.
- ZULUAGA, Alberto. La fijación fraseológica. In **Thesaurus, BICC (Boletín del Instituto Caro Y Cuervo)** XXX núm.I, 1975. p 225-248.



## SOBRE O AUTOR



Natural de Iguatu (CE). Nasceu em 1961. Filho de Pedrina Maria da Silva Martins, lavadeira, mãe generosa e visionária, que muito se empenhou na sua formação básica e se engajou diligentemente no seu ingresso e a permanência no Colégio Militar de Fortaleza (CMF), no período de 1976 a 1982. Não conheceu o pai. Ao

deixar o CMF, graduou-se em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (1987), fez mestrado em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (FACED, 1996) da Universidade Federal do Ceará, com a dissertação *“Constituição e educação: análise evolutiva da educação na organização constitucional do Brasil”*, sob a orientação do Dr. André Haguette (UFC) e doutorado em Linguística (2013) com a tese **“Estratégias de Compreensão de Expressões Idiomáticas por Não Nativos do Português Brasileiro”**, sob a orientação da Dra. Rosemeire Selma Monteiro-Plantin (UFC) pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL) da Universidade Federal do Ceará. Em 1989, participou do processo de elaboração do Capítulo da Educação da Constituição do Estado do Ceará, com a proposição e aprovação de 20 artigos educacionais que hoje figuram na Carta Estadual. Em 1990, também colaborou na elaboração da Lei Orgânica de Fortaleza com a aprovação de, ao menos, 30 artigos na área educacional que hoje fazem parte da Carta Municipal. Desde 1994, em virtude de concurso público, mudou-se com a família para Sobral (a 220 km de Fortaleza/CE), onde atua como docente de Linguística do Curso



de Letras da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Além de dedicar-se entusiasticamente a pesquisas linguísticas (Psicolinguística, Fraseologia, Etimologia e Descrição do Português), tem se interessado em estudos educacionais (Legislação Educacional, BNCC, Acordo Ortográfico, EJA, Educação Básica, Educação Inclusiva etc) e atuado ativamente nas áreas de Formação de Professores, em nível de pós-graduação, e como docente nos cursos de Especialização em Língua Portuguesa e Psicopedagogia, respectivamente. Durante 10 anos, atuou na área de ensino de Língua Portuguesa e de língua espanhola na educação básica, em Fortaleza. Lotado no Curso de Letras do Centro de Filosofia, Educação e Letras (CENFLE) da UVA, tem, ao longo dos anos, ministrado disciplinas como Fonética e Fonologia do Português, Aquisição da Linguagem e Estilística do Português, áreas em que escreveu muitos artigos científicos e livros. Na pós-graduação stricto sensu, tem participado, como examinador externo, dos Programas de Pós-Graduação em Universidade Federal do Ceará (UFC) e de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenou, na UVA, de 2015 a 2017, o subprojeto de Letras (Língua Portuguesa) do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) e coordenou de 2018-2020 o Programa de Residência Pedagógica da CAPES/MEC. Possui Estágio Pós-Doutoral em Linguística no Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, sob a supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dra. Livia Marcia Tiba Radis Baptista (UFBA) com a pesquisa **“Frasemário Cultural: Identificação, Classificação e Constituição de Corpus de Culturemas nos Romances do Nordeste Brasileiro”** (2016-2017). No momento, cursa seu segundo estágio de pós-doutorado pela UFC (2019-2020), na área de Linguística, com pesquisa sobre **“Os Culturemas no Discurso Lítero-Musical das Letras de Canção Brasileira”**, sob a supervisão da Prof.<sup>a</sup> Dra. Roseimeire Selma Monteiro-Plantan (UFC). Mais recentemente publicou livros nas áreas de educação, linguística, ensino de língua portuguesa e

poesias, todos pela editora *Pedro & João Editores* (consultar títulos em <http://www.pedrojaoeditores.com.br/>). Contatos para eventos e palestras em todo o Brasil, presenciais ou virtuais, favor enviar convite ou proposta para **vicente.martins@uol.com.br**

De forma muito especial, cabe destacar a contribuição do trabalho de Vicente de Paula da Silva Martins para o estudo da cultura fraseológica do português brasileiro. Nesse sentido, vale ressaltar que, no português do Brasil, entre 3.000 e 4.000 palavras de origem africana sobrevivem dentro da variedade oral, segundo dados do próprio autor. Esse fato coloca o português brasileiro em uma posição privilegiada para o estudo de culturemas, não apenas do ponto de vista intralinguístico, mas também contrastante em relação à variedade europeia de português.

Carmen Mellado Blanco  
(Universidade de Santiago de Compostela - Espanha)

O objetivo deste trabalho é claro: preencher uma lacuna nos estudos psicolinguísticos sobre a aquisição de expressões idiomáticas no Português do Brasil, ajudando assim a fomentar pesquisas sobre Fraseologia já destacadas no Brasil por inúmeros especialistas (M<sup>a</sup> Luisa Ortiz Álvarez; M<sup>a</sup> Eugênia Olímpio de Oliveira Silva; Rosemeire Monteiro-Plantin; Claudia Xatara, Claudia Zavaglia, Cleci Regina Bevilacqua, entre outras). Portanto, não há dúvida de que as questões mencionadas neste volume não passarão despercebidas e darão origem a promover, se possível, essa atividade maravilhosa em torno de uma disciplina que está expandindo seu campo de estudo das diferentes ciências da linguagem, sem medo a uma fraseologização desastrosa, mas, ao contrário, benéfica à linguagem e aos estudos linguísticos.

M<sup>a</sup> Isabel González-Rey  
(Universidad de Santiago de Compostela - Espanha)

